

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS – LINGUÍSTICA APLICADA
LINHA DE PESQUISA: AQUISIÇÃO, VARIAÇÃO E ENSINO

LUIZ HENRIQUE TOUGUINHA DE ALMEIDA
Orientador: Prof. Dr. VILSON JOSÉ LEFFA

**LETRAMENTO DIGITAL E PERFIL DISCENTE: EXISTE UMA
RELAÇÃO?**

LUIZ HENRIQUE TOUGUINHA DE ALMEIDA

**LETRAMENTO DIGITAL E PERFIL DISCENTE: EXISTE UMA
RELAÇÃO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Vilson José Leffa.

Pelotas, 2010

TERMO DE APROVAÇÃO

LUIZ HENRIQUE TOUGUINHA DE ALMEIDA

LETRAMENTO DIGITAL E PERFIL DISCENTE: EXISTE UMA RELAÇÃO?

Aprovada em: Pelotas, 10 de setembro de 2010.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosária Ilgenfritz Sperotto (UFPel)

Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn (UCPel)

Orientador: Prof. Dr. Vilson José Leffa (UCPel)

DEDICATÓRIA

Ao meu 'falante' neto Gabriel, hoje com 6 anos, para que perceba a importância de seu amplo e muito utilizado vocabulário (linguagem) na organização de seus pensamentos e produção de sentido e, também, da aquisição dos letramentos para o exercício pleno de sua cidadania.

AGRADECIMENTOS

Ao PPGL da UCPel, na figura de sua coordenadora, professora Dra. Carmen Lúcia Matzenauer, pelas muitas demonstrações de confiança, carinho e todas formas de incentivo a mim dispensadas.

A todos os professores que articularam mais esse processo de letramento, o mestrado, que resultou neste trabalho de pesquisa.

Ao meu orientador, professor Dr. Vilson José Leffa, por seu jeito muito peculiar de ser e orientar, oportunizando-me chegar aos resultados aqui apresentados com o sentimento de autoria, de dever cumprido, [resultados esses] calcados em outros saberes e dizeres, protagonizados por reconhecidos estudiosos e por ele tão bem orientados.

À Val, por seu comprometimento com o programa e dedicação, atenção e eficiência no atendimento a todas as nossas necessidades acadêmicas.

À grande amiga Veridiana Caetano (Veri), pelos muitos e freqüentes *bate-bola*, nos quais por vezes desempenhou o papel de companheira de equipe e, por vezes, o de juiz, sem os quais esse *jogo* teria sido bem mais difícil.

A todos os meus colegas de trabalho, que entenderam e aceitaram minhas *presenças ausentes* e dedicaram-se, muitas vezes, a atividades de minha responsabilidade.

Ao meu pai Walter (em memória) e minha mãe Carmen por, com seus exemplos, me terem mostrado uma vida de retidão, de perseverança e, também, pela minha existência, sem o que nada disso seria possível.

À minha mulher Célia e meu filho Rafael, pela compreensão dos momentos de concentração, de estudos e dedicação a este trabalho, que com eles não dividi. Ao contrário de mim eles, generosamente, dividiram os deles comigo, me proporcionando as condições necessárias para tal.

Por fim, a Deus, por me ter presenteado com a participação, em minha vida, de todas essas pessoas que aqui tenho a oportunidade de agradecer. Por me ter presenteado com a possibilidade de cursar e concluir este mestrado e por me ter concedido a Graça de me constituir em quem sou.

(...) depois que tu conheces a internet tu não para mais... tu comesças a pesquisar, pesquisar, pesquisar...sobre flores... sobre tudo,... tu clicas e ta ali... é um mundo mágico, não é? Prá mim foi! (AaPVI, 2010)¹

¹ Aluna formanda, do curso de Pedagogia, matriculada no pólo de apoio presencial da Unopar Virtual, em Rio Grande – RS, integrante do grupo de sujeitos pesquisados do presente trabalho.

RESUMO

Este estudo investiga a influência das tecnologias da informação e comunicação atuais na constituição de subjetividades, num contexto acadêmico. Partiu da constatação de que discentes calouros, de cursos de graduação a distância, encontram dificuldades em seus desempenhos acadêmicos por conta do manejo das tecnologias, cujo domínio se impõe para as atividades sociais contemporâneas. Para tanto, dois momentos compõem o trabalho: o de pesquisa documental e o de pesquisa empírica de campo. Dessa forma, essa dissertação é resultado de uma leitura e de uma escrita hipertextuais, ainda que na maioria das vezes físicas, no momento em que várias fontes foram consultadas e, não raramente, uma remetia à outra. Da mesma maneira a escrita, que foi se somando às ideias percebidas nos diversos textos, construindo este novo, reflexo de novos entendimentos e construção de conhecimentos. Esse tipo de leitura focal busca especificamente os conceitos pertinentes ao objeto de estudo nas obras, que acabam por indicar novos títulos e autores. Essa característica acaba produzindo uma lista de referências bastante expressiva em quantidade e qualidade, cuja descrição, na íntegra, não é própria para resumos, mas está devidamente registrada ao final, conforme as normas. O capítulo 1, aporte teórico, busca dar conta na seção 1.1 e sua subseção, das sociedades, das tecnologias e dos elementos condicionantes de cultura com um viés para a educação. Na 1.2, trata de identidades e relações sociais e se subdivide em 3 subseções, que abordam as questões da linguagem como base na constituição de identidades, bem como a influência das relações sociais nessa constituição, além das relações sociais e as tecnologias no cotidiano. A seção 1.3 aponta a WWW como uma nova dimensão de acesso ao mundo, enquanto a 1.4 busca descrever os atores desse novo cenário que se apresenta, os nativos digitais e os imigrantes digitais. O item 1.5 atenta para a inclusão e exclusão digital e o 1.6 e sua subdivisão, trazem a questão do letramento alfabético e letramento digital. Subjetividades e letramentos são os temas abordados na seção 1.7, que encerra o capítulo do aporte teórico, no qual estudiosos como Bakhtin, Deleuze, Foucault, Guattari, Heidegger, Lévy, Rheingold, Votre, Vygotsky e Warschauer se destacam, entre outros. A pesquisa empírica de campo adotou uma metodologia que privilegiou a observação dos sujeitos pesquisados em situações de contexto acadêmico e posterior entrevista. Foi realizada no primeiro semestre de 2010 e teve como sujeitos pesquisados, 2 alunas, uma caloura e uma veterana, do curso de pedagogia, modalidade a distância, regularmente matriculadas no polo de apoio presencial da Unopar – Universidade Norte do Paraná –, em Rio Grande-RS, além de uma tutora de sala e de uma ex-aluna, já graduada, sendo que a ideia de incluí-la no grupo aconteceu durante o processo de investigação. Como resultado dos trabalhos desenvolvidos, concluiu-se que a aquisição do letramento digital, a exemplo da aquisição do letramento alfabético, exerce forte influência nos modos de subjetivação, dos alunos de graduação da modalidade a distância. Essa aquisição se traduz em modos de subjetivação que interferem diretamente na constituição de subjetividades, quer no aspecto discente, quer possivelmente no relacional/social e no profissional.

Palavras-chave: educação, letramento digital, subjetivação, subjetividade.

ABSTRACT

This study investigates the influence of information and communication technology on the current constitution of subjectivities, in an academic context. It started from the finding that freshmen students, in undergraduate distant courses, encounter difficulties in their academic performances on account of technology management, whose domain is required for the contemporary social activities, which justifies it. To this end, two moments were selected for the dissertation: field documentary and empirical research. Thus, this dissertation is a result of a hypertextual reading and writing, though most often physical, at the moment that several sources were consulted and, not infrequently, referring to one another. Similarly the writing, which was added up to the ideas taken from various texts, reflected new understandings and knowledge construction. This kind of focal reading searches specifically relevant concepts in the object of study in investigations, which ultimately lead to new titles and authors. This feature ends up producing a very impressive list of references, both in terms of quantity and quality, the full description of which is not suitable for abstracts, but is duly recorded at the end, according to the rules of academic style. Chapter 1, the theoretical background, extends from section 1.1 and its subsection and deals with societies, technologies and fundamental elements of culture, with a focus on education. Section 1.2 deals with identity and social relations and is subdivided into three subsections, which deal with issues of language as a basis in the constitution of identities and the influence of social relations on this constitution, and social relationships and technologies in everyday life. Section 1.3 shows that the WWW as a new dimension of access to the world while section 1.4 describe the actors in this new scenario, the digital natives and digital immigrants. Item 1.5 is concerned with digital inclusion and exclusion and 1.6, and its subdivision, brings the question of alphabetical literacy and digital literacy. Subjectivities and literacies are the topics dealt with in section 1.7, which closes the theoretical chapter, in which scholars such as Bakhtin, Deleuze, Foucault, Guattari, Heidegger, Levy, Rheingold, Votre, Vygotsky and Warschauer stand out. The empirical field research adopted a methodology that focused on subjects' observation studied in *situations* of academic context and subsequent interview. It was conducted in the first half of 2010 and had as subjects studied, two students, a freshman and a veteran from a Pedagogy university course, in the distance mode, regularly enrolled in the face-to-face unit of the support pole Unopar — University of Northern Parana, Rio Grande -RS, plus a tutor room and a former student, now graduated, whose idea of inclusion in the group occurred during the research process. As a result of this study, it was concluded that the acquisition of literacy, such as the acquisition of alphabetic literacy, exercises a strong influence on modes of subjectivity. This acquisition is reflected in modes of subjectivity that interfere directly on the constitution of subjectivity, whether as students or professionals.

Keywords: education, literacy, *subjectivation*, subjectivity, language.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS	98
INTRODUÇÃO	11
1 APORTE TEÓRICO	20
1.1 TECENDO RELAÇÕES ENTRE OS ELEMENTOS CONDICIONANTES DE CULTURAS E SUAS TECNOLOGIAS COM UM VIÉS PARA A EDUCAÇÃO.....	20
1.1.1 TECENDO RELACIONAMENTOS E CONSTRUINDO CONHECIMENTOS.....	25
1.2 IDENTIDADES: DA BASE CONSTITUTIVA ÀS RELAÇÕES SOCIAIS.....	29
1.2.1 LINGUAGEM COMO ELEMENTO BASE CONSTITUTIVO DE IDENTIDADES.....	30
1.2.2 RELAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.	35
1.2.3 RELAÇÕES SOCIAIS E TECNOLOGIAS.....	37
1.3 A WWW: UMA NOVA DIMENSÃO DE ACESSO AO MUNDO.....	42
1.4 NATIVO DIGITAL E IMIGRANTE DIGITAL.....	47
1.5 INCLUSÃO E EXCLUSÃO DIGITAL.....	49
1.6 LETRAMENTO.....	53
1.6.1 LETRAMENTO ALFABÉTICO E DIGITAL.....	54
1.7 SUBJETIVIDADES E LETRAMENTO.....	59
2 METODOLOGIA	69
3 ANÁLISE DOS DADOS	74
CONCLUSÃO	93

ANEXOS	104
ANEXO I.....	105
ANEXO II.....	106
ANEXO III.....	107
ANEXO IV.....	108
ANEXO V.....	109

INTRODUÇÃO

Há registros da educação na Antiguidade, por volta do século XXVII a.C., que apontam um aluno submisso, passivo, disciplinado e obediente, pronto para reproduzir os ensinamentos transmitidos oralmente (único tipo de linguagem na educação da época), com o claro objetivo de perpetuar a imutabilidade e autoridade dos adultos, que era o foco do tipo de sociedade constituída na época (MANACORDA, 2006). O mesmo perfil também é mantido no Médio Império (2133 a 1786 a.C.) ainda que, além da linguagem oral, tenha sido incluída a de textos escritos, através de rolos de papiro — primeira tecnologia inserida na educação —, aos quais os alunos não tinham acesso. Entretanto, no Novo Império, quando os interesses são as grandes batalhas, a educação, além da instrução intelectual, se volta para o físico-militar, a partir do que se presume deva ser um aluno disciplinado, com o pensamento em se constituir um guerreiro, com corpo forte e com habilidades para o manejo das tecnologias de guerra, então introduzidas nas atividades educativas (MANACORDA, 2006).

Esses perfis vão se adaptando conforme os momentos e os elementos condicionantes de culturas — paradigmas, sociedades, tecnologias, etc. —, passando por educações como a grega, que despertou nos jovens o fascínio pela oratória, inspirados nos sofistas que eram especialistas em retórica. Essa educação também os influenciou a serem guerreiros na juventude e políticos na idade avançada (ARANHA, 1996). Já na educação européia, na Alta Idade Média, alunos e professores eram colocados numa sala de aula, com atividades baseadas em textos aos quais somente os professores tinham acesso, ainda que já tivesse chegado à Europa o papel, criado pelos chineses (SOUZA E NUNES, 2000), uma vez que a socialização do livro só aconteceu a partir da imprensa de Guttemberg e da impressão da Bíblia (ALVES, 2003). Percebe-se que, embora a língua escrita esteja presente, ainda prevalece a oralidade através da qual as informações eram passivamente recebidas pelos alunos, mesmo sendo previsto um momento destinado à discussão da aula anterior que nem sempre acontecia (SOUZA E NUNES, 2000).

A história avança, criam-se novas situações, novos contextos e tecnologias surgem e são incorporadas à educação: lápis e canetas como materiais

de escrita, mimeógrafo e copiadoras como materiais de reprodução e até mesmo o gravador, que mudou o foco, no ensino de línguas, do texto escrito para a oralidade.

As sociedades evoluem e com elas suas tecnologias e os modos de mediação educacional. Até há aproximadamente 40 anos predominavam, inabaláveis, o livro e demais mídias impressas. Na atualidade, além dessas, têm-se as mídias sonoras, televisivas e telemáticas como forma de comunicação. A medida que surgem, as tecnologias vêm sendo incorporadas à vida cotidiana, nos diversos setores sociais, havendo uma relação direta entre necessidade/introdução/aquisição de competências e habilidades para o manejo das novas ferramentas. No caso dos materiais de escrita acima citados, por exemplo, além da educação, esses materiais faziam parte, também, das demais atividades sociais, inclusive e principalmente de atividades do mundo do trabalho. Esse setor teve, além dessas e algumas outras, a máquina de datilografia como importante material de escrita, tecnologia que embora transitasse por alguns outros espaços, bem caracterizava os de trabalho. Essa ferramenta, além de relativamente otimizar o tempo de execução das tarefas, organizava e apresentava de maneira mais eficiente os trabalhos desenvolvidos.

Seu uso, entretanto, não chegava a produzir novos entendimentos, linguagens e conceitos significativos. Além das vantagens citadas, representavam ou reproduziam exatamente o que um lápis ou uma caneta reproduziriam ou representariam se utilizados. Embora se constituísse em uma tecnologia de ponta no mundo do trabalho e transitasse por alguns outros setores, era mais comumente encontrada em escritórios e similares e, as competências e habilidades necessárias à sua operação eram buscadas por pessoas da área ou que pretendiam nela ingressar.

O computador que, na sequência, ocupa o lugar dessas máquinas como material de escrita, carrega consigo uma complexidade maior. Muda conceitos, apresenta novas linguagens e poucos setores da esfera social dispensam seu uso. Torna-se, assim, fundamental no desenvolvimento de qualquer atividade cidadã, não podendo ser encarado como simples recurso de escrita, fazendo parte de um conjunto de tecnologias de informação e comunicação que surgem a partir das décadas de 60 e 70.

Dessas novas Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC's –, as que mais se destacam são o computador e a internet por suas possibilidades de interação (ação entre sujeitos mediada pela máquina) e interatividade (ação entre

sujeito e máquina). Essas possibilidades proporcionam, através de teias de relacionamentos, novas maneiras de construção de conhecimento, a partir de trocas de experiências de toda ordem: desde intelectuais e culturais a afetivas e sociais. Para Rheingold (1996), nessas formas de relacionamento virtual as pessoas praticam quase tudo o que fazem no mundo real.

As comunidades virtuais, que integram as redes de relacionamentos, caracterizam-se pela troca virtual de saberes entre pessoas com interesses comuns configurando, segundo Lévy (1994), uma inteligência coletiva que visa à construção de novos conhecimentos sem, contudo, desprezar a inteligência, características pessoais e tempo necessário para que o processo aconteça. Essa construção de conhecimento, do coletivo para o individual, é estudada desde a década de 20, por Vygotsky (1994), motivo pelo qual não pode ser considerada como nova a partir das TIC's, mas é inegável sua intensificação depois delas.

A aceleração do processo de desenvolvimento das TIC's acontece na década de 70, juntamente com o processo de globalização cuja aceleração iniciou em meados da década de 60. Esses eventos estabeleceram novas relações no mercado de trabalho a partir das também novas exigências do capitalismo, que passou a impor um perfil de trabalhador mais eficiente, flexível e polivalente, a fim de atender às necessidades emergentes na contemporaneidade.

Não basta, entretanto, ter acesso ao computador e à internet. Satisfazer apenas a um processo de alfabetização digital, assim como a simples alfabetização baseada no alfabeto, não garante competência no manejo dessas ferramentas para o desenvolvimento de atividades nem, tampouco, ganhos na qualidade de vida. Nesse sentido, faz-se necessário o letramento digital que, novamente a exemplo do letramento alfabético, quanto mais próximo à plenitude, maiores as chances de sucesso nas atividades sociais e, também, de exercício da cidadania.

A educação é que deve se preocupar em formar o cidadão capaz de conduzir com competência os destinos dessa nova sociedade que, cada vez mais, exige para o sucesso pessoal, profissional e social, o domínio das TIC's, que nem sempre estão facilmente acessíveis à grande parte da população. Na tentativa de suprir essa deficiência o processo educacional tenta incorporá-las. Na modalidade presencial, contudo, não se observam resultados significativos², na maioria das

² Pesquisa realizada em 2008 in: ALMEIDA, L.H.T. *Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC's – na escola: ferramentas para o sucesso*. Manaus: Anais Congresso Edutec, 2009.

vezes por desconhecimento docente de sua utilização. Já na modalidade a distância, tais domínios são inerentes ao processo e naturalmente exigidos dos envolvidos com a docência, o que leva a Educação a Distância — EaD — a ser a modalidade de ensino que mais se beneficia das inovações tecnológicas, principalmente do computador e da internet, que medeiam o acesso às informações com suas linguagens textuais, sonoras e visuais.

Estudar se e de que maneira essas linguagens, pelo maior ou menor uso do computador com maior ou menor interação, nas atividades educativas, influenciam as subjetividades discentes e os preparam para o esperado do cidadão da atualidade, é norte deste estudo. A escolha do tema se deu a partir da constatação³ de que alguns alunos que buscam os cursos de graduação na modalidade a distância, oriundos de estudos presenciais, apresentam problemas próprios de imigrantes digitais — aqueles que não nasceram na era da informática e necessitam se capacitar para o uso —, que são as dificuldades em lidar com o novo, em dominar as TIC's e ter uma postura autônoma, aspectos esses, não incentivados pela educação tradicional, por ainda se apresentar conteudista, *transmitindo* conhecimentos prontos e engessados. Os que conseguem superar as primeiras dificuldades evoluem no processo e apontam para um perfil diferente do daqueles que não se sentem impelidos ao enfrentamento para vencê-las. A irreversibilidade da imposição das TIC's e sua importância no contexto atual, justificam este estudo que busca fundamentos em estudiosos e teóricos cientificamente reconhecidos e, também, numa pesquisa de caráter qualitativo.

O estudo aqui apresentado, em seus aspectos principais, é feito à luz da contemporaneidade, termo repetitivamente utilizado em falas e escritas, cujo significado fundamenta-se, neste trabalho, em Giorgio Agamben, autor da obra *O que é o contemporâneo e outros ensaios* (2009), na qual, por vezes, traduz o pensamento de Michel Foucault. Ser contemporâneo é ter a consciência de que o tempo presente, em suas dúvidas, suas sombras, vai buscar respostas no passado, segundo Foucault, e que momentos do passado alcançarão entendimento somente em algum ponto de sua história, conforme Walter Benjamin. Assim, Agamben (2009) sugere que ser contemporâneo é ser/estar não apenas no nosso século, no *agora*,

³ Constatação em um pólo de apoio presencial de universidade a distância, em Rio Grande – RS, do qual o autor é gestor, tutor e aluno regularmente matriculado num curso de especialização em gestão educacional.

mas, também, ter a capacidade de perceber as figuras nos textos e documentos do passado. E é com esse entendimento que este trabalho se desenvolve.

“Se enxerguei mais longe foi porque me apoiei em ombros de gigantes”

Isaac Newton

A dissertação está constituída, além desta introdução, em 3 capítulos e as considerações finais, registradas no título *Conclusão*, conforme comentados a seguir: o capítulo 1, *Aporte teórico*, está dividido em seções e, algumas delas em subseções. Na primeira, 1.1 *Tecendo relações entre os elementos condicionantes de culturas e suas tecnologias com um viés para a educação* e em sua subseção, 1.1.1 *Tecendo relacionamentos e construindo conhecimentos*, busca-se destacar como as pessoas se conduzem de acordo com seus contextos e a influência das tecnologias em suas vidas, no momento em que servem às sociedades e seus sistemas.

Encontram-se, nessa seção, as perfeitas associações entre o paradigma aristotélico, baseado na observação, que perdurou durante quase dois mil anos e as sociedades de soberania, cujas tecnologias, por serem rudimentares, não exigiam grandes conhecimentos para seu manuseio e sim força. Dessa forma, a educação se preocupava somente com o rei e a nobreza que o rodeava; entre o paradigma dominante, que surge com a revolução científica, por volta do século XVI, baseado na matemática e as sociedades disciplinares, situadas por Foucault (1977) nos séculos XVIII, XIX e XX, tendo, segundo o estudioso, neste último, o seu apogeu. Suas tecnologias energéticas, bem mais elaboradas que as das sociedades de soberania e que favoreceram a expansão mecânica do homem, levaram a educação a formar cidadãos com um perfil capaz de lidar com essas máquinas, em linhas de produção de grandes fábricas, surgidas com a Revolução Industrial, no século XVIII.

Por fim, a associação entre o paradigma emergente, que tenta substituir o dominante, a partir do surgimento da mecânica quântica e da teoria da relatividade de Einstein, e a sociedade de controle. Este paradigma, preocupa-se mais com os estudos humanísticos e bem se associa à sociedade de controle, à qual Deleuze (1992) diz que não necessita de espaços fechados para a vigia e controle, como a disciplinar. Suas tecnologias, agora buscam a expansão da mente humana levando o foco da sociedade ao conhecimento cabendo, então, à educação, formar sujeitos mais competentes, que conduzam com eficiência os destinos dessa sociedade.

Tenta, para isso, [a educação], introduzir em seus currículos as novas tecnologias de informação e comunicação com resultados, até este momento, questionáveis.

Percebe-se, então, que os elementos condicionantes de culturas tratados no texto, são os paradigmas, as sociedades e as tecnologias, que norteiam a educação e produzem novos modos de subjetivação e subjetividades. Fundamentam com destaque esse texto, entre outros, Michel Foucault (1977) e Gilles Deleuze (1992).

A seção 1.2, *Subjetividades: da base constitutiva às relações sociais*, subdivide-se em três subtítulos. No texto destinado ao título da seção, busca-se a definição e conceitos de linguagem desde os filósofos da Grécia Antiga. No subtítulo 1.2.1, *Linguagem como elemento base constitutivo de subjetividades*, discorre-se principalmente amparado em Heidegger (2001) e Vygotsky (1994), sobre a importância da linguagem na constituição do homem, nas relações e na formação de culturas além de, passando por Saussure, entre outros, um breve estudo sobre as diferentes correntes epistemológicas que têm contribuído com seus estudos sobre a linguagem, no sentido de responder aos questionamentos e eventos relativos ao tema.

Já no subtítulo 1.2.2, *Relações sociais na construção de subjetividades*, traça-se um panorama das relações sociais às quais o homem está submetido desde que nasce como, por exemplo, as relações de poder e outras que se criam no decorrer da vida, como as estimuladas pelos movimentos sociais deflagrados a partir da década de 70, no Brasil, que acabaram por produzir novos modos de vida e, conseqüentemente, novas subjetividades.

No último subtítulo da seção 1.2, *As relações sociais e as tecnologias*, apresenta-se um breve estudo de como se conduzem as relações sociais de acordo com as tecnologias disponíveis em alguns contextos, desde o surgimento do computador, apontando vantagens e limites quanto ao seu uso.

Já a seção 1.3, *A WWW: uma nova dimensão de acesso ao mundo*, traz a história da WWW desde seu aspecto militar no nascimento, ao final dos anos 60, quando somente instituições militares e grandes universidades a ela tinham acesso, até a abertura proporcionada pelo grande interesse por parte de empresas. Aborda os serviços oferecidos bem como suas vantagens e os cuidados que se deve ter, as maneiras e condições de acesso, relacionando-a às atividades sociais, individuais e coletivas e à educação. A partir dela, que revoluciona e cria novos modos de vida

surgem, também, novos processos de subjetivação e subjetividades. Nesse capítulo, destaca-se como teórico que sustenta os estudos, entre outros, Mark Warschauer (2006).

A seção 1.4, *Nativo digital e imigrante digital*, cujos conceitos estudados foram buscados na própria internet, especialmente no blog <http://webparaeducadores.blogspot.com> (acesso em 16/12/2009) e em Warschauer (2006), trata dos perfis dos usuários da *internet*, distinguindo-os entre os que nasceram antes e depois do evento da *WWW*, ou seja, os imigrantes digitais e os nativos digitais. Conforme os estudos apresentados, os nativos digitais possuem características próprias daqueles que nasceram com as tecnologias da informação e comunicação. Essas passam, por exemplo, por utilizar, simultaneamente, TV, computador, aparelhos de som, computador com várias *janelas* abertas e ler diretamente na tela. Já, os imigrantes, necessitam de muito esforço para romperem barreiras como não escrever diretamente no computador e sim em papel, para depois *passar a limpo*, não ler no monitor, familiarizarem-se com as tecnologias disponíveis, entre outras. Fazem parte, ainda, dessa categoria, aqueles que simplesmente negam a possibilidade de contato com as TIC's, ainda que as percebam, com todo o seu aparato, em quase todas as situações cotidianas. Eles, juntos, compõem o elenco de atores que convivem nesse cenário contemporâneo, extremamente globalizado.

Os estudos propostos na seção 1.5, *Inclusão e exclusão digital*, antecipam, de certa maneira, o principal aspecto dessa dissertação, que é a aquisição do letramento digital para que se alcance a plenitude no exercício da cidadania. Alerta para o fato de que, além de se ter desenvolvidas as habilidades e competências para o manejo dos equipamentos, são necessárias as condições que garantam o acesso a esses equipamentos e, também, o acesso irrestrito à internet. O estudo considera um panorama mundial dos fatores relativos à acessibilidade e aponta algumas disparidades nesse sentido, bem como as causas que levam a tais disparidades.

Warschauer (2006), principal teórico estudado nessa seção, indica que o que deve ser feito, mais urgentemente, em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, para que se pense numa real inclusão digital, é concentrar esforços em ações que levem à disponibilidade de computadores, à extensão e disponibilidade das telecomunicações e ao provimento de centros públicos de

acesso, como recursos físicos e digitais. Como recursos humanos e sociais, o pesquisador aponta o letramento, o conteúdo, a língua, a educação e as estruturas comunitárias, que também influem diretamente no processo de inclusão digital. Estar incluído digitalmente, segundo Warschauer (2006), é um ato de cidadania ou, pelo menos, de direito a ela.

Ainda que sem as demais a seção 1.6, *Letramento*, não conseguisse expressar tudo o que se propõe esta dissertação, ela se constitui, juntamente com o conteúdo de seu subtítulo 1.6.1, *Letramento alfabético e digital*, e a seção subsequente, a 1.7, *Subjetividade e letramento*, no mote do presente trabalho. Encerra em seu corpo textual o quanto tem sido importante a aquisição do letramento alfabético até o momento da história no qual a emergência das TIC's se fez sentir. Muitos programas prevêm a alfabetização tradicional, baseada na decodificação do sistema escrito da língua que, em termos de plenitude cidadã, pouco contribui. Até o advento das TIC's, para tal plenitude, se fazia necessário o domínio da escrita, da leitura e do pensamento em níveis mais complexos. O estudo propõe, nos itens 1.6 e 1.6.1, que da mesma forma que o aspecto alfabético, o digital não se vê atendido no sentido da alfabetização tão proclamada em programas e propagandas políticas e em comerciais institucionais. É preciso, além dela, o domínio das TIC's em suas formas e níveis mais complexos, a fim de que se atendam às necessidades impostas por uma sociedade altamente globalizada, informatizada e voltada para o conhecimento. O desenvolvimento das competências e habilidades necessárias ao domínio nesses níveis de complexidade constitui, a exemplo do letramento alfabético, a aquisição do letramento digital, que potencializa o ser para a plenitude cidadã.

O estudo também propõe que, embora o letramento alfabético seja condição indispensável para o letramento digital, o fato de possuí-lo não garante, automaticamente, essa nova aquisição. É, portanto, muito comum encontrar-se pessoas plenamente letradas alfabeticamente e completamente analfabetas digitalmente, que correm o risco de se verem à margem de atividades sociais contemporâneas. Essas pessoas plenamente letradas alfabeticamente, contudo, reúnem as condições necessárias para a aquisição mais facilitada do letramento digital.

O Capítulo 2, *Metodologia*, anuncia que, num aspecto geral, a pesquisa busca investigar o nível de complexidade dos procedimentos on-line dos sujeitos pesquisados.

Para tanto, adota uma metodologia que se divide em pesquisa documental, que visa a oportunizar momentos de reflexão entre teoria e prática, e uma pesquisa empírica de campo, constituída de observação dos sujeitos pesquisados em situações acadêmicas e de entrevistas individuais, semi-estruturadas. As entrevistas seguem um roteiro que contempla questões ligadas à relação dos sujeitos com as TIC's que, por vezes, foi alterado.

Destaca-se nesse capítulo, também, a composição do grupo de sujeitos pesquisados, formado por uma aluna caloura, do curso de pedagogia, uma aluna veterana, uma tutora de sala e uma ex-aluna, já graduada, todos ligados ao pólo de apoio presencial da Unopar, em Rio Grande, RS.

Para a análise dos dados coletados a partir da pesquisa empírica, realizada no primeiro semestre de 2010, foram considerados os aspectos teóricos que direcionam a pesquisa, buscando-se perceber a influência do contato com as TIC's na produção de subjetividades.

No capítulo 3, *Análise dos Dados*, estão registradas todas as impressões do pesquisador a partir das observações feitas dos alunos em situações de atividades acadêmicas. Encontra-se, também, uma análise generalizada sobre as alunas e a tutora pesquisadas, além das análises específicas de cada sujeito de pesquisa, a partir de dados obtidos de recortes das entrevistas individuais.

Sob o título *Conclusão*, são desenvolvidas considerações a partir da retomada das TIC's como elemento condicionante de cultura, junto a paradigmas e sociedades. Dada essa importância, a escola tenta incorporá-las em seus currículos obtendo mais sucesso na educação a distância, por características da própria modalidade. São retomados, também, os motivos que levaram à pesquisa e a importância da aquisição do letramento digital para o exercício da cidadania. Conclui que tal aquisição exerce grande influência nos processos de subjetivação, que acabam por interferir nas subjetividades.

1 APORTE TEÓRICO

1.1 TECENDO RELAÇÕES ENTRE OS ELEMENTOS CONDICIONANTES DE CULTURAS E SUAS TÉCNOLOGIAS COM UM VIÉS PARA A EDUCAÇÃO

As sociedades se têm organizado conforme características próprias, seus momentos históricos e, também, em função de tecnologias surgidas, mas sempre ancoradas em algum paradigma ao qual, de uma maneira ou de outra, acabam servindo. A educação, como fator de extrema importância nessa organização, se articula com tais características e tecnologias no sentido de formar cidadãos com perfis compatíveis a cada realidade.

Ao paradigma Aristotélico, que estabelecia parâmetros e normas para o estudo da lógica, ética, política, teologia, metafísica, poética, retórica, física, filosofia, psicologia, antropologia e biologia, que se baseava na observação e se manteve durante dois mil anos (MARCONDES, 2005), podem-se alinhar as características das sociedades de soberania às quais, segundo Deleuze (1992, p.1), eram atribuídos objetivos focados em “açambarcar, mais que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida”. Na época, as máquinas eram rudimentares, operacionalizadas por alavancas, roldanas e relógios e, assim, não exigiam habilidades intelectuais para seu manejo, o que fazia com que a educação se voltasse somente para as classes dominantes, privilegiando a poucos, como o soberano e à nobreza que o rodeava.

Já, ao paradigma dominante, baseado na matemática, que surge com a modernidade a partir da revolução científica protagonizada pelos cientistas Bacon, Descartes, Newton, Galileu, entre outros, no séc. XVI e que acabou por substituir o Aristotélico (GADOTTI, 2004), bem se adaptam as características das sociedades disciplinares. Tem, esse paradigma, por base a racionalidade para explicar a nova ciência, e “fornece não só o instrumento privilegiado da análise, mas também a lógica da investigação e o modelo de representação da própria estrutura da matéria” (SANTOS, 1999, p.14).

Do mesmo modo, as sociedades disciplinares, situadas por Foucault (1999) nos séculos XVIII, XIX e XX, acabaram substituindo as de soberania por essas não mais corresponderem às novas expectativas surgidas a partir da revolução científica. Como se pode perceber, ambos, paradigma dominante e

sociedade disciplinar coincidem com uma educação que perdurou no Brasil por aproximadamente 450 anos (GADOTTI, 2004). Essa educação, controlada pelos jesuítas, pregava uma metodologia disciplinadora, punidora, empirista, centrada no autoritarismo do professor, em regimes fechados e vigiados, a exemplo do modelo de fábricas, nas quais a produção era o foco hegemônico do Capitalismo, controlando a mão de obra operária de maneira sistêmica, em rigorosas linhas de produção, oportunizadas pelas tecnologias surgidas a partir do século XVIII e que promoveram a grande Revolução Industrial.

Para o uso dessas tecnologias energéticas, mais elaboradas que as das sociedades de soberania, fazia-se necessário o desenvolvimento de novas habilidades e um aumento da mão de obra, o que levou a educação a se preocupar em formar um número maior de pessoas com o perfil mínimo exigido ao manejo das máquinas e, assim, dar conta da demanda da produção imposta e cobrada pelo sistema do Capital. Convivem, dessa forma, harmonicamente, sociedade disciplinar, educação e paradigma dominante, todos com as mesmas necessidades e exigências.

Esse paradigma, baseado na matemática, é inflexível em seus estudos, exigindo respostas exatas e reduzindo o conhecimento a duas consequências principais: conhecer significa quantificar e conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou (SANTOS, 1999). A indústria e a escola, entre outras instituições, firmavam-se nesses princípios: aquela dividindo operários em espaços fechados e os colocando em linhas de produção, de preferência evitando a comunicação entre eles, num modelo de várias células autônomas formando uma grande célula produtora, disciplinada e vigiada, conforme entendimento de Foucault (1977) e, esta, dividindo alunos, também os encerrando em confinamento e dispendo-os de maneira a facilitar a vigia e controle em sala de aula, para depois mensurá-los e classificá-los em bons e maus alunos, aprovados e reprovados, subjugados ao comando supremo da figura do mestre.

Esse modelo, centrado no professor como detentor do saber e que punia o erro com a reprovação e castigo físico e psicológico, segundo Gadotti (2004), perdurou até meados do séc. XX, quando surgiu o movimento da *Escola Nova* que disseminou pelo mundo a idéia de centrar o ato pedagógico na ação e na atividade

da criança, influenciando sistemas educacionais de diversos países. Esse evento coincide, também, em tempos aproximados, com o abalo às Leis de Newton e a todos os parâmetros, normas e conceitos que nelas se apoiavam, pela emergência da mecânica quântica e da teoria da relatividade de Einstein. Esses fatos colocaram em crise o paradigma dominante e estimularam discussões sobre o surgimento de outro, chamado de Emergente (SANTOS, 1999). Este, passou a se preocupar mais com estudos humanísticos, a fim de dar conta das necessidades impostas pelos novos conceitos científicos, novas idéias e das novas tecnologias de informação e comunicação — TIC's —, que começavam a se desenvolver juntamente com a aceleração do processo de globalização originando, assim, uma nova sociedade, com outras necessidades nascidas de tantas inovações e modificações.

Essa sociedade, denominada por Deleuze (1992) de Sociedade de Controle, já não necessita de espaços de confinamento por ter, a partir de suas tecnologias, ampliado de maneira consistente suas possibilidades de controle, que passou a ser feito mesmo em espaços abertos. Já não valoriza a produção e dedica-se à conquista de mercado, ao convencimento de novas necessidades pessoais, ao consumo e à venda. Os números já não medem mais a produção e sim metas fixadas.

As máquinas dessa sociedade, tão mais sofisticadas que as energéticas, levam o foco da sociedade ao conhecimento, motivo pelo qual também é designada como Sociedade do Conhecimento. Enquanto as energéticas ampliaram a ação mecânica do homem essas buscam a ampliação da mente e, a educação tem, agora, que se preocupar em formar cidadãos com um perfil mais autônomo, flexível, competente, que consigam fazer se cumprirem os destinos dessa sociedade altamente informatizada e globalizada.

Apesar dos primeiros computadores terem surgido na década de 50 e seu uso na educação não passar de *máquinas de ensinar*, pensadas por Skinner, foi somente nas décadas de 70 e 80, com o surgimento dos microcomputadores, que houve um uso mais significativo do equipamento na educação (VALENTE, 1999). As novas ferramentas eram potencialmente eficazes no auxílio na resolução de problemas, na produção de textos, na manipulação de bancos de dados e no controle de processos em tempo real. A partir dessas vantagens, o computador

passa a acenar com uma possível mudança na qualidade da educação, na possibilidade de criação e no enriquecimento de ambientes de aprendizagem.

No Brasil, seu uso no setor iniciou na década de 70, com experiências em algumas universidades. A partir de influências de países como a França e os EUA, desde os anos 80 foram geradas diversas iniciativas sobre o uso da informática na educação que, aliadas aos interesses do Ministério das Ciências e Tecnologias, moveram governo e pesquisadores à implantação de programas educacionais.

Ainda que se acompanhe o que vem sendo realizado em outros países, o resultado na área aqui observado é fruto do trabalho desenvolvido no Brasil, com políticas e propostas pedagógicas da informática na educação fundamentadas nas pesquisas realizadas entre as universidades e a escola pública (VALENTE, 1999).

De qualquer maneira, comparando os avanços pedagógicos conseguidos pela informática no Brasil, França e EUA, constata-se a semelhança dos resultados e, embora nesses países a proliferação de computadores na educação tenha sido marcante, não se encontram práticas pedagógicas transformadoras, a ponto de dizer-se que houve real mudança no processo educacional, que enfatize a criação de ambientes de aprendizagem. O professor ainda controla o ensino, transmitindo informação ao aluno e este, por sua vez, não tem controle do processo de construção de seu próprio conhecimento (VALENTE, 1999), o que deixa claro que o simples uso de tecnologias não muda situações de vínculo a paradigmas e sociedades e, o fato do professor ainda transmitir informação e o aluno ser passivo, serve muito bem ao paradigma dominante e à sociedade disciplinar.

A fim de que se percebam reais mudanças na educação a partir da mediação das TIC's, necessária se faz a clareza sobre os conceitos de interação e interatividade, além dos papéis do professorado, alunado e das próprias tecnologias. Para dar conta de parte dessa importância, Belloni (1999) difere interação e interatividade, buscando situá-las em cada uma das duas correntes, como a seguir:

É fundamental esclarecer com precisão a diferença entre o conceito sociológico de interação – ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre intersubjetividade, isto, é, encontro de dois sujeitos – que pode ser direta ou indireta (mediatizada por algum veículo técnico de comunicação, por exemplo, carta ou telefone); e a interatividade, termo que vem sendo usado indistintamente com dois significados diferentes em geral confundidos: de um lado a potencialidade técnica oferecida por determinado meio (por

exemplo CD-ROMs de consulta, hipertextos em geral, ou jogos informatizados), e, de outro, a atividade humana, do usuário, de agir sobre a máquina, e de receber em troca uma “retroação” da máquina sobre ele (p. 58).

Essa concepção permite concluir que, por focar reciprocidade e troca entre indivíduos, interação é um componente essencial em materiais de orientação sócio-construtivista, enquanto interatividade (ação do homem com a máquina) pode ser suficiente em ambientes construtivistas interacionistas.

Com relação ao papel do professor, a corrente sócio-interacionista defende que seja o de um grande incentivador do aluno, propondo desafios e oportunidades para descobertas (PARKER, 1999). Wilson (1997) já pensava no docente como o responsável por criar um ambiente propício para que a resolução de problemas, ao considerar diferentes perspectivas, fosse transdisciplinar e holística.

Com relação ao alunado, espera-se que encare os problemas de várias perspectivas diferentes, inclusive das de seus colegas, além de ser questionador. Assim agindo, estará construindo conhecimento e desenvolvendo criticidade, essencial na formação do cidadão livre e autônomo. O trabalho conjunto e colaborativo promove nível mais profundo de discussão e compreensão dos assuntos estudados. Parker (1999) e Law (1995) ainda acrescentam que aos alunos cabe, também, perseguir as metas de aprendizado, portanto, monitorar a si mesmos e ser auto-reflexivos, assumindo, assim, maior responsabilidade pelo próprio aprendizado.

Aluno Autônomo é expressão que faz parte da linguagem da Educação, independente de modalidade e, em relação ao tema, Belloni, (1999:30/40) afirma o seguinte:

Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e auto-regular este processo. Este modelo de aprendizagem é apropriado a adultos, com maturidade e motivação necessárias à auto-aprendizagem e possuindo um mínimo de habilidades de estudo.

Por fim, as tecnologias, devem ser os instrumentos que medeiam o acesso do aluno às informações, coadjuvantes do docente e, conseqüentemente,

ferramentas que auxiliarão na transformação dessas informações em construção de conhecimento. Assim, com alterações nas práticas pedagógicas e a consciência dos papéis que cada um dos atores deve assumir, percebe-se a afinidade dessa educação com o paradigma emergente, que se preocupa com os problemas humanísticos, bem como com a sociedade de controle, que embora liberte as pessoas dos espaços de confinamento e acene com possibilidades de liberdade, mantém um controle bastante rígido, a partir das próprias tecnologias.

1.1.1 TECENDO RELACIONAMENTOS E CONSTRUINDO CONHECIMENTOS

Segundo Lévy (1999), educação, na atualidade, deve considerar as mudanças que ocorrem na relação da contemporaneidade com o saber. Para o autor, pela primeira vez na história, as competências adquiridas por uma pessoa no início de sua carreira, ao final, estarão completamente ultrapassadas, o que faz com que seja importante manter no trabalho a possibilidade constante de renovação e produção de conhecimento.

Do mesmo modo que as máquinas energéticas, emergentes no século XVIII, ampliaram a ação mecânica do homem, as atuais, direcionadas à informação e comunicação, tendem à ampliação da mente humana. A essas tecnologias Lévy (1999) chama de tecnologias intelectuais por entender que elas ampliam, exteriorizam e alteram funções cognitivas como memória, imaginação, percepção e raciocínio. Para ele, os hipertextos, bancos de dados, fichários de toda a ordem acabam influenciando na memória, enquanto que simulações interferem diretamente na imaginação das pessoas. Já os sensores digitais, a telepresença e as realidades virtuais agem sobre a percepção do mesmo modo que a inteligência artificial e a modelização de fenômenos complexos mexem com o raciocínio (LÉVY, 1999).

Essa gama de ferramentas, ao mesmo tempo em que são novas formas de acesso à informação e influenciam o intelectual humano, estão disponíveis em rede, o que as levam a ser partilhadas por um grande número de pessoas, favorecendo, assim, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos (LÉVY, 1999). Esse compartilhamento, de maneira colaborativa ou cooperativa promove, através da interação ou da interatividade, produção de conhecimento. Essa produção se dá através de um processo ao qual Maturana e Varela (2002) chamam

de acoplamento estrutural, em que dois seres, ou um ser e o meio exercem atividades entre si que desencadeiam mudança de estado entre eles. Nesse sentido é importante que se tenha clareza, além da diversidade entre interação e interatividade, vista em Belloni (1999), da diversidade entre colaboração e cooperação.

Para Fiorentine (2004), essa diferença se dá em suas bases etimológicas nas quais *co* significa ação conjunta, *operare* significa operar, executar, fazer funcionar e *laborare* trabalhar ou produzir em vista de um determinado fim. Para o autor, cooperação não implica em ações realizadas por membros de um grupo que tenham sido decididas no coletivo, admitindo, portanto, relações hierárquicas nas tarefas executadas. Já a colaboração prevê um relacionamento não hierárquico, no qual todos trabalham harmônica e conjuntamente, apoiando-se mutuamente, com vistas a um determinado objetivo. Dessa forma, as interações sociais assumem papel de fundamental importância nas situações de aprendizagem.

As redes de relacionamento virtuais, conforme características próprias, referentes a tempo, acabam por oportunizar relações sociais síncronas e assíncronas nas quais o conhecimento coletivo pode evoluir para o individual. E, nesse sentido, os conceitos acima determinam as relações, se cooperativas ou colaborativas, e se há interação ou interatividade. Essas redes são propulsoras, segundo Lévy (1999), do crescimento do ciberespaço e resultam de um interesse internacional de jovens motivados a experimentarem, coletivamente, novas formas de comunicação, diferentes das que as mídias clássicas oferecem.

Para o autor, o ciberespaço é um “dispositivo de comunicação interativo e comunitário” (LÉVY, 1999, p. 29), que como instrumento privilegiado da inteligência coletiva, oportuniza a instituições de ensino a distância o desenvolvimento de sistemas de aprendizagem em rede. Oportuniza, também, a pesquisadores e estudantes do mundo inteiro interagirem ligados por interesses comuns, de maneira que produzam, entre si, alterações de estado cognitivo através de trocas de experiências, ideias, documentos, produções textuais, imagens.

Essas interações e agrupamentos de pessoas de diferentes espaços geográficos, em processos síncronos e assíncronos, organizadas por interesses específicos e comuns, formam verdadeiras comunidades virtuais e apontam para um novo modo de se informar, produzir conhecimento, gerenciar tempo e, assim,

também para um novo modo de ser, uma vez que as tecnologias propõem novas posturas a serem adotadas pelas pessoas nas relações interpessoais.

Como exemplo dessas novas posturas e do fortalecimento das relações sociais, dentre vários outros, tem-se o correio eletrônico: ainda que se quisesse, antes da internet, contatar diariamente todos (ou grande parte) os amigos e parentes, distantes ou moradores da mesma cidade, dificilmente se conseguiria. Escrever-lhes diariamente seria inviável pelo tempo que teria que ser disponibilizado para a escrita, a compra de papel e envelope e a ida ao correio para postagem, sem falar nos custos de tal operação; falar ao telefone, igualmente inviável por tempo e custos; visitar, menos provável ainda. Entretanto pode-se, diariamente, a partir de um único *clique*, disparar *emails*, simultaneamente, a todos os que estiverem na caixa de endereços.

A interação mediada pelo computador e proporcionada pela internet e equipamentos adequados — *web cam*, microfone, caixas de som —, de maneira síncrona, com imagem e som, aproxima as pessoas de qualquer canto do planeta. Permite relações de trabalho como teleconferências, reuniões, além de outras relações sociais de ordem menos formal, tornando mais suportável, para muitos, a ausência de pessoas queridas, ainda que o crítico social Slouka (1995), pregue que existe uma desumanização das relações sociais trazidas pelo computador e as condena, por considerar a vida on-line uma maneira fácil de fugir da vida real.

Um dos primeiros autores a usar e definir o termo “Comunidades Virtuais”, foi Rheingold (1996), que assim o definiu:

As comunidades virtuais são agregados virtuais que surgem na rede [internet] quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas, durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço] (p.20).

Nesse sentido, uma ferramenta amplamente utilizada por comunidades virtuais é o blog que, segundo Barger (2006, p. 98), “são diários mantidos na internet por quaisquer pessoas alfabetizadas. São espaços onde elas podem declarar o que são e o que pensam”. John Barger, jornalista e internauta, deu origem ao termo quando denominou seu diário pessoal na internet de *weblog*, que pode ser traduzido como *registro na web* ou *we blog*, como *nós blogamos*.

No Brasil, estatísticas mostram que 25% dos internautas acessam blogs todos os dias, em busca de informação e de entretenimento⁴, o que ajuda a garantir que se cumpram os objetivos de liberdade de expressão e interatividade propostas pelas TIC's. Assim sendo, as comunidades virtuais, incluindo os blogs, influenciam de maneira efetiva a cultura, as profissões, as empresas, a política e as diversas relações sociais.

Outra forma de relacionamentos que surge com as inovações tecnológicas e, cada vez mais, ganha espaço e força, são os jogos interativos on-line — os *games* — que, por serem simulações da realidade, conforme Lévy (1999), interferem diretamente na imaginação dos usuários.

A grande maioria desses usuários são os chamados *nativos digitais*, que são jovens nascidos nas décadas de 80 e 90, quando já estavam em grande destaque e uso a *internet* e demais tecnologias de informação e comunicação, como celulares, vídeos, jogos, computadores, entre outras, encaradas, naturalmente, como extensões de seus corpos e mentes. Eles possuem características próprias de agir, pensar e se conduzir no cotidiano que os diferenciam dos adultos, que têm que superar barreiras e limites para conviverem com essas ferramentas sendo, por isso, conhecidos como *imigrantes digitais*⁵.

Os *softwares*⁶ dos jogos eletrônicos, ao simularem situações que deverão ser enfrentadas pelos jogadores na virtualidade, proporcionam o desenvolvimento de habilidades que são fundamentais para os movimentos e procedimentos necessários ao enfrentamento de dificuldades no mundo real, como a percepção e a elaboração de estratégias de pensamento e de interações. Dessa forma, as *máquinas* funcionam como dispositivos que provocam mudanças nos modos como os usuários se movimentam, se relacionam, interagem, na construção de novos conhecimentos e, a partir de tanta alteração de estado cognitivo, em suas subjetividades. Esse é o entendimento de Deleuze (1996) ao afirmar que quando nos tornamos diferentes do que fomos, do que poderíamos ter sido, do que estamos sendo e do que

⁴ Revista Época, 31/07/2006, p. 99. BARGER, John. In AMORIN, Ricardo; VIEIRA, Eduardo. *Blogs. Os novos campeões de audiência*.

⁵ Os conceitos de nativos e imigrantes digitais estão mais detalhadamente desenvolvidos na seção 1.4 deste trabalho.

⁶ É um elemento do sistema lógico do computador. Conjunto de instruções que quando executadas, produzem a função e desempenho desejados.

poderíamos estar sendo, há, então, produção de subjetividade por meio desses experimentos e movimentos interativos.

De qualquer maneira, vários são os fatores que contribuem para as subjetivações humanas e, usando o exemplo da linguagem comunicativa, Lévy (1993), remete ao pensamento de que na contemporaneidade existe uma revolução dos mecanismos culturais, no qual se inserem as TIC's, que começa pela escrita, passa pelo alfabeto e pela imprensa e chega à informática, fundamentalmente presente nas atividades cotidianas.

Alerta, entretanto, que por se tratar de um processo que demanda tempo e diversos contextos, as aquisições culturais, já efetivamente conquistadas, não correm o risco de desaparecer. Cita como exemplo o alfabeto, criado há mais de três mil anos e, somente conhecido pela maioria das pessoas há poucos anos. Situações como jogar um *game* na atualidade, da maneira como já é objeto de desejo, satisfação, paixão, de interação e de produção de conhecimento é um elemento integrante e mesmo constituinte de cultura, da mesma forma que o é ler um livro ou, ainda ouvir músicas e ver filmes. Dessa forma, garante o estudioso, “o *virtual* não substituiu o *real*, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo” (LÉVY, 1999, p. 88).

1.2 SUBJETIVIDADES: DA BASE CONSTITUTIVA ÀS RELAÇÕES SOCIAIS

“A linguagem é o espelho imediato das coisas – natureza ou divindade”. Esse era o entendimento de Pitágoras, Demócrito e Empédocles sobre a origem da linguagem na Filosofia antiga. Dentre as diversas concepções sobre linguagem que surgiram na Antiguidade, segundo Cassier (1977)⁷, “Demócrito foi o primeiro a propor a tese de que a linguagem humana se origina de certos sons, de caráter puramente emocional”. Já Heráclito, sugeriu que a palavra é o princípio da existência do ser por entender que ela o sustenta e por possuir uma verdade cósmica universal, não ficando presa aos limites humanos. Ainda em Cassier (1977, p.183), os sofistas atentaram para o pragmatismo da linguagem e a ela atribuíram, como principais funções, “despertar emoções humanas e levar o homem à ação, ao

⁷ Apud ALMEIDA, Miguel Eugênio.UEMS. *Relação da Linguagem com a filosofia e a antropologia filosófica*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/soletras/11/10.htm> - acesso em 20/01/2010.

invés de simplesmente transmitir ideias e pensamentos”. Para Aristóteles, no entanto, a função da linguagem é representar as coisas. Essas passam a existir assim que as nomeamos. Para o filósofo, ela instrumentaliza o pensamento e sua origem é convencional a partir do momento em que o homem a inventa num determinado contexto sócio-histórico-cultural. Faz do homem um ser único, diferenciando-o dos demais animais. Permite-lhe organizar-se em sociedade, através da ação da inteligência, realizando a passagem do mundo da sensação ao mundo da visão e da representação (CASSIER, 1977).

A linguagem, assim sendo, se encontra em uma dimensão complexa de representação das coisas, das sensações e do discurso do homem, que também se constitui por suas falas. Presumidamente, se existe um dizer deve, também, existir uma interpretação que dê sentido a ele. Entretanto, uma interpretação sempre é feita a partir de um ponto de vista que, não necessariamente, é o ponto de vista de quem interpreta.

Ao nascer o homem já recebe uma herança que compõe todo um contexto no qual e a partir do qual se faz ser. Dependendo de sua localização no planeta, essa herança será resultado de determinada cultura. Ainda que algumas poucas antigas civilizações continuem influenciando culturas atuais predomina, na modernidade, o modelo europeu, o que significa que o nosso ponto de vista, a partir do qual interpretamos os mais variados eventos, na verdade não é nosso e sim um ponto de vista baseado num eurocentrismo, que nos vem sendo incutido, que considera que a história começa no oriente e tem seu ponto alto no ocidente⁸.

Interpretar significa esclarecer, explicar o sentido, exprimir o sentimento. O termo está intimamente ligado ao sentido das coisas. Dessa forma o homem é um ser de linguagem e um ser social que se revela e revela, também, a realidade em que vive através da linguagem. Em sendo sociais, as pessoas agem autônoma ou coletivamente sobre as relações, norteadas suas vidas e se constituindo por meio dessas práticas sociais.

1.2.1 LINGUAGEM COMO ELEMENTO BASE CONSTITUTIVO DE SUBJETIVIDADES

⁸ Conhecimentos construídos a partir de anotações nas aulas de Interpretação e Linguagem – PPGL – 2009/2 – Prof. Dr. Jandir Zanotelli.

Em Votre (2002) assume-se, numa linha pragmática, o homem como um ser de linguagem, conceituado como um conjunto de enunciados, atitudes ou processos intencionais formados por termos lingüísticos como sensações, sentimentos, emoções, pensamentos e expectativas. Nesse sentido, cita Rorty (1995, p. 28), que defende que “o eu humano é criado através da utilização de um vocabulário em vez de se exprimir através dele”. Sugere, dessa forma, que em suas subjetividades os seres são signos lingüísticos por se constituírem com matéria discursiva.

Sob esse enfoque, a linguagem passa a ser entendida como um sistema de construção dos humanos e a consciência, a mente e o sujeito, mais do que fontes, são interpretados como processos e produtos na/da linguagem. Por esse viés, apresenta-se, também, a polêmica hipótese de Sapir-Whorf, que em sua forma mais dura diz que sem as palavras e sem os conceitos que elas trazem, seria impossível pensar (Sapir, 1980).

Segundo Heidegger (*apud* MONDIN, 1980), “a linguagem é a casa do ser”, o que remete ao pensamento de que o ser está na linguagem e a linguagem está no ser. Tudo o que o homem diz, faz ou pensa; tudo o que o homem produz culturalmente, está presente à linguagem. Para Heidegger, o discurso é a articulação da significância e, na medida em que assim o é, a convivência pode ser mediada pela comunicação. No seu entendimento, a linguagem se origina dessa significância que nada mais é do que um emaranhado de referências significativas, já compreendido em determinada interpretação. Nessa perspectiva, Mostafa (2008) se refere a Vygotsky como tendo uma visão representacionista do mundo quanto aos processos de linguagem e suas formas de significar. Mostafa (2008, p. 46) referenciando o estudioso, diz que

(...) do lado da linguagem, acomodam-se discursos que destacam a importância dos sentidos e da significação nos processos discursivos de desenvolvimento humano, como se a linguagem contivesse tudo o que ela queria dizer, no sentido de ser a expressão mais significativa da existência humana.

Percebe-se, assim, ser impossível dissociar palavra/linguagem/pensamento (discurso), visto que sem o inter-relacionamento

existente entre eles, não há uma produção de sentido e, para Vygotsky (1991)⁹, “uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra”.

Na busca de um entendimento entre as ideias que as pessoas têm e aquilo que externam em suas falas e/ou escritas, Vygotsky (1991) concluiu que “A estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira como que essa pessoa percebe o universo”, não sendo, portanto, a linguagem apenas um código.

A interdependência entre as raízes genéticas do pensamento e da palavra, segundo o trabalho de pesquisa desenvolvido por Vygotsky e apresentado em sua obra *Pensamento e Linguagem*¹⁰, não constitui um requisito do desenvolvimento da consciência e sim um produto desse desenvolvimento. O arcabouço teórico aponta que há um período em que o pensamento e a fala ainda não se encontram relacionados na criança o que, com a evolução de ambos, gera-se uma conexão que se modifica e desenvolve.

Para o autor, o significado de uma palavra está tão intimamente ligado à linguagem e ao pensamento que fica difícil definir de qual evento se trata. No seu entendimento, uma palavra sem significado é um som vazio e, isso posto, além de ser um critério da palavra, se constitui, também, num componente indispensável. No momento em que é, ainda, uma generalização, um conceito, o significado passa a ser um fenômeno do pensar na medida em que é encarnado pela fala e, um fenômeno lingüístico, na medida em que se encontra ligado com o pensamento e por ele é iluminado.

Dessa união, do pensamento e da linguagem, resulta a ideia de que é um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significante que garante um mundo no qual existem conceitos e culturas que se apóiam na linguagem. Face ao exposto, Vygotsky (1991) sugere que o pensamento, além de passar pelos significados e pelas palavras, é-lhe fundamental uma motivação: “para compreendermos o discurso de outrem não basta compreender as suas palavras — temos que compreender o seu pensamento. Mas também isso não basta — temos que conhecer também suas motivações”.

⁹ Versão para eBook, disponível em www.ebookbrasil.org/eLibris/vigo.html - acesso em 08/02/2010.

¹⁰ Id.

Ainda no sentido de entendimento de construção do *eu*, dada a relevância da relação eu/outro no processo de construção humana, torna-se fundamental o conhecimento de que a concepção de Alteridade ou Outricidade parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do *eu individual* só é permitida mediante um contato com o outro: eu existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato. (<http://www.wikipedia.org/wiki/Alteridade> - acesso em 11/11/09).

Esse conceito expressa, também, o que Gilles Deleuze e Michel Foucault entendem por Alteridade. Para os filósofos, ela está intimamente ligada ao processo de subjetivação. É um processo que emerge a partir do encontro da diferença com o *si mesmo*. A partir desse encontro se estabelece uma nova configuração e compactação surgindo, então, um novo *si mesmo*, e um novo *outro* (DELEUZE, 2005).

Os dizeres, a palavra e as motivações resultam de relações estabelecidas num determinado grupo de pessoas, unidas por ideias e interesses, que partilham um mesmo modo de vida em determinado momento sócio-histórico, ou seja, culturalmente ligados.

Cultura, antropologicamente, tem a ver com a maneira como as pessoas usam os meios naturais para garantir a sobrevivência, conforto e prazer. Fazer parte de uma cultura é pertencer a uma sociedade e saber o que, o como e se algo deve ser feito para alcançar determinados resultados que vão ao encontro do pretendido e esperado para o momento sócio-histórico e contexto vividos.

A linguagem é, sem dúvida, o mais importante traço cultural que se adquire a despeito de outros, como conduta, religiosidade, vestuário, moradia, etc... Ela não é criada pelo indivíduo. Ao contrário, ele, ao nascer, começa um processo de apropriação de uma que lhe é transmitida pela sociedade na qual está inserido e que lhe garante o conhecimento necessário à codificação, que oportunizará a expressão e comunicação a ela [sociedade] pertinentes (MEXIAS, Maria Lucia)¹¹.

¹¹- Artigo: *A Linguagem como espelho de uma cultura*. Disponível em <http://www.fililogia.org.br/marialuciamexias/public/linguacomoespelhodeumacultura.doc> - acesso em 09/02/2010.

Referindo-se a essa relação linguagem/cultura, linguagem/mundo, Humboldt (*apud* MACIEL, 2000, p. 5), assim se manifesta: “a atividade da linguagem é uma mediação entre o espírito e a realidade. O homem vive no mundo que está em torno dele exatamente como a linguagem o apresenta a ele”.

Miguel Reale (2002), em seu artigo *Cultura e Linguagem*, afirma que

homo sapiens não surgiu, no mais remoto tempo, por ter assumido uma posição erecta, combinando o poder criador da mente com a liberdade de servir-se dos braços e da mão, mas também por ter-se tornado senhor da arte de comunicar-se com os demais indivíduos, substituindo o grito animalesco pela palavra aliciadora.

Cita, também, Heidegger (2001) e Gadamer, que proclamam que a linguagem é o solo da cultura, entendida em seu sentido antropológico, o que leva ao pensamento de que o “ser do homem é o seu *dever-ser* consubstanciado na linguagem que o tornou capaz de realizar-se como pode e deve fazê-lo”¹². Os homens mudam o mundo ao mudar a linguagem. Mudar o modo como se fala é mudar aquilo que se é. O saber novo é um modo novo de dizer (VOTRE, 2002).

A origem da linguagem, ao longo dos séculos, tem sido preocupação constante de estudiosos. Representantes das diversas ciências buscaram respostas, controversas na maioria das vezes e, com o surgimento das ciências naturais, quando até mesmo as ciências humanas para serem reconhecidas cientificamente nela buscavam métodos, esses estudos se viram mais polemizados, na tentativa de estabelecimento de uma base científica que atendesse às expectativas humanistas.

Diferentes correntes epistemológicas estudaram e debateram o assunto, como empiristas e racionalistas. Conforme Bach (1970), para os empiristas as imagens sensoriais seriam transmitidas ao cérebro como impressões e se transformariam em ideias associadas a determinadas experiências. Já, para os racionalistas, que têm Chomsky como expoente, o importante seriam as estruturas intrínsecas nas operações mentais, a partir de processos e princípios de organização na percepção e princípios inatos na aprendizagem.

Surge, também, no início do século XIX, Saussure com sua teoria que estabelece a diferença entre *langue* (sistemas de signos, fenômeno coletivo e social) e *parole*, que é a relação individual dessa *langue*, base de sua teoria lingüística (MACIEL, 2000).

¹² Disponível em <http://www.miguelreale.com.br/artigos/cultling.htm> - acesso em 09/02/2010.

Empiristas, racionalistas, estruturalistas, comportamentalistas: correntes epistemológicas que embora com princípios e argumentações divergentes, de uma ou outra forma têm deixado sua contribuição para a ciência e têm um ponto em comum: a necessidade de respostas para os eventos relativos à linguagem e o homem, que atendam às expectativas da humanidade sobre a constituição do ser e seus procedimentos em sociedade, influenciados pela linguagem.

Ainda assim, a despeito de todos os estudos realizados sobre a linguagem, sempre haverá respostas a serem buscadas. Reflexão sobre os conhecimentos na área em questão é proposta por este estudo, com respaldo nas visões de Humboldt e, também, no construto teórico de Sapir- Whorf, que diz que o homem vê o mundo do modo que lhe é apresentado pela linguagem (SAPIR, 1980) e de Vygotsky (1991), que prega que a linguagem garante um mundo de conceitos e de culturas. Questiona-se, aqui, *como as diferentes linguagens oportunizadas pelas TIC's, num contexto que aproxima sociedades, têm influenciado a humanidade?*

Espera-se que, até o final, este estudo oportunize que se encontre a resposta a esse questionamento.

1.2.2 RELAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Os seres iniciam sua relação com o mundo a partir de relações de poder, que se reproduzem nas práticas sociais e institucionais. Modificar essas relações implica reunir forças impulsionadas por ideias comuns, normalmente carregadas de ideologias, que unem em grupos pessoas com perfis semelhantes, que investem em novas relações que acabam por produzir novas subjetividades. Foucault (1994), sustenta que o poder existe enquanto são possíveis ações sobre ações. Dessa maneira, não é bipolar e sim relacional, se constituindo num instrumento fundamental de operação humana.

A década de 70 é marcada por movimentos sociais deflagrados em todo o país. Surge, daí, uma nova concepção de cidadania, calcada no trabalho, na vida e na luta social no sentido de enfrentar, coletivamente, a exploração, a miséria e a desigualdade social. A evolução desses movimentos leva, na década de 80, a outros, em favor de creches, escolas, saúde, moradia e contra a discriminação de negros, mulheres e homossexuais. A ecologia, a paz e o direito das crianças

também são alvos desses movimentos. Essas lutas, em busca do exercício da cidadania, formam novos sujeitos com novas identidades político-sociais (MORAES, 2005).

A questão social só começou a desempenhar um papel revolucionário quando, na Idade Moderna, e não anteriormente, os homens começaram a duvidar de que a pobreza fosse inerente à condição humana, a duvidar de que a distinção entre os poucos que, por circunstâncias, força ou fraude, tinham conseguido se libertar dos grilhões da pobreza e a miserável multidão trabalhadora fosse inevitável e eterna (Arendt, 1971:22).

Com esse pensamento, Hannah Arendt (1971, *apud* BODSTEIN, R., C. de A., 1997), alerta para o fato de que os problemas sociais da modernidade, diferentemente das concepções políticas que têm sua origem na Antiguidade grega, surgem sem que tenham sido deixados de herança. Face ao exposto, não há uma explicação plausível para a pobreza, a injustiça, a desigualdade e a exploração social. Nessa perspectiva, sociedade representa a desigualdade e a diferenciação social que passam, na modernidade, a adquirir visibilidade e, seus ocupantes, por séculos escondidos na sombra da vergonha, passam, agora, a aspirar sua participação na vida pública (BODSTEIN, 1997).

Esse movimento da esfera pública, nesse contexto de modernidade, antes de promover a liberdade, igualdade e autonomia do homem, deixa clara a confusão entre trabalhador e cidadão e a tensão permanente entre política e desigualdade. Por outro lado, esse mesmo contexto reserva à esfera privada, que se amplia, o sentido de proteção à subjetividade e à intimidade, o que implica numa ruptura com os sistemas de classificação e hierarquia social, provocando conflitos entre indivíduo e sociedade e entre esfera pública e privada (BODSTEIN, 1997).

Surge, assim, uma nova noção de indivíduo e novas categorias político-sociais, apoiados numa representação liberal, universal e igualitária da ordem social em construção. Um dos traços mais marcantes desse sistema de classificação social é dado, agora, pela distinção entre os capazes e incapazes de trabalhar, o que, de certa forma, é um critério definidor de cidadania (BODSTEIN, 1997).

Como as TIC's se inserem, cada vez mais, em todos os setores sociais, especialmente no mundo do trabalho formal, este estudo destaca a importância da

luta dos movimentos sociais pela aquisição, de maneira igualitária, das competências e habilidades necessárias ao acesso à rede mundial de computadores, à aquisição de equipamentos e ao letramento digital, individual e coletivamente, a fim de que se formem pessoas que exerçam dignamente sua cidadania.

Nesse sentido, Pierre Lévy em sua obra *Cibercultura* (1999), alegando que embora pareça estranho falar em *movimento social da cibercultura*, uma vez que é um fenômeno considerado como técnico, sustenta a tese de que “a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes” (p.123)

A questão dos movimentos sociais, nesta seção, é destacada para que se perceba a importância da organização das pessoas por interesses comuns — comunidades — no sentido de trocas de experiências, construção de conhecimentos e mesmo alcançar objetivos individuais e coletivos. Esses movimentos, ainda que temporários, constituem verdadeiras comunidades, nas quais a interação leva a novos entendimentos, novos modos de vida e, conseqüentemente, novas produções de subjetividades.

1.2.3 AS RELAÇÕES SOCIAIS E AS TECNOLOGIAS

A língua falada sempre ocupou um papel maior de interação e, os textos escritos, o de interpretação e reflexão. Essa é a ideia de J. S. Bruner, *The Relevance of Education* (apud WARSCHAUER, 2006). Justifica-se tal pensamento por a fala ser altamente contextualizada e marcar o momento vivido, ao contrário da escrita que, embora possa ser acessada e analisada por muitos em vários momentos, não dá, ou não dava, até o advento do computador e da internet, a dimensão de interatividade síncrona.

A partir desses acontecimentos, pela primeira vez na história da humanidade, é possível a interação rápida e síncrona através da escrita, o que permite, além da troca de pensamentos e informações, o registro e reflexão sobre

elas. Warschauer (2006), registra que, por milhares de anos, as possibilidades de reuniões , nas quais havia comunicações entre as pessoas, foram limitadas à praça pública, à assembleia da aldeia ou mesmo à Câmara Municipal.

No entanto, o século XX traz grandes novidades na comunicação que, embora sem grande impacto social pela pouca quantidade de redes orais incorpora, como tecnologias de radiodifusão interativas, a teleconferência e o radioamador. Esse impacto é considerado pequeno, principalmente quando comparado à comunicação mediada por computador que permite, numa única discussão, a participação de até milhares de pessoas. Este sim causa impacto de expressão sobre os diversos aspectos do cotidiano como os negócios, a vida amorosa, a política e, principalmente, na área do conhecimento, conforme Warschauer (2006).

Destaca o autor que, nessa área, as fontes de informação são organizadas de maneira horizontal, através de hipertextos na internet, que oportuniza informações encadeadas numa enorme rede, com centenas de milhões de documentos-fonte postados e compartilhados por milhares de pessoas no mundo todo, sem contar com o avanço dos elementos visuais e audiovisuais representados por filmes, vídeos e pela televisão, valorizando o papel das imagens, até então relegadas a um segundo plano.

Ainda que se esteja só, por meio da leitura interage-se com outras pessoas, mantendo-se um diálogo acerca do tema. Nos hipertextos, essa interação acontece de maneira bastante acentuada no momento em que, por sua própria conceituação de evento comunicacional, interativo, não-linear, intertextual e heterogêneo possibilita, a cada leitura, novos entendimentos, novas construções de significados e novos diálogos. A não linearidade é caracterizada por não haver uma ordem de leitura a ser seguida, ainda que tal possibilidade possa existir na ideia do autor. Esse percurso de leitura cabe somente ao leitor/usuário, de acordo com suas intenções, circunstâncias e possibilidades.

Como ressalta Marcuschi (1999, p. 9, *apud* FIORENTINI E MORAES [orgs.], 2003, p. 53), o hipertexto é topográfico, “não é hierárquico nem tópico, por isso ele é um espaço de escritura e leitura que não tem limites definidos para se desenvolver”. Dessa forma, o leitor atua no hipertexto, acessando pontos e trechos que lhe interessam, em momentos possíveis, optando por todo ou partes do hipertexto.

Ângela Alves Correia e Geórgia Antony, no artigo *Educação hipertextual: diversidade e interação como materiais didáticos* (In: FIORENTINI & MORAES [orgs] 2003, pp. 51-74), assim como Warschauer (2006), acreditam que o hipertexto, de certa forma, reproduz de maneira mais perfeita o que já existe. Elencam, para exemplo, a enciclopédia e o dicionário que, pelo uso do índice, proporcionam um acesso não linear às informações contidas em seu corpo. Apontam, também, as bibliotecas que, com seus catálogos e arquivos, podem ser consideradas como um grande hipertexto, possibilitando acesso a diversos conteúdos em um mesmo local. Estão, mais uma vez, invenções e tecnologias nascidas no passado fazendo parte e conceituando contemporaneidade.

Para esses autores, o que se destaca no ambiente eletrônico é principalmente o suporte material, que permite ao usuário/leitor movimentar-se de maneira mais significativa e livre. De qualquer forma, a não linearidade presente nos hipertextos é inerente à concepção do próprio hipertexto e não à ferramenta computador. Essa característica é consciente e deliberadamente utilizada, tanto pelo autor quanto pelo leitor.

Marcuschi (1999, *apud* FIORENTINI & MORAES [orgs] 2003, pp. 51-74), entretanto, atenta que essa mobilidade não é, em si, totalmente possível e que apresenta algumas dificuldades uma vez que, ao autor, é impossível prever todas as possibilidades de escolhas de seus leitores na construção de textos abertos. Por conseguinte, o hipertexto oferece mais liberdade do que os textos em livros impressos, mas tem, também, seus limites.

Do mesmo modo, para o estudioso, tornam-se uma dificuldade as funções cognitivas do leitor que, para não perder tempo em conexões descabidas, precisa de clareza no que busca e de um bom embasamento pessoal. Arrola, ainda, como um ponto que requer maior atenção, a possibilidade de superficialização e futilização da leitura por conta da forma fragmentada de escrita dos hipertextos. Alega que essa fragmentação, além de servir à impaciência e ao pouco tempo dos dias de hoje para a leitura de textos longos, por vezes não consegue saciar a curiosidade, não contribuindo para um conhecimento mais aprofundado.

No mesmo sentido, Canclini (1998, *apud* FIORENTINI & MORAES [orgs] 2003, pp. 51-74), também se manifesta com ressalvas em relação à fragmentação e descontinuidade na cultura pós-moderna. Diz que esses fenômenos não são

neutros, despretensiosos e desinteressados. Acabam por desistoriar, desterrar e dessignificar.

A questão de limites, entretanto, não é observada na outra característica dos hipertextos, a intertextualidade ou multilinearidade, uma vez que coexistem diversos pontos de vista sobre o mesmo tema e uma grande diversidade de temas que são conectáveis num mesmo suporte. Isso decorre de uma acessibilidade ilimitada, no momento em que o hipertexto tem à disposição todo o tipo de fonte, desde dicionários, enciclopédias a obras científicas, literárias, arquitetônicas, etc., conforme defende Marcuschi (1999, p. 9, *apud* FIORENTINI & MORAES [orgs] 2003, pp. 51-74).

Com relação à intertextualidade, Bakhtin (1993) elucida que todo o texto é sempre uma reação ou resposta a uma diversidade de outros anteriores, além de um fator desencadeador de outros textos. Para o estudioso, essa característica sempre esteve presente no texto, uma vez que esse é um ato comunicacional, uma resposta a múltiplas vozes (textos), nas quais se apóia.

A compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta. O locutor postula essa compreensão responsiva ativa: o que ele espera não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor que irrompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência dos enunciados anteriores — emanantes dele mesmo ou do outro — aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação, pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (BAKHTIN, 1993, p. 291).

No texto impresso, assim como em outro ambiente, o leitor constrói sentido a partir dos conhecimentos prévios e em resposta a textos anteriores, porém de maneira internalizada. Já, no hipertexto, segue o processo de intertextualidade, é externo ao sujeito uma vez que a leitura depende de si e é criada conforme seu interesse, construindo um novo texto único.

O que realmente determina o leitor como co-autor de um hipertexto é a interatividade, uma vez que, como usuário, pode interferir e transformar o texto.

Do ponto de vista do leitor, se definirmos um hipertexto como um espaço de percurso para leituras possíveis, um texto aparece como uma leitura particular de um hipertexto. O navegador participa, portanto, da redação do texto que lê. Tudo se dá como se o autor de um hipertexto construísse uma matriz de textos potenciais, o papel dos navegantes sendo o de realizar um desses textos, colocando em jogo, cada qual a sua maneira, a combinatória entre os nós (LÉVY, 1999, p. 57).

O leitor, ao escolher seu percurso entre os *links*, cria novas conexões que fazem sentido para ele, mas podem não fazer para os outros. Dessa forma, além de propor novas conexões, pode modificar as lexias (os textos, as imagens), conectando dois ou mais hipertextos. Há, no caso dos hipertextos, dois tipos de interatividade: a que escolhe um percurso de acesso a conteúdos e a que constrói um percurso de sentido. Logo, a interatividade consiste em conectar temas e ideias em duplo sentido: escolher links e produzir inferências (FIORENTINI & MORAES [orgs] 2003, pp. 51-74).

Em contraposição aos textos impressos em livros, cujas fontes perceptivas são mais limitadas, a associação dessas é um diferencial do equipamento eletrônico. Elas permitem, através do princípio da heterogeneidade, a aglomeração de diversos atos comunicacionais, linguísticos, mas, também, perceptivos, gestuais e cognitivos. Usam-se recursos visuais, imagens fixas e em movimento havendo, ainda, os que utilizam sons, ampliando as fontes perceptivas de informações. Todos esses recursos podem ser usados isoladamente ou em conjunto (FIORENTINI & MORAES [orgs] 2003, pp. 51-74).

Numa tentativa de superar a concepção de textualidade dogmática, restritiva, limitadora, surge uma nova concepção pedagógica. Essa, visa a proporcionar aos alunos nova prática de leitura e escrita hipertextual, disponibilizando-lhes diversos textos que poderão ser consultados conforme seus interesses. É importante, nessa perspectiva, que os textos sejam heterogêneos, de diversas linguagens ou gêneros (história em quadrinhos, poesia, vídeos, músicas, etc), apresentem diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema e, também, diferentes enfoques.

As diferenças entre essas práticas, num ambiente impresso e num computador, residem no fato de que a ferramenta possui dispositivos que propiciam

algumas vantagens. A possibilidade de reunir diversos textos, de diversas mídias num único suporte, a velocidade com que disponibiliza o acesso a diferentes textos e a possibilidade de alteração dos mesmos, acrescentando ou tirando elementos, são algumas delas. Encurtar distâncias, com a rapidez que se conecta com outras pessoas, em rede, facilitando-lhes a construção coletiva, independente da localização dos co-autores é outra (FIORENTINI & MORAES [orgs] 2003, pp. 51-74).

O destaque dado ao hipertexto, nesta seção, se refere ao fato de que a apropriação do letramento das linguagens tradicionais está alicerçada na leitura e na escrita tradicionais. Da mesma forma, o letramento digital deve alicerçar-se na leitura e na escrita das linguagens ofertadas pelos ambientes eletrônicos, por serem ferramentas que proporcionam, diferentemente de um livro impresso, de maneira síncrona, a leitura e escrita coletivas, num relacionamento social com vistas à construção de novos entendimentos e conhecimentos, colaborando, assim, nos processos de subjetivações.

Conforme previsões, há expectativas que, neste ano de 2010, de 1 a 2 bilhões de pessoas tenham acesso e se conectem à internet (CASTELLS, 2003). Fazer parte desse contingente torna-se imperioso no sentido não só da inclusão econômica como também em outros aspectos sociais como educação, atuação política, assuntos comunitários, produção cultural, entretenimento e interação pessoal.

Essas previsões de Castells (2003), vêm ao encontro do entendimento de Dell, que afirmou, em 2007, em entrevista ao G1, em 09/11/2007, que até 2012, o número de usuários de computadores duplicaria, em relação aquele ano, devendo chegar a 2 bilhões. Isso reflete o inesgotável potencial do setor, segundo afirmou Michael Dell, fundador e presidente da Dell Computers. Acrescentou, ainda, que "A cada dia, 500 mil pessoas entram pela primeira vez na internet. A cada minuto, são disponibilizadas seis horas de vídeo no YouTube", afirmou Dell, em conferência na cidade mexicana de Monterrey¹³.

Ainda que as novidades trazidas pela internet e pelo computador não suplantem a interação e comunicação ao vivo, *face a face*, novas estruturas de participação social estão sendo oportunizadas, como salas de bate-papo entre

¹³ Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL175349-6174,00.html> – acesso em 15/01/2010

adolescentes, serviços de encontros entre pessoas on-line, sites de ação política, aprendizado a distância, correios eletrônicos, *blogs*, fóruns especializados, que complementam as relações como elementos fundamentais da prática social (WARSCHAUER, 2006). O que deve ser considerado, contudo, no âmbito das relações sociais, é que quanto mais os diversos tipos de relações forem atraídos para a mídia on-line, maior será o número de excluídos entre aqueles que não têm assegurado o acesso às TIC's e, conseqüentemente, menores oportunidades de exercer dignamente a cidadania.

1.3 A WWW: UMA NOVA DIMENSÃO DE ACESSO AO MUNDO

World Wide Web, cuja tradução livre para o português é rede de alcance mundial, tem sua origem em concorrências militares entre União Soviética e Estados Unidos. A rede experimental estadunidense *ArpaNet*, que utilizava a tecnologia de troca de pacotes (packet switching) para o transporte de informação, base da atual internet, foi criada, no final da década de 60, em resposta ao avanço tecnológico soviético que, em 1957, lançou o primeiro satélite em órbita. Na época, apenas instituições militares e grandes universidades estavam ligados pela rede.

O crescimento do interesse por parte de empresas propiciou a abertura da mesma que, além daquelas, foi tendo ligadas a si outras redes menores e outros computadores, formando o conjunto de redes de computadores que utilizam a mesma tecnologia para trocar informações, ligados entre si. Esse conjunto é chamado de internet¹⁴.

Dois são os principais serviços oferecidos pela internet: a *Web* e o *email*. Normalmente os termos *Web* e internet são entendidos como a mesma coisa, no entanto, necessária se faz a distinção entre eles. *Web* é utilizado para referência de todas as páginas da internet; já *página Web*, designa determinada página e *Web site*, ou *sítio* ou *sítio web*, refere-se ao conjunto de páginas *Web* num determinado endereço. A navegação entre as páginas, trocando de endereço para endereço, é possível a partir da utilização de um navegador, chamado genericamente de

¹⁴ CRUZ, António. *Internet: Como nasceu, cresceu e evoluiu*. Disponível em <http://www.antoniocruz.net/ensinar/internet/manuais/internet-01-internet.pdf> - acesso em 26/12/09.

browser, dentre os quais se destacam o *Microsoft Internet Explorer* e o *Mozilla Firefox*. Dessa forma, a *Web* é apenas um dos serviços oferecidos pela internet não devendo, portanto, haver confusão entre os termos. Ela ocupa a segunda posição ficando atrás, apenas, do *email*. Também conhecido como *correio eletrônico*, o *email* é um programa de envio e recebimento de mensagens eletrônicas, que demoram poucos segundos para chegar à caixa do destinatário cujo endereço foi digitado¹⁵.

A evolução da internet levou à *Web 2.0* que, diferentemente da 1.0, é um meio de socialização mais interativo e colaborativo através do qual os usuários participam ativamente na construção dessa rede descentralizando, difundindo e selecionando as informações veiculadas. Assim, têm a possibilidade de passarem de consumidores passivos de informações a colaboradores ativos que, ao mesmo tempo em que se informam, partilham conhecimento com os demais, agindo nas plataformas abertas. *Blogs*, *Wikipédia*, *youtube* são exemplos de *Web 2.0*, nas quais os usuários podem se informar e postar informações.

O simples uso de tecnologias não torna o aprendente um sujeito que vai ao encontro das expectativas contemporâneas. A utilização da *Web 2.0* feita de modo a não reproduzir os resultados obtidos com a internet da geração anterior, cuja navegação se dava de uma forma menos interativa e colaborativa, remetendo a certa passividade no acesso às informações, pode fazer toda a diferença nas subjetividades.

Ainda que a internet tenha nascido com fins militares, é inegável que ultrapassou, em muito, as fronteiras de seus objetivos originais e instalou-se, definitivamente, nas sociedades globais em atividades comerciais, científicas, culturais, artísticas e educacionais. Num mundo no qual a linguagem imagética assume posição de relevada importância, a representação de dados científicos através de imagens é fundamental no desenvolvimento da ciência. Elas estimulam associações criativas e dinamizam o entendimento do que está sendo representado, a partir da coerência de pensamento, comparando modelos do que se pode encontrar na realidade.

A interatividade proporcionada pela máquina permite ao usuário determinar de que maneira quer visualizar e a quantidade e qualidade das informações que deseja receber (ZELADA, 2002). Dessa forma, a internet propicia

¹⁵ Id.

um novo jeito de educar, comunicar, refletir e documentar através de imagens interativas que, via de regra, parte de uma construção coletiva para uma construção individual de conhecimento.

Pierre Lévy (1999) em sua obra *Cibercultura*, sugere que aquela pessoa interessada em navegar na internet e que não esteja preparada, tem à sua disposição um número considerável de guias práticos, que contemplam desde os primeiros passos e podem ser encontrados em bancas de jornais. Ainda, dada à facilidade cada vez maior de acesso, essa pessoa pode se valer de outra já acostumada a esse tipo de conexão, para acompanhá-la, durante alguns momentos.

Passados os primeiros instantes, segundo o autor, “adquire-se rapidamente uma autonomia relativa” (p.85) e escolher os melhores sites a serem visitados, passa a ser o próximo passo a ser dado. Para tanto, há revistas que oferecem uma seleção de sites categorizados por temas, periodicamente atualizadas, entretanto, garante o estudioso, que “o melhor guia para a web é a própria web” (p.85).

Em se estando conectado, percebe-se que além de ser um enorme território em expansão, a web oferece inúmeros mapas, filtros e seleções para ajudar na orientação do internauta. Ainda assim, se por um lado a própria web orienta o internauta, por outro, pelas incontáveis possibilidades de acesso que oferece, por vezes, pode ser necessário, segundo Lévy (1999),

ceder por um instante a seu aspecto lúdico para descobrir, no desvio de um *link* ou *motor de pesquisa*, os *sites* que mais se aproximam de nossos interesses profissionais ou de nossas paixões e que poderão, portanto, alimentar da melhor maneira possível a nossa jornada pessoal (p. 85).

Encontra-se praticamente tudo na internet e, se não tudo, no mínimo, referências para tudo. Nesse sentido, Lévy (1999) destaca duas maneiras de navegação às quais chama de *caçada* e *pilhagem*. Na primeira, procura-se uma informação precisa que se deseja obter o mais rapidamente possível. Têm-se definido o que se quer e não se está aberto a desvios que possam aumentar o tempo de pesquisa. Na segunda, normalmente se está vagamente interessado por um tema, entretanto, aberto a desvios a qualquer momento, sem saber exatamente o que se procura, acaba-se navegando de um *site* a outro recolhendo, nos diversos visitados, coisas de interesse.

Levy (1999) defende que, no tipo de navegação ao qual denomina *pilhagem*, pode-se aprender, no espaço de uma hora, bem mais do que com a leitura de uma ou duas revistas impressas no mesmo espaço de tempo. Segundo ele

A pilhagem na internet pode apenas ser comparada com o vagar em uma imensa biblioteca-disco ilustrada, com o acréscimo da facilidade de acesso, do tempo real, do caráter interativo, participativo, impertinente e lúdico. Essa midiateca é povoada, mundial e aumenta constantemente. Ela contém o equivalente a livros, discos, programas de rádio, revistas, jornais, folhetos, *curriculum vitae*, *videogames*, espaços de difusão e de encontros, mercados, tudo isso interligado, vivo, fluido. Longe de se uniformizar, a internet abriga a cada ano mais línguas, culturas e variedade (LÉVY, 1999, pp. 91-92).

Essas navegações, *caçada* ou *pilhagem*, acontecem por meio do computador, utilizado como ferramenta, num espaço denominado *ciberespaço*, ao qual Lèvy (1999) define como sendo “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (p. 92).

Uma das principais funções desse espaço é a de acessar, a distância, os principais recursos de um computador, oportunizando que um computador pessoal acesse, desde que devidamente licenciado, um grande computador, a distância, e tenha acesso às informações ou quaisquer outros recursos. Torna-se, assim, desnecessária a exigência desse equipamento de maior configuração no local, desde que tais informações ou recursos estejam disponíveis em algum ponto do *ciberespaço*. Essa disponibilidade torna possível acessar, também, o conteúdo de um banco de dados ou, em geral, a memória de um computador distante, como se estivesse consultando a memória do próprio computador. Para tanto, deverão ser observadas as condições mínimas de *software* e taxas de transmissão necessárias. No momento em que uma informação está no *ciberespaço*, ela está imediata e virtualmente disponível ao internauta.

Essas facilidades todas permitem, desde ler um livro, navegar por um hipertexto, visualizar imagens, ouvir músicas e interagir com uma simulação em uma memória distante, até alimentar essa memória, interagindo com textos, filmes, sons, etc... (LÉVY, 1999). Permitem, também, a transferência de dados, de uma memória virtual para outra, normalmente de um computador para outro, sem que tais dados desapareçam de onde estão disponibilizados, além daquelas já mencionadas do

correio eletrônico e dos acessos às páginas da *web*. Trafegam, ainda, pelo *ciberespaço*, as *conferências eletrônicas* que, mais sofisticadas que o correio eletrônico, permitem que várias pessoas, ao mesmo tempo, discutam sobre temas específicos e os *groupwares*, que são sistemas pelos quais vários membros de uma comunidade podem produzir, em conjunto, gravado numa memória virtual, um hiperdocumento acessível on-line, no qual todos podem ler e escrever.

Entre outras tantas oportunidades e possibilidades que existem e surgem quase que diariamente, o computador e a internet lideram o *ranking* das tecnologias que compõem o cenário da comunicação contemporâneo, juntamente com celulares, *ipods*, *MPs 3,4,5...*, *games*, televisão, aparelhos de som que povoam o real de alguns e, ainda, o imaginário de muitos. Juntas, essas tecnologias revolucionam os sistemas e criam novos modos de vida, novos processos de subjetivação e novas subjetividades. A internet proporciona o acesso sem precedentes às mais diversas informações mundiais, entretanto, somente aqueles que tiverem contemplados o acesso físico às TIC's e aos letramentos informacionais terão, dessas ferramentas, resultados relevantes que os aproximem do pleno exercício da cidadania (WARSCHAUER, 2006).

1.4 NATIVO DIGITAL E IMIGRANTE DIGITAL

Jovens nascidos a partir de meados da década de 80, juntamente com a aceleração do processo de desenvolvimento das tecnologias. São altamente influenciados pelas tecnologias da informação e comunicação – TIC's – e pela internet. A facilidade com que manejam os aparatos tecnológicos os leva, muitas vezes, ao acesso a informações e à construção de conhecimentos que surpreendem aos próprios pais. São multitarefas (VEEN, Win; VRAKKING, Ben, 2008) e, a partir de suas habilidades, estão transformando o mundo com uma nova forma de comunicação humana. Facilmente se focalizam no computador, no som, no celular e na televisão, tudo ao mesmo tempo e trabalham com várias janelas de *links* diferentes sem se perder. Essas descrições caracterizam os *Nativos Digitais*, expressão criada pelo pensador e desenvolvedor de *games* Marc Prensky (2009, apud MONTEIRO, 2009), que representam 50% da população ativa (pessoas de até

25 anos), mas em 2020, com o crescimento demográfico, eles serão 80% da população¹⁶ (MONTEIRO, 2009).

Para Dom Tapscott (1999), autor de *Grow up digital* e do *Wikinomics* (apud XAVIER, 2009), existe um novo conflito de gerações porque, essa nova, também conhecida como geração “y”, por dominar os meios digitais se comunica e se informa de maneira diferente. Segundo ele, “Se você quer entender a geração internet, você precisa entender o futuro. E meu filho frequentemente me lembra que o futuro é agora”.

Em contraposição aos Nativos Digitais, estão os Imigrantes Digitais, que são aqueles que, diferente dos nativos, viram o nascimento da internet e se adaptaram a ela — ou não. Os nativos nasceram depois dela e não conseguem conceber o mundo antes do computador. Na concepção de Prensky (apud MONTEIRO, 2009), o imigrante até transita com desenvoltura no mundo digital, porém “É como mudar de país. As pessoas ficam até íntimas com o novo idioma, mas não perdem o sotaque.”

Comparando as características dos imigrantes e nativos, J. Erigleidson, no blog *Web para educadores*¹⁷(acesso em 16/12/2009), disponibilizou uma apresentação em *Power Point*, com 8 *slides*, que dá conta de algumas diferenças interessantes entre eles nos seguintes aspectos:

- *Memória*: os imigrantes têm uma *agenda em papel* com contatos telefônicos. Isso não significa que os números não estejam na memória de seus celulares e computadores. A agenda física é uma *segurança*. Os nativos acham *desperdício decorar* números de telefones. Eles gravam em que posição está o contato. Por exemplo: *mãe 1*. O medo não é perder o que é digital, mas estar com os números desatualizados.

- *Inovação*: os imigrantes raramente experimentam um novo *software* antes de *ler* o manual. Quando o fazem, convivem com a sensação de que o sistema está prestes a travar e que vão perder seus arquivos. Os nativos, como conhecem a lógica da programação dos *softwares*, não têm receio de navegar e *descobrir* as funções de um novo programa na prática.

¹⁶ Elis Monteiro. *Nativos Digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica*. O Globo – Revista Digital – publicado em 18/05/2009. Disponível em <http://oglobo.globo.com/tecnologia> - acesso em 16/12/2009.

¹⁷ Disponível em <http://webparaeducadores.blogspot.com/> - acesso em 16/12/2009.

- *Busca*: os imigrantes consultam primeiro os *livros* e atlas para depois fazer a busca na *internet*. Têm mais dificuldades em navegar pelos *hiperlinks*. Confiam mais nas fontes impressas, como jornais e livros, que no conteúdo da rede. Para os nativos, a rede é sempre a primeira fonte. Acreditam que os *sites* têm *mais informações* que os livros e enciclopédias impressas. Para os nativos, tudo pode ser localizado pela internet, até mesmo o conteúdo dos livros impressos.

- *Sociabilidade*: os imigrantes, quando querem encontrar os amigos, telefonam e marcam. Raramente vão a um encontro que foi marcado por *e-mail* ou *MSN* sem antes checar. Grande parte deles se *relaciona* na rede apenas com pessoas *conhecidas*. Os nativos se falam por *comunicadores* instantâneos e *sites* de relacionamentos. *Não* necessitam da *presença física* para se comunicar. Muitos deles têm a primeira experiência de namoro na rede.

- *Leitura*: os imigrantes *cansam* com frequência ao lerem *textos longos na tela*. Têm o hábito de *imprimir* desde notícias até *e-mails* para lê-los em *papel*. Os nativos *lêem* tudo, do noticiário a livros, em *arquivos digitais*. Não se incomodam com a *tela pequena* nem com as letras miúdas. Nem sempre seguem a ordem do texto original ao ler: podem começar pelo *final*, por exemplo.

Considera-se, ainda, imigrante digital aquele que simplesmente nega a possibilidade de contato com as TIC's. Este percebe a existência e a presença de todo o aparato tecnológico na esfera social sem, contudo, abrir mão de formas e tecnologias conservadoras em suas atividades diárias. Assim sendo, ajuda a compor o elenco de atores do cenário contemporâneo que, de uma ou outra forma, convivem com um mundo altamente informatizado.

1.5 INCLUSÃO E EXCLUSÃO DIGITAL

Estar incluído digitalmente na Sociedade da Informação, cujo foco é informação, comunicação e conhecimento, compreende bem mais do que ter desenvolvidas habilidades para o manejo dos equipamentos e acesso garantido aos mesmos. Significa troca de informações, construção e troca de conhecimentos. Passa, sobretudo, além do acesso aos equipamentos, pelo acesso irrestrito à rede mundial de computadores, a internet.

[O] maior problema em relação à “exclusão digital” é que essa construção tende a conotar “soluções digitais” — isto é, os computadores e as telecomunicações — sem o envolvimento do importante conjunto de recursos complementares e intervenções complexas como apoio da inclusão social, da qual os instrumentos da tecnologia da informação podem ser elementos de capacitação, mas são, sem dúvida, insuficientes quando simplesmente adicionados ao mix do *status quo* relativo aos recursos e relacionamentos.¹⁸ (WARSCHAUER, 2006, p. 23).

Vários são os fatores a serem considerados quanto à acessibilidade à internet. Pesquisas descritas por Warschauer (2006) mostram que, num panorama mundial, a disparidade de acesso é bastante significativa, consideradas diversas variáveis. O autor aponta, por exemplo, que em 2006, num período monitorado de três a seis meses, a quantidade de pessoas que se conectaram foi da ordem de 57,2% na América do Norte e de 0,5% na África (p. 80). Tais pesquisas constataram que o principal fator que favorece o acesso é a teledensidade, indicando que os países com maior número de linhas telefônicas por pessoas tendem a ter maior acesso à internet, seguido por outros como o desenvolvimento econômico (medido pelo consumo de energia), economia pós-industrial (medida pelo tamanho do setor de serviços), nível educacional (medido pelo número de estudantes no ensino médio em relação à população) e abertura política (medida por uma combinação de fatores, incluindo o governo eleito e limites constitucionais em relação ao poder governamental) (WARSCHAUER, 2006, pp. 80-81).

Além dessas, outras variáveis surgiram associadas à penetração da internet nos diversos países pesquisados e cabe, a cada governo, identificá-las e trabalhar no sentido da promoção de maior acesso físico à informática e à internet. No caso de países desenvolvidos, também se encontram disparidades como a observada entre a Finlândia, com 881 computadores-hospedeiros de internet por dez mil habitantes e a Grécia, com 26 para cada dez mil, conforme estudo realizado por Eszter Hargittai entre 18 países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico — OCDE —, citado por Warschauer (2006, p. 81).

Entretanto, enquanto o grande desafio dos países ricos para prover o serviço universal é assegurar a todas as pessoas a oportunidade de acesso doméstico, o dos países em desenvolvimento, cujo índice de acesso é muito menor,

¹⁸ Comunicação pessoal de Rob King, diretor do Center for Social Informatics, da Universidade de Indiana, em janeiro de 2000.

o grande desafio de provimento do serviço universal passa a ser o de garantir a todas as pessoas a oportunidade de fazer uso da internet em algum lugar: em casa, no trabalho, na escola, num centro comunitário de tecnologia ou num tele-centro rural. Em qualquer dos casos, o que deve ser feito nesse sentido, é concentrar esforços em ações que levem à disponibilidade de computadores, à extensão e disponibilidade das telecomunicações e o provimento de centros públicos de acesso (WARSCHAUER, 2006).

Pensar exclusão/inclusão digital passa por entender a relatividade existente entre os termos e que ter acesso ao computador e à internet não significa, necessariamente, estar incluído digitalmente. Segundo Warschauer (2006), ter um acesso significativo à TIC é depender de um conjunto de fatores que abrangem “recursos e relacionamentos físicos, digitais, humanos e sociais” (p.21). Conforme o autor, o letramento, o conteúdo, a língua, a educação e as estruturas comunitárias e institucionais influenciam diretamente no processo.

Não se pode, também, banalizar o conceito de exclusão ou inclusão como, numa relação binária, “ter ou não ter” acesso, deixando de avaliar diferentes contextos de diferentes grupos. Warschauer (2006), traz como exemplos ilustrativos três diferentes situações que configuram, cada uma a sua maneira, três diferentes possibilidades de acesso a material on-line: uma professora de uma Universidade em Los Angeles, com acesso a banda larga, um estudante em Seul que frequenta um cibercafé e uma ativista rural que não tem computador nem linha telefônica, mas tem disponibilizadas, impressas pela ONG para a qual trabalha, informações baixadas da internet.

Para o autor, no momento em que tecnologia e sociedade são co-construtivistas e estão fortemente entrelaçadas, fica difícil pensar exclusão/inclusão digital numa hipótese de causalidade, e atribuir, por exemplo, a falta de sucesso nas atividades sociais somente à falta de acesso às TIC's, porque o inverso é, também, recíproco: os socialmente excluídos, já marginalizados, têm, em muito, diminuídas suas possibilidades de acesso às tecnologias. Assim sendo, do ponto de vista político, o objetivo do uso da TIC com esses últimos não é a superação da exclusão, mas a promoção da inclusão digital, de tal forma que o foco deve ser a transformação e não a tecnologia.

Estar socialmente incluído não se resume simplesmente a uma questão de recursos, mas num ato de cidadania, ou direito a ela, também de “participação na determinação das oportunidades de vida tanto individuais como coletivas” (A. STEWART, in: P. ASKONAS & A STEWART [Orgs], 2000, *apud* WARSCHAUER, 2006, p. 24). Da mesma forma, como há muitas maneiras dos menos favorecidos participarem e estarem incluídos mais plenamente, vários fatores podem excluir socialmente os mais favorecidos, como perseguição política e/ou discriminação com base em idade, gênero, preferência sexual ou deficiência física ou mental.

Esses fatores ressaltam a importância das TIC's para a inclusão social: portadores de deficiência podem compensar a falta de mobilidade, cegos, através de mecanismos de conversão de texto em fala, podem acessar documentos on-line, um tetraplégico pode graduar-se através da educação a distância. Considerando-se as muitas variáveis, o autor remete à afirmação de M. Castells, *The Power of Identity* (apud: MALDEN: BLACKWELL, 1977), de que “o conceito de inclusão social reflete particularmente bem os imperativos da atual era da informação, em que questões de identidade, linguagem, participação social, comunidade e sociedade civil ganharam uma posição de destaque” (WARSCHAUER, 2006, p. 25).

Percebe-se, assim, que é fundamento essencial da inclusão digital, a capacidade de acessar, adaptar e fazer do uso das ferramentas digitais, mecanismos de produção de novos conhecimentos. Ainda assim, o acesso ao computador e mesmo à internet, embora constituam grande parte do percurso a ser percorrido para a inclusão digital, não garantem o seu êxito, uma vez que muito do material publicado na *www* — *World Wide Web* — não atende às necessidades das pessoas que não fazem parte do contexto da classe média estadunidense e de fala inglesa. Quem vive em outros ambientes socioculturais e fala outras línguas, por vezes enfrenta situações diferentes daqueles.

Isso faz com que se considere, também, na questão da inclusão digital, a produção global de conteúdos para a web, a fim de que satisfaçam às necessidades de diferentes comunidades num contexto globalizado. Esses conteúdos, em sua maioria, estão concentrados nas principais cidades dos Estados Unidos e da Europa, sendo que alguns poucos outros servidores-chave da internet situam-se no Leste Asiático, no Oriente Médio e na América Latina. No sentido de minimizar esse tipo de dificuldade e contribuir para a preservação da língua e da cultura das

minorias, grupos urbanos e rurais de baixa renda dos países em desenvolvimento, que carecem de recursos para expressar e partilhar sua cultura comunitária buscam, como alternativa, as publicações on-line de conteúdo comunitário localmente desenvolvido. Torna-se, dessa forma, menos dispendioso que material impresso, televisão ou rádio. Assim como esses, diversos outros grupos se utilizam de modelos bem sucedidos, relacionados ao desenvolvimento de conteúdos locais, como forma de superar dificuldades impostas pela produção global de materiais em determinadas línguas (WARSCHAUER, 2006).

O domínio, de forma mais aprofundada, desses elementos apresentados como fundamentais para a inclusão digital acaba caracterizando, pelo desenvolvimento das habilidades necessárias, a aquisição do letramento digital que garantirá, de forma mais efetiva, a verdadeira inclusão digital e, também, maiores oportunidades de inclusão social.

1.6 LETRAMENTO

O conhecimento humano é representado pelo significado léxico, alcançado a partir da utilização dos conhecimentos linguísticos sobre as letras e os vocábulos (FIORENTINI, 2003, p.22). A partir desses significados, o sujeito constrói seu conhecimento de mundo, que lhe permite maior entendimento sobre as ambigüidades. Esse conhecimento oportuniza-lhe, também, o entendimento prévio sobre algum assunto identificando ideias principais e secundárias selecionando o que é mais importante, além da identificação de como estão organizados os textos — narrações, descrições, exposições, artigos científicos, textos didáticos, etc. —, ativando seus recursos cognitivos para processá-los e compreendê-los (FIORENTINI, 2003. In: FIORENTINI & MORAES [orgs.], 2003, pp. 15-50).

Conforme Madrugá (1994, *apud* FIORENTINI, 2003, in: FIORENTINI & MORAES [orgs.], 2003, pp. 15-50), a necessidade de transformação de símbolos lingüísticos, pictóricos e icônicos em mentais para a compreensão de um texto, evidencia a importância do meio de comunicação e da sua organização e influência sobre a aprendizagem do sujeito leitor. Portanto, para a compreensão e aprendizagem a partir de texto é preciso que se atente para a melhora das

habilidades para compreender, reter e acessar as informações neles contidas, concomitantemente à sua elaboração enfrentando, dessa forma, a complexidade da compreensão do discurso, fundamental para a cognição humana.

Ser autor de um texto é manifestar suas experiências, vivências e conhecimentos, abstraindo-os e colocando-os em palavras dirigidas a outras pessoas que o interpretam estabelecendo-se, assim, um diálogo mediado pelo texto. Fiorentini (in: FIORENTINI & MORAES [orgs.], 2003, pp. 15-50), ao parafrasear Lledó (1999, p.87 e 153), diz que “sem a presença de um leitor, o texto escrito permaneceria como coisa, objeto inexpressivo, como uma realidade física sem substância, de tal modo que jamais sairia de seu silêncio” e o cita:

[...] o texto está no leitor. É ele quem capta, possui, maneja, assimila a escrita alheia. O processo de assimilação consiste, precisamente, nessa tensão em criar nosso texto. [...] A consciência do leitor se transforma, assim, em autor que escreve para si mesmo com a experiência do outro. (LLEDÓ, 1999, p. 87 e 153, apud FIORENTINI, 2003, p. 21).

Pode-se dizer que o leitor ao elaborar, a partir de seus próprios conhecimentos e experiências com outros textos, uma representação de seu significado, passa a co-autor. Percebe-se, então, a importância do contexto sociocultural do sujeito, de sua memória educativa, de sua formação e memória discursiva nesse processo de entendimento e co-autoria porque, mesmo quando declaradas, as intenções dos autores nem sempre são percebidas nos sentidos atribuídos às palavras utilizadas. Para Orlandi (2001, p.42), “os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas”.

Assim, transformar os sujeitos em co-autores/criadores, num processo consciente de observação, de problematização de mundo, em sujeitos ativos que constroem, cooperativamente, soluções mais democráticas, é um movimento que necessita apropriação de elementos que os permitam ser instauradores desse mundo e de suas próprias experiências. Na atualidade, esses elementos são os letramentos alfabético e digital, uma vez que a simples alfabetização de uma das duas modalidades não é suficiente para o propósito declarado.

1.6.1 LETRAMENTO ALFABÉTICO E LETRAMENTO DIGITAL

Vários são os programas educativos lançados pelos governos no sentido de combater o analfabetismo e aumentar o nível de escolarização por conta de exigências, cada vez maiores, de conhecimentos condizentes com os contextos históricos das sociedades. Entretanto, esse combate ao analfabetismo não se traduz em eficiência desses programas quando a intenção é a de proporcionar à população melhores condições para o exercício da cidadania, entendida como o direito das pessoas de ocupar dignamente um lugar em cada setor da sociedade.

Para tanto, o domínio precário da leitura e da escrita, que é o máximo que o *alfabetizado* possui é muito pouco e, uma apropriação maior dessas competências e habilidades se faz necessária. No artigo *Letramento digital e ensino*¹⁹ o autor, Antonio Carlos dos Santos Xavier²⁰ aborda o tema, buscando em pesquisas na área da lingüística (KLEIMAN, 1995) e da educação (SOARES, 1998) a diferença entre alfabetização e letramento. De acordo com esses pesquisadores, alfabetizado é aquele que sabe a técnica da escrita, sabe decodificar sinais gráficos do seu idioma, mas não tem totalmente desenvolvidas as habilidades da leitura e da escrita e as pratica com dificuldades e limitações. Já o letramento, conforme David Barton & Hamilton (1998), implica no domínio maior dessas técnicas, que permite que essas atividades sejam executadas de maneiras mais complexas. Para os estudiosos, o letramento é uma prática cultural sócio historicamente estabelecida que pode conduzir ao efetivo exercício da cidadania. Quanto mais próximo ao plenamente letrado, maiores as chances de cidadania exercida mais dignamente.

Xavier (2009) aborda, ainda, o fato de que o surgimento das TIC's tem provocado, na contemporaneidade, novas maneiras de escrita e leitura, das quais os indivíduos necessitam se apropriar para obter sucesso nas diversas atividades sociais. Dessas novas maneiras a escola deve se ocupar e buscar, a exemplo da alfabetização e letramento alfabético, fazer também prioridades suas, a alfabetização e o letramento digital.

¹⁹ Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20%20ensino.pdf> – acesso em 03/12/2009.

²⁰ Doutor em Lingüística e professor na UFPE.. É organizador dos livros *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da Lingüística* (Parábola Editorial) e *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido* (Editora Lucerna).

Embora o letramento alfabético seja pré-requisito para o letramento digital, sua apropriação, ainda que em níveis elevados, não supõe também apropriação desse último. É, portanto, comum encontrar-se alfabetizado próximo ao plenamente letrado que é analfabeto ou iletrado digital. Este novo tipo de letramento remete a novos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais como imagens e desenhos quando comparados aos dos livros. O suporte deixa de ser o papel e passa a ser a tela, que também é digital. Não compactua com a idéia da educação tradicional, na qual são trazidos aos alunos, em verdadeiros *pacotes*, os conteúdos a serem apreendidos e, assim, exige um novo perfil tanto do aluno quanto do professor.

O professor detentor dessa antiga prática está com os dias contados, segundo Tapscott (1999). Essa é a conclusão de sua pesquisa feita pela internet, com pré-adolescentes e adolescentes que estão crescendo com acesso às TIC's, os nativos digitais. O pesquisador aponta já uma tendência, por parte dos pesquisados, de busca de outras fontes de informação, não se limitando mais ao professor ou ao livro didático, o que sugere que começa a emergir um novo perfil de aluno. Há, dessa forma, um entendimento de que da mesma maneira que o letramento alfabético, numa sociedade que prioriza a modalidade escrita da língua, oportuniza situações de sucesso profissional, pessoal e social, o letramento digital é, hoje, essencial nesta sociedade altamente informatizada e globalizada que, ao que se vê, com suas inovações tecnológicas, está proporcionando a produção de novas subjetividades.

O letramento, tanto alfabético quanto digital, está intimamente ligado às condições econômicas, tanto no âmbito social quanto individual e, essa ligação, leva ao reconhecimento de sua importância como desenvolvimento social. Entretanto, por conta dessa relação, questiona-se se o letramento possibilita o desenvolvimento ou se a falta de recursos financeiros, sociais e políticos restringem-lhe o acesso. O que causa o que? Há os que defendem uma exclusão social associada ao letramento (WARSCHAUER, 2006), apontando diferenças cognitivas entre os letrados e os não letrados, ressaltando que o letramento é que permite ao indivíduo dominar as funções lógicas da linguagem e, também, pensar abstratamente. No âmbito social, conforme Warschauer (2006, p. 69), “afirmou-se que o letramento separou a pré-

história da história, as sociedades primitivas das civilizadas e as sociedades modernas das tradicionais”.

Para o autor, em geral, as pessoas letradas possuem pouca ou nenhuma educação escolar, enquanto que com as altamente letradas acontece o contrário. Essa relação é verificada, também, com a renda familiar e percebe-se que quanto mais educação escolar, maior a renda. Essa variação do letramento de acordo com fatores sociais como educação escolar e emprego familiar dificulta-lhe como foco de investigação.

Dessa forma, vê-se que letramento é altamente contextualizado e não se constitui em uma habilidade neutra em valor e, nesse sentido, Warschauer (2006) cita S. de Castell & A. Luke, que dizem que a condição de ser letrado “sempre se refere a ter domínio sobre os processos, por meio dos quais a informação culturalmente significativa está codificada” (p.68).

Ao se considerar letramento como um conjunto de práticas sociais em vez de uma habilidade cognitiva, abre-se espaço para que se tracem paralelos importantes de sua aquisição com a obtenção de acesso às TIC's. Tanto uma quanto a outra requerem diversos recursos, os quais Warschauer (2006) descreve em sua obra:

- Artefatos físicos disponíveis para leitura e escrita (livros, revistas, jornais, computadores): possibilitam a aquisição e a prática do letramento individual e socialmente.

- Conteúdo relevante existente dentro ou por meio desses livros ou artefatos, em termos de língua, nível, assunto e gênero. Um dos maiores obstáculos para a aquisição do letramento é a carência de material editado em muitas (se não na maioria) das sete mil línguas (WARSCHAUER, 2006, p. 72) faladas em todo o mundo. Paulo Freire e outros autores mostraram que o ensino referente ao letramento é mais eficaz quando envolve conteúdo que diz respeito às necessidades e às condições sociais dos alunos.

- Desenvolvimento de diferentes habilidades, conhecimentos e atitudes. As habilidades cognitivas de processamento são necessárias tanto para a identificação de uma palavra (processo de baixo para cima), quanto de palavras adivinhadas e seu significado a partir do contexto (processo de cima para baixo). O

processo de ler e entender alguma coisa significa fazer uso de conhecimentos ou esquemas de fundo, daí a importância das habilidades (ler) e do conhecimento (entender o que se lê a partir de conhecimento prévio). As atitudes abarcam a motivação e o desejo de ler, o nível de confiança na leitura e a disposição geral de ler diversos tipos de textos de diferentes maneiras.

- Finalmente, e o mais importante, o aprendizado da leitura é um ato social, que coincide com a estrutura social, a organização social e as práticas sociais (WARSCHAUER, 2006, pp. 71-73).

Com referência ao último recurso, Warschauer (2006), traz o pensamento de Gee²¹, que se posiciona como a seguir:

Um modo de ler certo tipo de texto é apenas adquirido [...] por uma pessoa integrada (em aprendizado) como membro de uma prática social, em que as pessoas não apenas lêem textos desse tipo e desse modo, mas também falam sobre tais textos de certo modo, possuem certas atitudes e certos valores sobre esses textos e interagem socialmente em relação a esses textos de determinado modo. (p.73).

Impossível não se concluir, como o faz Warschauer (2006), com base no conjunto de recursos requeridos pelo letramento e na natureza social da sua prática e do seu domínio, que ser uma pessoa letrada não é mais apenas uma questão de conhecimento ou cultura, mas também de poder e política. Essa conclusão vem dos fatos de existirem vários tipos de letramento e de seu significado e valor variarem conforme contextos específicos. Também de suas aptidões não serem bipolares, divididas entre letrados e iletrados, além de, sozinho, não gerar benefício automático fora de suas funções específicas e de ser, ainda, uma prática social que envolve artefatos físicos, conteúdo, habilidades e apoio social (WARSCHAUER, 2006).

Da mesma forma que o acesso ao letramento, o acesso às tecnologias da informação e comunicação não se resume a apenas um tipo e seu significado e valor também variam conforme contextos específicos. Pode ser gradual, excluindo-se a bipolaridade. É, também a exemplo do letramento, uma prática social que envolve acesso a artefatos físicos, conteúdo, habilidades e apoio social, além de sua aquisição não ser apenas uma questão de educação, mas também de poder. Seu acesso, visando à promoção social, não deve basear-se apenas na aquisição de

²¹ J. P. Gee, *Social Linguistics and Literacies*.

equipamentos e conectividade, mas deve envolver recursos que acentuem os poderes social, econômico e político dos usuários e das comunidades.

Ainda que Warschauer (2006) reconheça que, por natureza, a categorização desses recursos é arbitrária, ele elegeu quatro grandes categorias genéricas, resultantes de suas pesquisas no Havaí e Egito, além da Califórnia, Brasil e Índia, que servem aos propósitos tanto de análise como de formulação de políticas. A essas categorias, o autor chamou de recursos físicos, que incluem o acesso a computadores e conexões de telecomunicações; recursos digitais, que se referem ao material digital tornado disponível on-line; recursos humanos, que dizem respeito a questões com letramento e educação e, recursos sociais, que têm relação com as estruturas comunitárias, institucional e da sociedade que apóiam o acesso à TIC.

Segundo o pesquisador, esses recursos têm uma relação interativa com as TIC's. Formam um ciclo no momento em que cada um deles contribui para o uso eficaz das tecnologias, assegurando que sejam bem exploradas. Por outro lado, cada recurso também é resultado desse uso eficaz. Ao mesmo tempo, são contribuintes e resultados e, por isso, formam um ciclo que promove o desenvolvimento e a inclusão social, entretanto, se insuficientemente explorados, podem fomentar o subdesenvolvimento e exclusão.

1.7 SUBJETIVIDADES E LETRAMENTO

Do mesmo modo que a educação e o letramento afetam o acesso on-line no nível macro servindo para acelerar a força motora do desenvolvimento econômico, criando uma tecnologização maior da sociedade afetam, também, no micronível individual, com as habilidades de leitura, escrita e pensamento sendo decisivos para a utilização da internet (WARSCHAUER, 2006). A educação em massa é, ao mesmo tempo, causa e consequência do desenvolvimento econômico, o que leva, segundo pensamento de Robison e Crenshaw (2000), citados por Warschauer (2006, p. 151), a concluir que “a demanda por computadores e habilidades on-line será impulsionada, em parte, pelo nível educacional da população”.

A seção 1.1 contemplou a importância das tecnologias, no decorrer dos tempos, conforme as atividades humanas. Elas, além de facilitarem essas atividades, alteram o fluxo e a estrutura das funções mentais ao serem incluídas no processo comportamental. Assim, as transformações social, econômica e tecnológica, contribuem para importantes mudanças nas práticas do letramento. Tanto que o entendimento de *letramento por meio do computador*, atualmente, em nada se aproxima do de quando o termo surgiu, em 1980, e se referia às formas básicas de operação com computador como ligar, abrir uma pasta e salvar um arquivo, o que limitava, ainda mais, a relação educação/informática. Nos dias atuais, o termo geral utilizado é *letramento eletrônico* e encerra em si, diversos letramentos genéricos da era da informação, que incluem aqueles por via do computador e os *letramentos informacional, multimídia e comunicacional*, também mediados por computador (WARSCHAUER, 2006).

Inquietante questão/reflexão é levantada, neste estudo, ao se analisar o exemplo lançado por Warschauer (2006) sobre Gabriel García Márquez, célebre escritor colombiano, quanto ao valor dado ao letramento por meio do computador. Conta que o escritor, a partir desse letramento, acelerou, em muito, o modo de escrita e produção literária. Perfeccionista, perdia muito tempo em copiar e recopiar páginas para corrigir um erro de datilografia e seu sistema de escrita passou a ser trabalhado em partes mais longas e integradas que a página diária antes do computador. Faz, então, Warschauer a indagação seguinte: “será que o computador transformou García Márquez em um escritor melhor?”

Alegando a dificuldade de responder a tal questionamento, limita-se apenas a dizer que a atividade de *García Márquez + computador + escrita* é diferente da atividade de *García Márquez + máquina de escrever + escrita*, envolvendo um processo mais produtivo, portanto diferente. Entretanto, coloca, também, que é evidente que *García Márquez + computador – escrita*, seria uma atividade bastante diferente, o que remete ao pensamento de que o valor agregado ao letramento tenha sido exatamente a habilidade do autor como escritor. De que forma, então, terá ou não, esse letramento interferido na subjetividade do escritor? Fica a reflexão, sustentada no pensamento de Foucault (1999), de que também somos aquilo que, conforme conta nossa história, deixamos de ser. Neste caso, estimulada pelas equações usadas por Warschauer (2006, pp. 155-156) para

descrever como foi, como ficou e como poderia ter sido Gabriel García Márquez em relação àquele letramento.

A pessoa não se caracteriza apenas pela sua subjetividade, mas, também, pela capacidade de objetivar no momento em que se enquadra em regras e normas disciplinares e segue exemplos, a partir dos quais, suas experiências podem levá-la a novas formas de relações e de vida, por conta dos novos olhares desenvolvidos. Assim, a subjetividade se constitui por situações de vínculos e de relações *humano-mundo*, vínculos esses que se dão conforme proporcionados pelos contextos individuais e coletivos, o que sugere ser um processo de constituição em constante movimento (GUATTARI, 1992).

Guattari (1992) alerta para o fato de que existem dois movimentos — um bom e um ruim — simultâneos, no processo de subjetivação operado pelas TIC's prevendo que, quanto ao futuro da virtualização da cultura, ou se caminha para a “criação, a invenção de novos universos de referência ou no sentido inverso, à *mass-midialização* embrutecedora, à qual são condenados, hoje em dia, milhares de indivíduos” (GUATTARI, 1992, p. 15-16).

Tem-se, nesse sentido, a constatação desses movimentos ao se compararem, por exemplo, canais abertos de TV e TV a cabo nos quais, nos primeiros se encontram programações muitas vezes sem qualidade que, na intenção de atingir a um número maior de pessoas e maiores pontuações nas pesquisas, são nivelados por baixo e, nos segundos, programações de qualidade, diversificadas que, não dificilmente, atendem a indivíduos e grupos heterogêneos entre si. Neste caso, “novos universos de referência”, conforme Guattari (1992).

Da mesma forma, Lévy (1996) também alerta que a questão da evolução virtual necessita de atenção, a fim de que não acabe servindo à reprodução da espetacularização e da massificação, que são bases para o consumo e para o fortalecimento do capitalismo globalizado. É preciso, segundo o filósofo, atentar para a possibilidade de

acompanharmos as tendências mais positivas da evolução em curso e criarmos um projeto de civilização centrado sobre os coletivos inteligentes: recriação do vínculo social mediante trocas de saber, reconhecimento, escuta e valorização das singularidades, democracia mais direta, mais participativa, enriquecimento das vidas individuais, invenção de formas

novas de cooperação aberta para resolver os terríveis problemas que a humanidade deve enfrentar, disposição das infra-estruturas informáticas e culturais da inteligência coletiva (LÉVY, 1996, p.118).

Saber lidar com as informações, assim como acessá-las e filtrá-las, faz parte de um letramento informacional de valor, que provém não somente do desenvolvimento das ferramentas computador e internet, mas também da sociedade de informação mais ampla. Envolve conhecimentos tecnológicos específicos como domínio do programa de navegação e ferramentas de busca, além de habilidades de letramento crítico, como a análise e avaliação das fontes de informações. Segundo Warschauer (2006, p. 157), entre essas habilidades e entendimentos para localizar, avaliar e utilizar as informações, incluem-se

a capacidade de desenvolver boas perguntas de pesquisa, determinar os lugares mais prováveis onde procurar informações relevantes, selecionar a ferramenta de busca mais apropriada, formular questões de busca adequadas, avaliar rapidamente o resultado da questão de busca, incluindo a confiabilidade, a autoria e a aceitação geral da fonte, salvar e arquivar informações localizadas e citar ou referir-se às informações localizadas.

Essas capacidades, levadas em consideração e bem desenvolvidas, levarão o sujeito a uma real interpretação das informações, conhecendo-as, contextualizando-as, identificando as que servem a interesses que não os seus, de qualidade duvidosa, e as que podem, de alguma forma, contribuir para a produção de novos conhecimentos e sua própria constituição. Evitarão influências ideológicas de massa, distintas aos seus desejos e propósitos e evitarão, também, que se torne um aficcionado às tecnologias pelas tecnologias, pelo modismo e não pelo que elas podem, como tecnologias, oferecer-lhe.

As subjetividades são construídas tendo como elemento fundamental o contexto e, segundo Lévy (1993), o desejo e a subjetividade “podem estar profundamente implicados em agenciamentos técnicos” (p.56). O autor sugere que as pessoas podem vir a construir suas subjetividades a partir do uso do computador uma vez que, da mesma forma que se apaixonam por uma moto, um carro, uma casa, ficam apaixonadas por um computador, um programa ou uma linguagem de programação, passando a organizar, pelo menos parte de suas vidas, em função

desses interesses. Dessa forma, Lévy (1993) sustenta que “a informática não intervém apenas na ecologia cognitiva, mas também nos processos de subjetivação individuais e coletivos” (p.53). De qualquer maneira não se deve desconsiderar, para que as TIC’s possam corresponder à produção de novas subjetividades, o entendimento sobre inteligência coletiva a partir dos processos de subjetivação e objetivação propostos por Lévy (1996). Para ele, a inteligência se refere ao “conjunto canônico das aptidões cognitivas, que são as capacidades de perceber, de lembrar, de aprender, de imaginar e de raciocinar” (LÉVY, 1996, p. 97).

Ao mesmo tempo em que essa condição humana de inteligência deve ser considerada deve-se, também, levar em conta uma dimensão transcendente ao indivíduo: a social ou coletiva. Lévy (1996) acredita que

é impossível exercermos nossa inteligência independentemente das línguas, linguagens, e sistemas de signos (notações científicas, códigos visuais, modos musicais, simbolismos) que herdamos através da cultura e que milhares ou milhões de outras pessoas utilizam conosco (p.97).

Ainda por conta do que transcende ao indivíduo, segundo Lévy (1996), a resolução de problemas deve passar pelo coletivo na medida em que cada pessoa contribui “diferentemente e de maneira criativa, para a vida da inteligência coletiva que os ilumina em troca (...)” (p. 112). Conforme o autor, essa inteligência se constitui a partir de *objetos* que marcam ou direcionam as relações entre os indivíduos. Devem ser os mesmos para todos e, ao mesmo tempo, peculiares para cada um, uma vez que cada indivíduo se encontra numa posição distinta em relação a eles e devem, enfim, circular entre os membros de um grupo, e ao fazê-lo, sustentam o virtual.

Essa virtualidade em um suporte objetivo atualiza-se normalmente em acontecimentos, em processos sociais, em atos ou afetos da inteligência coletiva (passes de bola, enunciações de uma narrativa, compras ou vendas, novas experiências, ligações acrescentadas à web) (LÉVY, 1996, p. 131).

Para Foucault (1999), a subjetivação refere-se às diferentes formas da produção de subjetividade em uma determinada formação social e, o modo-indivíduo

do capitalismo moderno, em nada se parece com a experiência subjetiva e mesmo a idéia de indivíduo, em outros momentos da história. Sustenta, ainda, que o homem se constitui no que, conforme conta sua própria história, ele deixa de ser. Diz que o dia a dia aciona-lhe marcas do passado que o fazem reviver algumas situações nos afetos atuais, existindo, assim, o agora, que se desfaz ao ser-lhe colocado o ponto final.

Já Deleuze (1990), ao referenciar subjetivação, faz uso do conceito de *dobra* que, para ele, exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção deste território, expressando o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora. Assim, subjetivação constitui “um modo intensivo e não um sujeito pessoal” (DELEUZE, 1990, p.135). Dessa forma, acredita que cada contexto histórico irá compor de maneiras distintas as forças que o permeiam. Cabe, nesse sentido, o fato destacado por Warschauer (2006) de que, em períodos anteriores à internet o aluno ou aluna que necessitasse fazer um trabalho de pesquisa coletava suas informações em livros na biblioteca da escola, previamente avaliados pelo editor/a e pelo/a bibliotecário/a que o adquiriu o que, pela pouca responsabilidade que lhe era atribuída pela veracidade das informações, limitava-o/a à coleta e resumo das mesmas. Assim, o aluno ou aluna se constituía de uma maneira mais tranquila e passiva, tomando como verdadeiras, por serem impressas e pré-avaliadas, todas as informações acessadas.

Hoje, quando o acesso às diversas informações é facilitado pela internet, a responsabilidade discente se torna muito maior. As capacidades que o letramento informacional propõe desenvolvidas se fazem fundamentais de modo a avaliar criticamente as fontes, uma vez que essas não têm sempre, como as anteriores, a chancela de editores/as e bibliotecários/as, trazendo para si, a responsabilidade sobre a confiabilidade das informações pesquisadas. Esse discente, passa por um modo diferente de subjetivação do daquele que pesquisava somente nos livros, produzindo uma subjetividade de acordo com o seu contexto e as forças que o permeiam, conforme acredita Deleuze (1990).

A contemporaneidade introduz inovações tecnológicas nas comunicações e informações proporcionando novos contextos, nos quais se podem desenvolver diferentes processos de subjetividades, de acordo com os diferentes papéis que os sujeitos ocupam em seu dia a dia. Essas novas tecnologias de informação e

comunicação, considerando-se o conceito de dispositivo de Michel Foucault²² — estratégias, mecanismos, instrumentos e práticas capazes de sujeitar indivíduos sem o uso da violência física —, são dispositivos de intervenção, formatação, interferência e construção de processos de produção de linguagem de indivíduos e grupos e impõem-se como o principal mecanismo da “sociedade do espetáculo”, a qual Debord, na era da imagem, apresenta *espetáculo* como uma “relação social entre pessoas mediada por imagens” (apud SILVA, 2006, p.21). O autor vê no *espetáculo* a substituição do ator pelo espectador e, com isso, a morte da ação. Em contraposição, Maffesoli²³ enfatiza a pujança da contemplação como forma de “ação passiva” (apud SILVA, 2006, p.21).

Silva (2006), destaca que entre posições positivas e negativas, divergências entre Debord que acusa o *espetáculo* de levar os homens a “viverem por procuração” (apud SILVA, 2006, p. 22) e Maffesoli que diz “que ‘os homens sem qualidades’ também gozam de verdade com a ficção do real através da imagem de cada dia na televisão” (id., p.22), as “tecnologias do imaginário são dispositivos de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (Silva, 2006, p.22).

A *sociedade do espetáculo*, contextualizada na *era da imagem* por proporcionar, com suas tecnologias, novas relações entre as pessoas mediadas por imagens, conduz a novos tipos de letramento. Quando as tecnologias privilegiavam a linguagem escrita separavam, automaticamente, a informação e a representação verbal da informação e representação iconográfica, mas as pessoas desejam uma linguagem mais natural, ou seja, “o signo natural”, assim chamada por Jay David Bolter, citado por Warschauer (2006, p. 159):

As imagens ou imagens em movimento parecem ter uma correspondência natural com o que descrevem. Podem satisfazer, mais efetivamente do que a prosa, o desejo de penetrar numa representação “natural”, que não é de modo algum uma representação.

Aquelas tecnologias limitavam as técnicas de impressão com relação às imagens, o que justifica que somente no século XX, com a emergência da

²² DELEUZE, Gilles. *¿Que és un dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento

²³ Maffesoli, M. “*O imaginário é uma realidade*”- entrevista a Juremir Machado da Silva. In: Silva, 2006.

popularidade do cinema e da televisão, além do desenvolvimento das próprias técnicas de impressão nos jornais, revistas e livros, tenha aumentado o desejo humano por um signo natural. Em todos esses suportes, as imagens se tornam cada vez mais proeminentes (WARSCHAUER, 2006).

Na informática, entretanto, as principais características de cada uma dessas tecnologias são reunidas, numa forma de comunicação multimodal, combinando textos, planos de fundo, fotografias, materiais gráficos, áudio e vídeo numa mesma apresentação. Hoje, já com razoável acessibilidade à parte da população — ainda inacessível às massas pelo custo — não apenas como espectadores, mas como criadores de documentos multimidiáticos, que vão desde apresentações em Power Point a filmes caseiros.

Warschaeur (2006) destaca que o domínio da escrita, por não ser uma forma natural de aprendizado como, por exemplo, a narração de histórias, cantos e danças — elementos audiovisuais, naturais — praticadas por indígenas em seus métodos tradicionais de aprendizagem, em muito contribuiu para a desigualdade social. Normalmente, diferencia letrados e iletrados cabendo, a esses últimos, por conta dessa condição, quase todos os outros tipos de exclusão socioeconômicos.

Para o autor, o avanço da multimídia deve proporcionar, ao resgatar formas mais naturais de comunicação audiovisual, mais amplamente acessíveis, oportunidades de equilíbrio no jogo do letramento (WARSCHAUER, 2006). Isto, de certa forma, acabará alterando modos de subjetivação e subjetividades.

Convém, de qualquer maneira, ressaltar que equipamentos de maior qualidade, que permitem a criação da multimídia, por conta da economia da indústria da tecnologia da informação, principalmente no que se refere a *hardwares*, *softwares* e banda larga, ainda são bastante caros, inibindo-lhes o acesso das massas. Se por um lado o letramento multimídia traz consigo um grande potencial para a promoção da inclusão social, por outro se observa a desigualdade de oportunidades de acesso às ferramentas e práticas desse mesmo letramento o que, segundo Warschauer (2006), merece atenção.

Outro importante letramento mediado por computador que pode influenciar subjetividades é o *letramento comunicacional*, o qual propõe que sejam desenvolvidas, no sentido de que as pessoas efetivamente se comuniquem on-line,

as habilidades interpretativas e de escrita necessárias. Essas habilidades incluem regras de comportamento na rede (comunicação polida on-line) num nível mais simples e a pragmática da argumentação e persuasão eficaz em diversos tipos de mídia da internet. Como exemplo, o correio eletrônico, num nível mais avançado e, num nível mais sofisticado, o *know-how* para estabelecer e administrar as comunicações on-line para benefícios de grupos de pessoas. Organizações comunitárias conduzindo suas próprias discussões ou sessões de treinamento exemplificam essa situação (WARSCHAUER, 2006).

Embora a habilidade básica desse letramento não exija ensino por ser de aprendizagem implícita ao se constituir em captar o estilo de interação que está acontecendo numa sala de bate papo, por exemplo, seria um erro pensar que esse letramento se desenvolve espontaneamente, por meio da interação social. Do mesmo modo, que não é importante por, em parte, girar em torno do *chat*. As formas mais sofisticadas, utilizadas no meio acadêmico e empresarial, não são de aprendizagem tão simplificada. O fato de *bater papo* com eficiência, no computador, o fato de se ter esse *know-how*, não implica, necessariamente, que se escrevam mensagens formais eficazes de correio eletrônico, endereçadas a empresas, instituições acadêmicas ou a um representante político (WARSCHAUER, 2006).

A prática do letramento comunicacional mediado pelo computador envolve bem mais do que a atividade individual de decodificar e codificar o texto. Envolve, também, a atividade social de exercer o controle. Acarreta, além da leitura da palavra, a leitura, a escrita e a reescrita do mundo (WARSCHAUER, 2006).

É certo que a aquisição de todos esses tipos de letramentos mediados por computador não será garantida pelo simples acesso físico a essas tecnologias. Como já comentado anteriormente, a educação deve trazer para si essa responsabilidade, proporcionando a aqueles que não têm facilitado esse acesso, além do contato físico com as ferramentas, o desenvolvimento de todas as habilidades e competências necessárias a suas apropriações. Estarão aí, por conta de uma educação voltada aos contextos contemporâneos, calcada em conceitos e tecnologias atuais, modernizando e atualizando o passado, surgindo novos modos de subjetivação e novas subjetividades.

Outra importante colaboração de Warschauer (2006), que conduz ao entendimento de que a aquisição dos letramentos está diretamente relacionada à

produção de subjetividades é quando traz à luz e comenta (pp. 288-289) o escrito de Walter Ong. Estudioso da oralidade e do letramento, escreveu que “as tecnologias não são mera ajuda exterior, mas transformações interiores da consciência, ainda mais quando afetam a palavra”. Warschauer (2006) coloca que tal afirmação foi criticada por ser determinista, mas opõe-se aos críticos alegando que a mesma só se refere ao fato de que a tecnologia e a mente não podem ser separadas, a exemplo da percepção sensorial do cego com a bengala. Alega, ainda, que do mesmo modo que a tecnologia se torna parte da rede neural da mente, se torna, também, parte da rede social da humanidade e compara as TIC’s à eletricidade, à prensa tipográfica, à biblioteca, à televisão, ao telefone e, ainda, à escola, ao clube, ao *shopping Center*, à sociedade em debate e até ao antro de jogatina que, sem dúvida alguma, produzem muitos e variados modos de subjetivação que levam à constituição de subjetividades.

2 METODOLOGIA

A metodologia usada nesta investigação prevê a adoção de uma abordagem de caráter qualitativo, que utiliza, além de entrevistas, a observação dos sujeitos em situações de experiências e vivências diretamente relacionadas com o objeto de estudo. Esse tipo de pesquisa, tem sido bastante utilizado na educação (André, 2004) e tem o pesquisador como instrumento principal na coleta e análise dos dados, envolve um trabalho de campo e utiliza técnicas associadas à observação, à entrevista e à análise de documentos, entre outras.

Para tanto, buscou-se nesta pesquisa, criar um caminho próprio de investigação, amparado no pressuposto bakhtiniano, que se baseia no diálogo ativo entre o pesquisador e o material de investigação.

Os sujeitos entrevistados, integram um grupo de 4 pessoas, formado por uma aluna caloura e uma veterana, ambas do curso de licenciatura em pedagogia, modalidade a distância, regularmente matriculadas no polo de apoio presencial da Universidade Norte do Paraná, em Rio Grande - RS, além de uma tutora de sala e de uma ex-aluna já graduada, sendo que a ideia de incluí-la no grupo dos sujeitos pesquisados surgiu durante o processo de entrevistas, para identificar possíveis reflexos de seu letramento digital em sua vida profissional e pessoal.

Os sujeitos da pesquisa, atendendo a uma solicitação geral às turmas de primeiro e sexto semestres, apresentaram-se voluntariamente para colaborar como entrevistados, num número maior que o estipulado para o trabalho. Adotou-se, então, como critério de escolha, a ordem de apresentação. No caso da tutora de sala, foi escolhida por ser tutora de turmas de pedagogia, já que as alunas que fazem parte desta pesquisa cursam essa licenciatura e, a ex-aluna, por ter marcado presença, com sua trajetória acadêmica e por, até este momento, ter sido a aluna mais idosa do polo.

A primeira a se apresentar foi a aluna veterana, do sexto semestre, com graduação prevista para o segundo semestre de 2010. Percebe-se nela, claramente, o perfil do imigrante digital, conforme descrito de J. Erigleison²⁴, na seção 1.4. Tem

²⁴ In: <http://webparaeducadores.blogspot> – acesso em 16/12/2009

44 anos, é casada e trabalha como educadora popular. Exerce suas atividades no Programa da Infância Melhor, mantido pela Prefeitura Municipal do Rio Grande.

Sua vida escolar contempla a trajetória da educação básica na rede pública de ensino. No ensino médio, cursou o magistério no Instituto de Educação Juvenal Miller, de Rio Grande e, em julho de 2007, prestou vestibular para pedagogia, na Universidade Norte do Paraná, polo de apoio presencial de Rio Grande, estando prestes a graduar-se.

Seu ingresso na universidade apresentou mudanças significativas: passou da rede pública para a rede particular de ensino, mudou, também, a metodologia da educação básica para a do ensino superior e, talvez a mais marcante, da modalidade presencial para a modalidade a distância. Essas mudanças causaram estranhamento à aluna, principalmente pelo fato de nunca ter utilizado TIC's e, de uma hora para outra, essa utilização, passar a ser imprescindível ao sucesso de suas atividades acadêmicas. O parecer resultante da análise dos dados coletados a partir da entrevista, está registrado no capítulo 3, que trata desse tema.

A segunda a se apresentar foi a aluna caloura, do mesmo curso. Ao contrário da primeira, apresenta o perfil do nativo digital e já ingressou na universidade tendo certo domínio do computador e da internet. É solteira e tem 18 anos. Como ocupação estuda e, a exemplo da primeira entrevistada, teve a educação básica pautada na rede pública de ensino e cursou o magistério no Instituto de Educação Juvenal Miller, de Rio Grande.

Pelo percebido durante a entrevista, ainda que não seja muito abastada, parece ter tido mais facilidades, no aspecto financeiro, que a colega entrevistada anteriormente. Aos 12 anos, aproximadamente, já possuía computador próprio, enquanto que aquela, a esse equipamento, só teve o acesso garantido com o ingresso na universidade. Também ao contrário da primeira entrevistada utilizou, ainda que num nível de exigência bastante básico, o computador e a internet para a realização de trabalhos escolares no magistério. Como é de se esperar dos nativos digitais, acredita mais nas pesquisas feitas pela internet e diz que “os livros estão cada vez mais fracos”, numa referência velada aos livros didáticos.

Ainda que já utilizasse as tecnologias antes do ingresso na universidade, reconhece que, atualmente, o faz de maneira mais significativa, a partir das aprendizagens construídas por conta de exigências dos estudos atuais. Concorde, dessa forma, que está aumentando o nível de complexidade em relação ao uso que fazia do computador e da internet. Esse processo, segundo constatado na análise dos dados coletados a partir da entrevista e registrada no próximo capítulo, está se constituindo em processo de subjetivação que, conforme Michel Foucault, se refere às várias formas de construção de subjetividades num determinado contexto social.

Já a tutora de sala, aos 37 anos, é uma imigrante digital, conforme caracterizado por Mark Prensky (2009), na seção 1.4, entretanto, não se vê prejudicada em suas atividades por conta de tal característica. Ao contrário. Além de ser bastante letrada alfabeticamente, uma vez que é graduada em letras, especialista em Sociedade Cultural e Política do Rio Grande do Sul e Mestre em Letras, vem, desde 2000, buscando níveis mais complexos de utilização das TIC's, principalmente do computador e da internet.

Essa busca se tem traduzido em aquisição de letramento digital e influenciado, significativamente, a construção da subjetividade da tutora, de tal forma que a mesma tenha assumido para si uma das principais características do nativo digital: já não mais concebe o mundo sem as tecnologias da informação e comunicação atuais e, principalmente, não concebe o seu próprio mundo, a si mesma, sem essas TIC's.

Esse sentimento em relação às tecnologias contemporâneas, vem ao encontro do pregado por Gilles Deleuze (1992) e Pierre Lèvy (1999), que sugerem que, conforme o nível de letramento digital adquirido, essas TIC's passam a ser extensões dos corpos, mentes e sentidos das pessoas. Na entrevista, a tutora teve acesso a essa informação num questionamento a ela dirigido e concordou plenamente com ele: "sábios autores", conforme registros na transcrição e na análise de dados.

A ex-aluna, ExAa, hoje com 68 anos, graduada há 3, em Superior de Tecnologia em Administração de Pequenas e Médias Empresas, retomou os estudos após 23 anos sem estudar.

Antes de ingressar na universidade, por um tempo desenvolveu atividades no comércio e, depois, prestou concurso público para o Estado. Desempenhava a função de merendeira numa instituição da rede estadual de ensino e considera que essa atividade e as desenvolvidas no comércio, muito lhe ajudaram no curso. Destaca, principalmente, o trato com as pessoas e a parte de logística, desenvolvidas naquelas atividades, como facilitadores dos seus estudos.

De espírito elevado, otimista e de aparência cuidadosamente tratada, concedeu a entrevista em meio a sorrisos. Disse não se ter surpreendido com a modalidade, por ter acompanhado estudos do pai, num curso de rádio-técnico, cujos fascículos vinham da Espanha, por se tratar de um curso a distância.

Até ingressar na universidade, nunca tinha utilizado o computador e a internet, mas lançou-se à busca dos conhecimentos necessários ao desempenho das novas atividades a que se propunha. Atingiu um grau de complexidade tão elevado nas atividades que hoje desempenha com essas ferramentas, certamente resultante da aquisição do letramento digital, que acabou por influenciar, diretamente, sua subjetividade.

De aluna caloura, aos 62 anos de idade, que não conhecia as ferramentas, passou, aos 67, 68 anos, a assumir uma postura de quem lida perfeitamente bem com as tecnologias atuais e dá aulas de computação para pessoas da dita *terceira idade*. Não mais se imagina sem as TIC's e delas se beneficia, tornando sua vida e a de outras pessoas mais prazerosa, conforme se pode observar na análise dos dados feita a partir de sua entrevista. Ainda que não fale qualquer outro idioma além do materno, se corresponde com pessoas de diversos países, utilizando-se de tradutores de textos rompendo, dessa forma, barreiras, até há pouco, intransponíveis.

Impossível não perceber nas respostas da entrevistada, a importância das TIC's no modo como se constitui atualmente. Elas [as TIC's], causaram e causam, positivamente, enorme impacto na maneira de ser, agir, pensar, oportunizando-lhe, aos 68 anos, uma vida intensa, produtiva e perfeitamente incluída na sociedade contemporânea. Essas conclusões vêm ao encontro do defendido por Warschauer (2006), que diz que o letramento digital é uma questão de cidadania ou, pelo menos, de direito a ela.

Os sujeitos foram submetidos a entrevistas semi-estruturadas, calcadas num roteiro que contempla questões ligadas à relação dos mesmos com as tecnologias no início e no final dos cursos, mas que, conforme o desenvolvimento foi, por vezes, sendo alterado. A todos foram colocados os objetivos do trabalho, o direcionamento das pesquisas e o esclarecimento de que as conversas seriam gravadas, para posterior transcrição e que, se concordassem, assinariam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que faz parte dos procedimentos éticos exigidos em estudos que contam com a participação de seres humanos. Comentou-se, ainda, que os resultados produzidos a partir das mesmas visavam, apenas, a um valor acadêmico, não tendo outros objetivos. Foram realizadas nos meses de maio e junho de 2010.

Para análise do material, foram levados em consideração aspectos teóricos que direcionam a pesquisa como a inserção das tecnologias nas sociedades, na educação e os modos como essas podem ou não influenciar no dia a dia dos alunos, criando ambientes e oportunidades de interação e construção coletiva de conhecimentos. Dessa forma, buscou-se perceber se essas influências se constituem em modos de subjetivação, conforme conceituado por Michel Foucault, que levam à construção de subjetividades, num contexto de atividades acadêmicas.

Levou-se em conta, também, a experiência dos alunos com o computador e internet antes e depois do ingresso nos cursos, seus entendimentos sobre as tecnologias nos diferentes momentos e o que representaram e representam em seu cotidiano. Assim, firma-se a ideia de constatar se o maior domínio das técnicas de utilização, dos entendimentos e leituras dessas tecnologias se constituem em aquisição de letramento digital que, de alguma forma, influencia suas subjetividades, uma vez que, conforme Warschauer (2006), este é condição indispensável para a inclusão digital e social.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Além das entrevistas, fez parte da metodologia desta pesquisa a observação dos alunos em suas atividades em sala de aula, no laboratório de informática e nas procuras pelos plantões. Esses são mantidos pelos tutores de sala²⁵, uma noite por semana, no polo, a fim de sanar dúvidas que os mesmos possam ter em seus períodos de estudos a distância.

Todos os cursos da Unopar propõem atividades no ambiente virtual de aprendizagem *Colaborar*, além do chat através do qual os alunos têm a possibilidade de interação com o professor que ministra a tele-aula, ao vivo²⁶. Uma dessas é a chamada *avaliação web*, na qual é proposta a leitura de material e posterior resolução de exercícios, cujo retorno é dado pelo próprio sistema, acusando o número de acertos e as questões certas e erradas, indicando os aspectos aos quais o aluno deve dar especial atenção. Esse processo descreve o que Belloni (1999) conceitua por interatividade que, segundo Lèvy (1999), também produz conhecimento, no qual a pessoa age sobre a máquina e dela recebe um *feedback*.

Conforme visto na sub seção 1.1.1, Maturana e Varela (2002), a esse respeito também se manifestam e dizem que essa produção se dá através de um processo ao qual chamam de acoplamento estrutural, no qual dois seres, ou um ser e o meio exercem atividades entre si que desencadeiam mudança de estado entre eles. A participação nos *forums* é também incentivada, de modo que os alunos possam ser avaliados em seu comprometimento, através da participação e, também, pela profundidade e pertinência das postagens referentes ao tema indicado.

A atividade com maior peso nas avaliações *web* é o *trabalho de portfólio*, que se constitui numa produção textual que deve obedecer a determinados critérios, estabelecidos pelo professor de cada disciplina, além de estar enquadrado nos parâmetros da ABNT. Esse trabalho deve representar a carga horária de estudos dedicados a distância, que de certa forma permite avaliar o aspecto frequência, além do conhecimento construído pelo aluno nesses momentos.

As atividades *web*, das quais todos os alunos são obrigados a participar, exigem a utilização do computador e da internet em seus variados aspectos, que

²⁵ Profissionais da educação, graduados e pós graduados na área do curso a que atendem, que acompanham os alunos nos momentos presenciais e nos plantões disponibilizados uma noite por semana.

²⁶ As aulas são ministradas por professores da Unopar, geradas em Londrina – PR e transmitidas ao vivo para todos os polos do Brasil.

vão desde os simples atos de ligar o equipamento e acessar a internet a outros como acessar o próprio portfólio através de senha, pesquisas on-line, digitação de textos bem como suas configurações de acordo com determinados parâmetros. Fazem parte, ainda, leitura e resolução de exercícios na tela, navegação por diversos links, gravação e anexação de arquivos, envio de arquivos, acesso e participação a chats e foruns, acesso e pesquisa a livros na biblioteca digital, entre outros. Essas atividades são, normalmente, acompanhadas a distância pelo tutor eletrônico²⁷, com o qual podem interagir através de mensagens no próprio ambiente.

Ainda que a maioria dos alunos matriculados tenha acesso ao computador em casa e/ou no trabalho, é grande o número que se utiliza do laboratório de informática disponibilizado no polo a fim de executarem suas tarefas acadêmicas. A observação dessas atividades com final formal de análise, realizada durante todo esse primeiro semestre de 2010, confirmou o que vem sendo observado informalmente nos semestres anteriores, mais precisamente desde o primeiro de 2005. Permitiu constatar a insegurança dos alunos novatos ao ingressarem na universidade, na modalidade a distância. A expectativa do sucesso no avanço estar diretamente relacionado ao manejo do computador e da internet, provoca inquietação e ansiedade, uma vez que o perfil, em sua maioria, corresponde ao daqueles descritos como imigrantes digitais, abordado na seção 1.4. Essa ansiedade é, também, identificada nas consultas aos tutores de sala, que são bem mais procurados pelos alunos calouros do que pelos dos semestres mais adiantados, conforme observações do pesquisador e depoimento da tutora de sala entrevistada.

Não raramente se encontram, no laboratório de informática, veteranos auxiliando alunos de primeiro semestre nas atividades web, quando esses não procuram ajuda com os tutores de plantão ou com os monitores²⁸. Nessas situações, como em outras observadas em sala de aula, quando uns oferecem ajuda a outros em questões de conteúdos, acesso a materiais e manejo das ferramentas, torna-se impossível deixar de elencar como característica dos estudantes da modalidade, a solidariedade.

²⁷ Profissionais de educação, graduados e pós-graduados na área dos cursos a que atendem, que interagem com os alunos dos pólos sob sua responsabilidade por intermédio do ambiente virtual de aprendizagem, sediados em Londrina - PR.

²⁸ Pessoas contratadas, capacitadas para o auxílio aos alunos em seus procedimentos de informática e de sistema do AVA, disponibilizadas pelo pólo.

É notória a diminuição da ansiedade e da inquietude, conforme os alunos vão adquirindo maior intimidade com os procedimentos técnicos a serem utilizados nos equipamentos, o entendimento de como esses funcionam e lhes facilitam as atividades inerentes ao curso e a leitura que passam a fazer dos mesmos. Muitos, a partir de então, provavelmente comecem a utilizá-los como extensões de seus próprios corpos e sentidos, conforme sugerem Deleuze (1992) e Lèvy (1999), em outras atividades cotidianas, que antes não utilizavam.

Essa segurança e mudança de comportamento se refletem na procura pelo auxílio do tutor de sala plantonista, bem como nas consultas feitas em sala de aula, na presencialidade semanal obrigatória. Esses questionamentos são, na maioria, voltados para o acesso e funcionamento do ambiente virtual de aprendizagem – AVA – e manuseio das tecnologias, que estão incondicionalmente imbricados e são feitos, via de regra, por alunos calouros diminuindo, consideravelmente, a partir do segundo semestre.

Os alunos veteranos, retomam as consultas a tutores nos últimos semestres, quando o fazem, com dúvidas mais específicas a seus trabalhos de conclusão de curso e aos estágios curriculares, diferentemente daquelas que faziam nos primeiros semestres, ligadas às tecnologias.

As observações feitas e acima descritas, vão ao encontro dos dados coletados a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos pesquisados, conforme analisados a seguir. Assume-se, afim de não identificar os sujeitos, as seguintes convenções: Aa – aluna, PI – pedagogia primeiro semestre (AaPI), PVI – pedagogia sexto semestre (AaPVI), TSL – tutor de sala e ExAa – ex-aluna. Os demais dados de identificação são encontrados na própria entrevista.

Reforça-se que se buscou, invocando o pressuposto bakhtiniano, que se baseia no diálogo ativo entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa, criar um caminho próprio de investigação.

Da mesma forma, não se assume filiação a nenhuma corrente teórica da Análise do Discurso – AD –, uma vez que o que se pretende não é propriamente analisar o discurso dos sujeitos entrevistados e sim suas relações com as tecnologias e identificar situações que indiquem aquisição de letramento digital. Embora a análise dos dados, nesse caso, dependa de interpretar os dizeres do material de pesquisa, será feita amparada nos resultados até aqui conseguidos pelo pesquisador, em seu processo de aquisição de letramento alfabético e, também,

digital. Isso permitirá estreitar a relação entre os dois tipos de letramento durante a análise facilitando, dessa forma, a percepção dos resultados pretendidos. Esse tipo de análise vem ao encontro dessa pesquisa, que tem no pesquisador o principal instrumento na coleta e análise dos dados.

A participação dos sujeitos (alunas) foi voluntária, entretanto, constatam-se claramente os perfis e o enquadramento dos conceitos de nativo e de imigrante digital, uma vez que uma tem 18 — AaPI — e a outra 44 anos — AaPVI. No desenvolvimento das entrevistas percebe-se mais claramente esses enquadramentos a começar pelo acesso ao computador, que AaPI teve com aproximadamente 12 anos de idade (hoje com 18) e, AaPVI (hoje com 44), somente há pouco tempo, depois de adulta e universitária. A primeira ingressou na universidade dominando as técnicas de utilização, ainda que superficialmente em alguns aspectos como edição de textos. Basicamente utilizava para lazer, comunicando-se com amigos no ORKUT, enquanto que a segunda, iniciou as atividades acadêmicas (por volta dos 41 anos) sem sequer “saber o que era um mouse”.

Ainda que as duas tenham cursado o magistério na mesma instituição, AaPVI, que cursou em período anterior, não utilizou tecnologias de informação e comunicação em suas atividades escolares e, quando questionada sobre essa utilização no ensino médio e com que finalidade, respondeu que “Não. Nenhuma. Livros, né? Só! Assim... de computador, nada”.

Isso pode sinalizar que a educação está, aos poucos, incluindo em seus currículos as TIC's, pois a AaPI, que cursou o mesmo magistério, na mesma instituição, mais recentemente, ao mesmo questionamento respondeu: “É... eu utilizava em casa. Na escola não (a escola não oferecia laboratório de informática). Em casa, quando precisava para fazer algum trabalho”. Em relação ao mesmo tema, foi perguntada: *E que tipo de atividade era desenvolvido?* “É... a gente assistia filmes, daí, depois, pesquisava sobre o filme prá fazer uma síntese... esse tipo de coisa... trabalhos bem simples... era bem simples...”. Percebe-se, assim, um movimento por parte da escola, no sentido de incentivar o uso de tecnologias nas atividades discentes.

Em uma análise mais geral, nota-se que ambas reconhecem a sociedade em que estão situadas, a qual Deleuze (1992) define como de controle, pelas

próprias tecnologias, que também levam seu foco ao conhecimento. Percebem que essas estão inseridas em todos os setores e acreditam que a escola já as está incluindo em seus currículos e que elas devem desempenhar o papel de instrumentos de acesso a informações, conforme pregam Parker (1999) e Law (1995). Acreditam, ainda, que é fundamental o domínio do computador e da internet para os estudos e outras atividades, atualmente.

Elas estão fazendo parte de um processo de inclusão digital, cujos aspectos até então estudados integram categorias às quais Warschauer (2006) chamou de recursos físicos, que incluem o acesso a computadores e conexões de telecomunicações (acesso ao computador e internet em casa e na universidade); recursos digitais, que se referem ao material digital, tornado disponível on-line (em suas pesquisas acadêmicas e nas de interesse próprio); recursos humanos, que dizem respeito a questões com letramento e educação e recursos sociais (escola, família e sociedade), que têm relação com as estruturas comunitárias, institucional e da sociedade que apóiam o acesso à TIC. Essa inclusão será tão mais eficaz quanto maior for o letramento adquirido, tanto alfabético quanto digital.

Das entrevistas, para uma análise mais específica, elencaram-se alguns recortes, a partir dos quais é possível identificar ideias e pensamentos pertinentes à relação dos sujeitos com as tecnologias e com a aquisição do letramento digital, em mais de uma categoria de análise, conforme a seguir:

Ao questionamento: *A necessidade de utilização de TIC's nas tuas atividades acadêmicas, no teu entendimento, auxilia ou dificulta o processo? Por quê?* a AaPVI respondeu:

Ah! Eu acho que auxilia totalmente... assim... como o ensino é a distância, eu não sei como eu ia fazer sem o computador... e praticamente sem o computador em casa, (...) no teu quarto, na tua sala...à tua disposição (...) depois que tu conheces a internet tu não para mais... tu começa a pesquisar, pesquisar, pesquisar... sobre flores... sobre tudo... tu clicas e ta ali... é um mundo mágico, não é? Prá mim foi!

No segmento “Ah! Eu acho que auxilia totalmente...”, AaPVI declara reconhecer a importância das tecnologias nas atividades acadêmicas e, no seguinte, “... como o ensino é a distância, eu não sei como eu ia fazer sem o computador... e praticamente sem o computador em casa, (...) no teu quarto, na tua sala...à tua disposição (...)”, a importância de a elas ter acesso e domínio.

A entrevistada, na sequência, assume as tecnologias como de fundamental importância em sua vida, deixando claro que essa se dá pela nova possibilidade que proporcionam, a da pesquisa, a que antes não tinha acesso. O segmento que registra tal pensamento é: “depois que tu conheces a internet tu não para mais... tu começa a pesquisar, pesquisar, pesquisar... sobre flores... sobre tudo, assim... tu clica e ta ali... é um mundo mágico, não é? Prá mim foi”. A intensidade com que tal segmento foi pronunciado passou ao entrevistador a emoção e a verdade contidas em tal declaração.

Esse último segmento também remete ao pensamento de estar digitalmente incluída, traduz um sentimento de pertença: “depois que tu conheces a internet tu não para mais... tu começa a pesquisar, pesquisar, pesquisar...”

Acima de tudo, a fala como um todo, além do reconhecimento da importância das tecnologias nas diversas atividades e das novas possibilidades potencialmente apresentadas, mostra uma grande mudança nos modos de ser, de agir, de aprender e de buscar da entrevistada. Essa mudança faz parte de um processo de subjetivação, que certamente levará à construção/alteração de sua subjetividade, tamanha intensidade do impacto causado pelo computador e internet no cotidiano de AaPVI.

Neste outro recorte, que aborda a questão da dificuldade no início do curso por conta da modalidade a distância e das tecnologias, AaPVI declara:

(...) No início eu tive muita dificuldade, porque eu não sabia nem mexer no mouse. Não tinha nem ideia... eu não tinha computador em casa... aí eu não sabia nada sobre internet, sobre programas, aí os meus filhos é que começaram a me ensinar... tanto que a minha filha até hoje ela me ensina a digitar os trabalhos direitinho... formatar, botar capa... tudo! Prá mim é um pouco difícil... não sei se pela minha idade, porque eu não tinha isso antigamente e há pouco tempo é que os meus filhos foram ter um computador em casa, com internet. Eles até iam prá lan house porque a juventude de hoje procura. Eu nunca procurei isso. E eu vim conhecer mesmo aqui, no ensino a distância.

Nos segmentos “(...) No início eu tive muita dificuldade, porque eu não sabia nem mexer no mouse. Não tinha nem ideia (...)” e “(...) Prá mim é um pouco difícil... não sei se pela minha idade (...)”, percebe-se claramente a condição de imigrante digital da aluna. Entretanto, no que inicia em “(...) eu não tinha computador em casa (...)” e termina em “(...) formatar, botar capa... tudo! (...)”, ela fala da falta de acesso ao computador mas, também, da disposição para a busca de um

aprendizado que, conforme o grau de aprofundamento, se constituirá em letramento digital.

Ainda que provavelmente sem conhecer os nomes que indicam os dois perfis, a aluna tem a consciência da diferença entre os nativos e os imigrantes digitais, conforme anuncia em “(...) há pouco tempo é que os meus filhos foram ter um computador em casa, com internet. Eles até iam prá lan house porque a juventude de hoje procura. Eu nunca procurei isso. E eu vim conhecer mesmo aqui, no ensino a distância”.

Um dos momentos em que AaPVI indica estar num processo de aquisição de letramento digital e de aquisição do letramento alfabético, é quando se manifesta quanto ao questionamento *Desempenhas bem atividades como edição de textos, envio e recebimento de emails, acesso e postagens em blogs, elaboração de apresentação em Power-point, planilhas de cálculos e pesquisas on-line?*

Eu, agora, to usando mais o meu MSN, porque eu não sabia nem o que que era... pesquisa, eu pesquiso tudo e uma coisa que eu vi que me ajudou muito, porque eu tinha muitas ideias e não sabia como colocar no papel e com as atividades de portfólio é assim... uma coisa instantânea... tu começa a escrever, escrever, escrever e não... me abriu muito esse lado aí... da literatura, do escrever (...) Porque às vezes tu não consegues nem escrever uma carta, né? E, agora, as ideias fluem. Tu pegas um tema, vai na internet, tem tudo aquilo de pesquisa e com as tuas palavras tu podes montar o teu texto, elaborar o teu texto.

Em vários segmentos da fala percebe-se a evolução na relação com as tecnologias e que acabam por se constituir num processo de aquisição de letramento digital: “Eu, agora, to usando mais o meu MSN, porque eu não sabia nem o que que era... pesquisa, eu pesquiso tudo(...)”, “(...) Tu pegas um tema, vai na internet, tem tudo aquilo de pesquisa (...)”.

Aquisição de letramento alfabético associado ao letramento digital:

(...) pesquisa, eu pesquiso tudo e uma coisa que eu vi que me ajudou muito, porque eu tinha muitas ideias e não sabia como colocar no papel e com as atividades de portfólio é assim... uma coisa instantânea... tu começa a escrever, escrever, escrever e não... me abriu muito esse lado aí... da literatura, do escrever (...)

e, também, no segmento “(...) Porque às vezes tu não consegues nem escrever uma carta, né? E, agora, as ideias fluem. Tu pegas um tema, vai na internet, tem tudo

aquilo de pesquisa e com as tuas palavras tu podes montar o teu texto, elaborar o teu texto”.

E também no recorte a que se refere à percepção da facilidade de escrita, a que atribuiu: “Ao acesso às pesquisas que eu não tinha antes. Eu sempre gostei muito de ler, mas assim... virtual já é mais fácil, né? Ta tudo ali e tu podes... às vezes eu quero ler um livro e leio através do computador”. Aparece, aqui, uma exceção às características dos imigrantes digitais apontadas por J. Erigleidson, que diz que esses não gostam de ler na tela.

Como AaPVI está em processo de aquisição do letramento digital, a insegurança da imigrante se faz notar em diversas falas, como na que responde ao questionamento do entrevistador em relação às dificuldades por ele ainda percebidas: *E as dificuldades que sentias no início, eu percebi que ainda tens alguma em relação ao manejo do computador. Mas se tiveres que fazer sozinha, tu fazes?* “Faço. Faço sozinha. Só peço pra minha filha olhar se tá tudo direitinho, porque uma vez eu mandei mesmo e saiu tudo desconfigurado. Mas agora já mando”. Percebe-se nesta fala o imigrante digital e suas inseguranças, conforme descritas por J. Erigleidson, no blog web para educadores mas, também, sua característica de enfrentar e superar os limites impostos pelas TIC’s.

Essa superação também é observada nos recortes: *Tua relação com as TIC’s, a partir do curso, sofreu alguma mudança?* “Bastante mudança. Bastante mudança mesmo... coisas que eu nem sabia que existiam, agora eu sei”.

E isso aí te facilitou, inclusive, a aprendizagem, o acesso? “Facilitou, totalmente a aprendizagem, aqui, à instituição, ao curso, a tudo”.

A questão da autonomia, conforme entendido por Belloni (1999), que remete a um processo de ensino centrado no aprendente, que deve ser capaz de auto-dirigir e auto-regular o próprio processo, é percebida na mesma fala na qual descreve as dificuldades enfrentadas no início do curso: “(...) Uma colega minha é que digitava na casa dela. Eu fazia, preparava e ela digitava. Mas aí essa colega desistiu do curso e eu disse: não, agora eu vou ter que dar um jeito de eu fazer. E aí a gente adquiriu o computador”.

Esses recortes indicam que AaPVI passa por processos de subjetivação que, para Foucault (1999), refere-se às diferentes formas da produção de subjetividade em uma determinada formação social.

Ainda que notadamente AaPVI tenha evoluído em relação às tecnologias, impossível não se comparar esse processo entre as duas entrevistadas do curso de pedagogia. AaPI enfrentou dificuldades iniciais porém, confirmando o esperado de um nativo digital, as superou com mais facilidade, conforme percebido na entrevista, do que AaPVI, que embora as supere, o faz com maior sacrifício e num tempo maior que a colega, apresentando o esperado para um imigrante digital, conforme conceituado por Mark Prensky.

Da mesma forma, análise nesse sentido foi feita, nos recortes a seguir, referente à AaPI. É observado em sua resposta ao questionamento: *O que esperas daqui pra frente, em relação ao curso e às tecnologias em relação a tua vida? De que maneira poderá interferir?*, a importância que a aluna dá às tecnologias na sociedade atual: “Ah... eu acho que vai avançar e a gente tem que ir buscando, né?... cada vez mais... porque hoje em dia, quem não sabe usar o computador, fica complicado, né? Bem complicado... acho que elas têm que evoluir e a gente evoluir junto...”

No segmento “Ah... eu acho que vai avançar e a gente tem que ir buscando (...)”, a aluna já antecipa uma ideia de autonomia e, no “(...) porque hoje em dia, quem não sabe usar o computador, fica complicado, né? Bem complicado... acho que elas têm que evoluir e a gente evoluir junto...”, passa seu entendimento de inclusão social e digital.

Ainda que AaPI tenha o perfil de um nativo-digital, a partir do que se presume muita intimidade com as TIC's, relata, ao ser questionada sobre a evolução com as mesmas:

Há! Aumentou! Com certeza... porque é como eu te falei, né?... eu utilizava, mas não com aquela importância... de fazer tudo certinho... têm me ajudado bastante, porque eu to evoluindo assim... várias coisas... vários sites que eu não conhecia, eu passei a conhecer... na hora de pesquisar mesmo... sites que a própria faculdade sugere... porque eu entrava sempre naqueles mesmos sites, por lazer... ou então lá de vez em quando entrava em outro... agora não, já conheci vários sites interessantes... uso bem mais.

Pela resposta, percebe-se que a aluna entende que embora se valesse das tecnologias antes do ingresso na universidade, nem sempre o fazia de maneira produtiva e que o uso atual é bem mais significativo. Para essa conquista, foi necessário aprender novas atividades que antes não desempenhava. A fala em si, sugere aquisição de letramento digital.

É pertinente destacar que essa evolução com AaPI acontece no próprio semestre inicial do curso, uma vez que a entrevista foi feita ao final do mesmo, em 16 de junho. Isso justifica o analisado nas observações, quando se fala que a procura pelos tutores plantonistas diminuem muito, a partir do segundo semestre.

No segmento “(...) têm me ajudado bastante, porque eu to evoluindo assim... várias coisas (...)” a aluna sugere mudança de estado e compara, no seguinte segmento: “(...) porque eu entrava sempre naqueles mesmos sites, por lazer... ou então lá de vez em quando entrava em outro... agora não, já conheci vários sites interessantes... uso bem mais”.

No recorte: *Como te sentes em relação à modalidade a distância, já que vens do ensino presencial? Tu sentes alguma diferença na modalidade?*, a aluna deixa bastante clara a questão da autonomia, característica dos alunos de EaD, almejada, também, pela modalidade presencial. Fala da dificuldade sentida, entretanto não faz referências, como esperado para um nativo digital, a grandes problemas com as tecnologias:

No início eu senti. É bem complicado de a gente se adaptar porque... tu te controlas... tem que ter uma dedicação maior... a maioria das pessoas pensa que é mais fácil, mas não é... tu tens que te dedicar... se não se dedicar, não adianta. Mas agora me adaptei e to adorando.

Note-se que, segundo Belloni (1999), se enquadram mais no perfil do aluno a distância pessoas com mais idade, adultos, com maturidade e motivação suficientes à auto-aprendizagem e possuindo um mínimo de habilidades de estudo. AaPI, tem apenas 18 anos.

Ainda que o pesquisador tenha a clareza das prováveis facilidades dos nativos digitais com as TIC's, no recorte que se segue buscou investigar essa utilização relacionada às atividades acadêmicas: *Como te sentes em relação às atividades que tens que desenvolver no ambiente virtual de aprendizagem, o*

Colaborar? Ali tens várias atividades para fazer como envio de trabalhos, avaliações web, pesquisas... como te sentes em relação ao domínio desse ambiente?

No início era terrível... não sabia... ficava com medo de enviar errado e não ter como arrumar... como corrigir... e agora não... agora eu já acostumei. Já sei como é o processo direitinho, como é direitinho... então agora ta fácil... faço, envio... tudo direitinho...

Embora a entrevistada tenha estado insegura em relação às atividades mediadas pelas TIC's no AVA, diferentemente da AaPVI que até o VI semestre ainda sente certa insegurança, antes do término do primeiro já as superou.

Na continuação da investigação sobre o tema tecnologias, AaPI foi arguida: *Hoje, tu desempenhas bem as atividades de editar textos, envio e recebimento de e-mails, acesso e postagem em blogs, elaboração e apresentação de Power-point, planilhas de cálculos e pesquisas on-line?*

Alguns eu não conheço bem, mas quando eu tenho que fazer, daí eu fuço bastante e aprendo... aprendo rapidinho... porque eu sou rápida prá aprender, porque eu procuro bastante, eu fuço em tudo... aí eu acabo aprendendo.

E no curso, tens utilizado coisas que antes não utilizavas? “Ah sim! Sim... porque... antes eu utilizava muito o Word, mas não tinha aquelas regras prá trabalho... o espaçamento tudo certinho... então agora eu to me adaptando e to tendo que aprender prá enviar o trabalho certinho...”

Nos dois recortes destaca-se a facilidade que AaPI tem em lançar-se à busca de níveis mais complexos do letramento digital.

Em vários momentos, percebe-se nas duas entrevistadas, a utilização das tecnologias funcionando como dispositivos que, conforme entendimento de Deleuze (1996), provocam mudanças nos novos modos como os usuários se movimentam, se relacionam, interagem, na construção de novos conhecimentos e, a partir de tantas alterações, em suas subjetividades.

Esses dispositivos são apresentados como que fazendo parte de um processo de subjetivação, em falas nas quais mostram, claramente, operações de alteração de estado, a partir das quais antes não procediam de determinada maneira, agora sim, antes desconheciam, agora conhecem e, assim, estão se transformando como pessoas. Aparecem, também, nos dizeres que mostram que,

em parte, deixaram a dependência de outros e conquistaram a sua própria independência e que passaram, a partir de novos relacionamentos com as TIC's, a ter uma nova visão do mundo e a protagonizarem suas próprias vidas. Esses recortes remetem à ideia de construção/alteração de subjetividades.

Já os dados coletados a partir da entrevista com a tutora de sala eliminariam quaisquer dúvidas, caso alguma ainda existisse depois das observações e entrevistas feitas com as alunas. Destaca-se, aqui, que a entrevistada possui níveis bastante altos de letramentos, tanto alfabético (Mestre em Letras), quanto digital (utiliza computador e internet e busca o aperfeiçoamento desde 2000).

No recorte: *Como percebes os alunos calouros em relação à modalidade EaD? E às TIC's?*, a tutora já confirma todos os dados apresentados e analisados a partir das observações e das entrevistas, relacionados ao tema:

O que eu pude perceber desses alunos é que eles têm grandes dificuldades, no início... o primeiro módulo deles é muito difícil por que: primeiro, alguns não dominam o computador, não dominam o Word, não dominam email, é bem complicado... e depois, se eles não dominam isso, prá dominar a plataforma Colaborar, da Unopar, se torna um pouco difícil. Qual é a saída desses alunos? Que eles venham aos plantões que são oferecidos pela universidade (...) nesse primeiro módulo existe, sim, uma grande dificuldade, tanto com o computador, quanto com a plataforma da Unopar.

A entrevistada nesta primeira fala já confirma que as dificuldades existem, que normalmente acontecem no primeiro semestre e que giram em função das tecnologias e do AVA, conforme o segmento

O que eu pude perceber desses alunos é que eles têm grandes dificuldades, no início... o primeiro módulo deles é muito difícil por que: primeiro, alguns não dominam o computador, não dominam o Word, não dominam email, é bem complicado... e depois, se eles não dominam isso, prá dominar a plataforma Colaborar, da Unopar, se torna um pouco difícil.

Na sequência, ela já anuncia as consultas aos plantões: "(...) Qual é a saída desses alunos? Que eles venham aos plantões que são oferecidos pela universidade (...)"

Como em outro momento da entrevista a tutora declarou exercer a função em dois cursos diferentes e já ter sido tutora também em outra instituição, o pesquisador fez a seguinte indagação, a qual se utiliza como recorte: *E em relação a essas dificuldades que tu citasses, existe uma diferença entre os alunos de um*

curso e de outro? E de uma instituição e outra, já que em outra ocasião tu fosses tutora de outra, também?

Bom, eu não sei te dizer entre uma instituição e outra, porque na Unopar eu sou uma tutora presencial, eu tenho contato com o aluno olho no olho. Na UAB, eu fui tutora a distância, então quer dizer: eu fui aquela tutora que só se comunicava com o aluno pelo computador. Então, se ele não conseguisse utilizar a tecnologia ele não chegava até mim. Então eu não sei te dizer qual foi a dificuldade deles nesse processo (...) entre os cursos, a dificuldade... não, não apresenta diferença... eles têm, aparentemente as mesmas dificuldades: muitos com o computador e muitos com a plataforma.

No segmento que inicia em “Bom,(...) e termina em (...) nesse processo”, a entrevistada diferencia os tipos de atuação numa e noutra instituição, alegando que não tem como comparar as dificuldades dos alunos uma vez que numa era tutora presencial e noutra a distância. Entretanto, no segmento que inicia imediatamente após aquele e se estende até o final da fala, garante que não existe diferença nas dificuldades encontradas nos alunos dos dois cursos com os quais lidou.

Outro recorte que contempla dados relevantes, dessa entrevista, é o que questiona: *Com base nessas consultas, tens como traçar um paralelo entre os calouros e os veteranos que te procuram nos plantões ou mesmo em sala de aula?*

De tecnologias? Eles chegam crus e eles saem cozidos. Claro que eu não vou generalizar, que não são 100%. A gente tem turmas bem heterogêneas... então quer dizer... aqueles alunos mais novos, eles manejam bem as tecnologias. Aqueles mais velhos, que não são filhos dessa geração, já têm mais dificuldade. Então, quer dizer: eu acredito que 80% dos calouros têm dificuldades, mas mesmo esses mais velhos, com dificuldade, ou os que não têm esse domínio, com certeza, a partir do segundo, terceiro semestre, eles já saem, assim... dominando toda e qualquer tecnologia.

A fala inteira sinaliza para a aquisição do letramento digital, a começar pela metáfora: “De tecnologias? Eles chegam crus e eles saem cozidos”, numa clara alusão àquela aquisição. “Claro que eu não vou generalizar, que não são 100%.”

Fala das diferenças entre os nativos e os imigrantes digitais em relação às dificuldades enfrentadas: “Aqueles mais velhos, que não são filhos dessa geração, já têm mais dificuldade”, mas garante que todos, num tempo maior ou menor, acabam vencendo as dificuldades, o que remete à aquisição de letramento digital:

Então, quer dizer: eu acredito que 80% dos calouros têm dificuldades, mas mesmo esses mais velhos, com dificuldade, ou os que não têm esse domínio, com certeza, a partir do segundo, terceiro semestre, eles já saem, assim... dominando toda e qualquer tecnologia.

Até esse momento da entrevista, o pesquisador direcionava os questionamentos para a vida acadêmica dos discentes, com possíveis reflexos na vida social. Entretanto, no sentido de explorar mais a TSL, que em suas falas já confirmava o que vinha sendo pesquisado e concluído em relação àqueles, questionou-a, na intenção de ultrapassar os limites das atividades discentes: *Define pra mim, por favor, o que representam hoje, na tua vida, no teu modo de ser, as TIC's. Tu consegues te imaginar, nas tuas atividades normais, sem as tecnologias?*

Não me imagino. Toda a vez que eu vou... eu falo muito isso toda a vez que eu vou dar aula de redação. Eu sou professora de redação, também. E eu digo aos alunos... como seria... como viveríamos sem o celular? A gente já viveu sem... hoje, como viver sem a internet? Como fazer uma pesquisa? Eu ia à biblioteca e copiava páginas e páginas. Hoje o computador, o telefone celular, essas tecnologias proporcionam uma vida que... olha, posso te dizer que maravilhosa. Não sei o que seria viver sem elas. Já vivi, mas não sei mais agora.

Essa resposta mostra quão importante, na vida da TSL, são as tecnologias. Imediatamente remeteu o pensamento do entrevistador ao defendido por Gilles Deleuze (1992) e Pierre Lèvy (1999), que dizem que, a partir de determinado nível de complexidade e utilização das TIC's, elas podem passar a extensões de nossos corpos, mentes e sentidos. Nesse momento, questionou a tutora sobre esse pensamento desses filósofos: *Deleuze e Pierre Lèvy, dizem que as tecnologias passam a ser uma extensão dos nossos corpos, das nossas mentes e dos nossos sentidos. Concordas com isso?* A TSL, sinalizando com a cabeça e com uma expressão facial de total concordância, respondeu:

Com certeza. Claro que sim. Sábios autores. Eu... prá fazer, por exemplo, a minha dissertação de mestrado, não sei o que faria sem o meu computador. Quando eu comecei a usar o computador, lá, em meados de 2000, eu ainda usava o rascunho... escrevia no rascunho... e as pessoas me diziam: mas porque tu não fazes direto no computador? Passaram-se, acho, que três, quatro anos, e eu ainda fazia rascunho. A partir do momento em que tu aprendes a usar a tecnologia, a manejar a tecnologia, tu vêes que só tens a ganhar. Era ridículo fazer rascunho à mão, podendo fazer direto no computador: volta, apaga, deleta... E, às vezes eu vou ler um livro e escrever alguma coisa daí eu digo: ah!!! Porque que não tem o deleta, o volta, o refaz, que é bem mais fácil...

Assim, percebe-se que quanto maior o nível de letramento digital, mais importante as tecnologias se tornam na vida das pessoas, em todas as atividades desempenhadas no dia a dia, nas quais possam mediar o desempenho tornando-se, de fato, extensões de corpos e mentes.

Já a entrevista da ExAa surpreende, não pelo fato de uma senhora de 68 anos, graduada num curso a distância, lidar eficientemente com as TIC's, mas por essa mesma senhora, até os 62 anos de idade, ser completamente analfabeta digitalmente e chegar aos níveis de domínio atuais. A imigrante digital que é, ultrapassou, dos 62 aos 67, 68, as barreiras que são impostas pelas tecnologias às pessoas com o seu perfil e tornou-se, ainda que consideradas as proporções e o grau de exigências, professora de computação, dando aulas particulares a pessoas da *terceira idade*.

Fala do início do curso no seguinte recorte: *E o início do curso, por ser uma modalidade a distância e o uso das tecnologias, foi muito complicado?* “(...) isso é uma coisa que eu também já tinha visto acontecer (referindo-se à modalidade), porque o meu pai, ele estudou curso de rádio-técnico, um curso da Espanha... vinha os fascículos prá ele... Então eu já tinha uma noção...”

A entrevistada mostra que já conhecia a modalidade a distância, não considerando, como não é, uma novidade na educação. Há autores que atribuem seu início aos sofistas, que vagavam de lugar a lugar para dar suas aulas, oralmente. Outros, atribuem às cartas dos Apóstolos, cuja intenção era a de ensinar a palavra de Jesus Cristo, entretanto, oficialmente, começou com a inauguração dos correios (ALVES, 2006).

E continua, sugerindo que não teve o menor problema, no início do curso, por ser a distância, a partir da interferência do pesquisador: *Sim. Da modalidade a Sra. já tinha uma noção...* “É... o meu pai ficava em casa estudando... aquilo vinha pelo correio... E no próprio curso da Unopar falava, assim, sobre isso... que após a guerra (...) Eu achei assim, uma maravilha, né?”

Já, quanto às tecnologias: *E a questão do computador e da internet?*

Quando eu cheguei aqui eu não conhecia... Eu vou dizer assim: eu vim com a cara e a coragem, porque eu não tinha nem computador... mas, aí eu fui vendo que a ferramenta principal era o computador... três meses depois que eu já tava no curso eu disse: não, tenho que me lançar... tenho que

aprender... daí eu vi como eu já tava atrasada na computação... já estava aí há 20 anos, já...

Nesta fala a aluna mostra claramente sua autonomia, no segmento “(...) três meses depois que eu já estava no curso eu disse: não, tenho que me lançar... tenho que aprender (...)” e a percepção na importância das TIC’s na contemporaneidade e o quanto estava defasada, no segmento: “(...) daí eu vi como eu já estava atrasada na computação... já estava aí há 20 anos, já...”

Nos questionamentos que se seguiram, percebe-se, durante todo o tempo, o letramento digital se fazendo presente: *Pesquisador: Sim... a Sra. nunca tinha tido notícias do computador, da internet, nada? Nunca tinha utilizado?* “Nunca... nada... nada... nada... quando muito conhecia o teclado, por causa da datilografia. Mas aí me encantei né? Com o computador... me encantei [risos]... fui indo, fui indo e...”

Pesquisador: E como é que foi o processo de aquisição... a Sra. entrou em cursos, essas coisas assim? “Eu fiz um curso básico e dali fui desenvolvendo”. Percebe-se, nos dizeres desses recortes, a autonomia e o grande interesse em apropriar-se das tecnologias, a partir do declarado encantamento pelo computador. Servem, também, para indicar reais mudanças no comportamento da entrevistada.

Foi questionada sobre as dificuldades iniciais com as TIC’s para a execução das atividades acadêmicas, ao que se pronunciou: “No início eu pagava prá alguém digitar pra mim. Eu redigia tudo, sempre gostei muito de escrever, não é? Tinha parte muito teórica também, não é? E eu pagava pra redigir... eu redigia, quer dizer, e pagava para digitar”. Nota-se, claramente, a presença da imigrante digital. Não domina a tecnologia e busca recursos com quem delas entende.

Entretanto, essa foi a saída, inicialmente, para driblar a falta das habilidades e competências necessárias à auto-direção no curso, conforme apontado por Belloni (1999), como característica do aluno da atualidade: a autonomia. No seguinte recorte, contudo, observa-se que ExAa evoluiu nesse sentido: *E isso nunca foi um grande problema prá senhora? A Sra. nunca pensou em desistir?* “Não, não... nunca pensei em desistir... eu sempre pensei que ia aprender... e quando foi no final, a TCC, eu já montei ela... tudo dentro das normas... explicavam bem, não é? Davam modelo prá gente... margem do lado direito (...)”.

A ex-aluna, neste momento, dá ao trabalho de conclusão de curso o valor que ele deve ter e representar: o de uma produção que encerra toda uma trajetória acadêmica, da qual o aluno deve ser o protagonista e assumir para si e os demais, sua autoria, sua construção de conhecimentos, enfim, a aquisição de letramentos: “(...) eu sempre pensei que ia aprender... e quando foi no final, a TCC, eu já montei ela, tudo dentro das normas (...)”.

Há, no caso desta entrevistada, um conflito entre o perfil do imigrante digital descrito por J. Erigleidosn, no blog Web para educadores (acesso em 16/12/2009). Ela não costuma falar de inseguranças, mas de ir descobrindo, se encantando, conforme o recorte: *E como a Sra. se sentiu quando começou a fazer tudo: eu digito, eu envio... eu faço tudo, assim...?*

Ah! É uma satisfação pessoal muito grande, não é? Porque tudo o que a gente acrescenta a si mesmo, com o esforço da gente... E aí eu fui conhecendo a ferramenta, aprendendo a lidar com ela, conhecendo o que significava tal tecla..., enfim... fui descobrindo, então isso aí vai encantando a gente, porque o computador é infinito o que a gente pode aprender nele... a gente aprende hoje e tem mais coisa prá se aprender, aprender, aprender...

Ela enxerga, na ferramenta, sempre novas possibilidades de novas aprendizagens e se encanta com isso, mostrando um contraponto a aquele perfil, que busca, normalmente, somente o absolutamente necessário às suas atividades mais comuns e necessárias. É a visão do nativo, que naturalmente olha para as novas possibilidades de descobertas, que ExAa está assumindo, aos 68 anos.

No recorte: *E a Sra. continua trabalhando com o computador?* “Continuo, continuo, direto... Eu tenho até um note book agora [risos]... eu tenho dois (...)”, percebe-se o cuidado de estar atualizada com as TIC's e as mudanças de atitudes provocadas por sua relação com as tecnologias no que se segue: *E prá que a Sra. usa mais? Acessa muito a internet?*

Eu acesso sempre. Todos os dias. Todos os dias. E, hoje eu digito. Eu faço digitação... eu tenho amigos que são compositores, e eu... transcrevo, né? Eles redigem a mão e eu digito prá eles... ainda coloco o título das músicas que às vezes eles me pedem prá colocar... sugiro títulos...

Frente a tantas mudanças de comportamento, o pesquisador comenta: *Então a Sra., de não saber fazer nada no computador, passou a ajudar os outros, também...* e ExAa surpreende, com a seguinte resposta:

Eu dou aulas, também, assim... com hora marcada, na casa de amigas, conhecidas... porque tem pessoas, assim, com a minha idade, e menos, até, que têm vergonha de ir pra uma escola, e de chegar lá no meio de jovens e dizer: ah, eu não sei nada, eu não sei nada... aí eu dou aula, cobro por hora... dou aula de computação...

Frente a tal declaração, o entrevistador constata: *Então essa é a sua atividade profissional... a Sra. disse que não tinha...* “É, realmente, agora eu to fazendo isso assim... mas por prazer, sabe...”

Pesquisador: *A Sra. dá aula particular de tecnologias... de computação...?*

É... dou... de computação... cobro R\$ 25,00 a hora... Em 4 aulas a pessoa já sabe enviar email, já sabe abrir sites... vários, não é?... aí eu boto nuns sites interessantes, de música, ensino a colar músicas... nas salas de bate papo... porque prá pessoa desembaraçar, tem que ir prá sala de bate papo... até pra digitar melhor (...) e agora, estou estudando HTML, porque eu quero montar um site prá mim... eu quero um site... é um site e blog assim, ao mesmo tempo (...) eu tenho hoje muitos amigos na internet... hoje eu tenho assim, uma infinidade de amigos... eu tenho assim, lá pelo Ceará eu tenho um médico, nos Estados Unidos, um biólogo..., né?... que se comunica comigo... mas são várias as pessoas...

Constata-se o nível de complexidade atingido por ExAa no manejo com as TIC's e o quanto esse letramento tem influenciado sua qualidade de vida e também sua subjetividade. De aluna caloura, aos 62 anos, completamente analfabeta digitalmente, à professora de computação. Busca, assim, proporcionar uma vida mais prazerosa a outras pessoas, a exemplo do que faz com a própria vida, rompendo barreiras, até a aquisição desse letramento, totalmente intransponíveis, como se pode observar no recorte a seguir: *E isso tudo foi o computador que fez com a Sra.?*

É... o computador... o computador... tem muita coisa assim no computador... só sente solidão, quem não se comunica. Essa ferramenta é uma ferramenta grandiosa. Isso me faz me lembrar (...) houve uma separação pela Torre de Babel... misturou as línguas... e agora o contrário... eu não sei falar outro idioma e eu me comunico, porque tem o tradutor... tem um rapaz que é alemão, o outro que é grego... e eu converso com eles... Só que a gente demora mais um pouquinho... e eu coloco no tradutor, né? E aí eu envio prá ele, pelo MSN... que as empresas também usam o MSN prá se comunicarem... quer dizer, ali ta a união de todas as raças... onde tiver um computador com a internet, a gente pode...

Ainda que não fale nenhum outro idioma, ExAa se comunica, através do MSN, com pessoas de vários países do mundo, valendo-se de tradutores. Essa

ferramenta, está disponível on-line, entretanto, proporcionalmente, poucos dela se utilizam, mesmo aqueles com o perfil de nativos digitais.

Pesquisador: Então, houve a separação pela Torre de Babel e agora a União...[risos]... “É. O Bill Gattes uniu [risos]... o Bill Gattes uniu... [risos]... E com menos esforço. A tecnologia, uniu as Nações. A tecnologia... uniu...” Refere-se, com outras palavras, bem humoradas, à globalização, à desterritorialização, que o computador e a internet, a partir de suas possibilidades de interações síncronas e assíncronas proporcionam. E fica maravilhada com as tecnologias e suas potencialidades.

Para encerrar, o pesquisador questiona: *A Sra. consegue se imaginar, hoje, sem o computador e a internet?*

ExAa: Não! Não... não... [com expressão de espanto]... Hoje prá se comunicar com os familiares... eu encontrei familiares no nordeste (...) então, um dos primos irmãos, meus, era dono da oficina mecânica que ele fazia a manutenção do carro (...) eu encontrei os familiares, através da internet, conversando com as pessoas...

A exemplo da TSL, ExAa assume pra si a característica dos nativos digitais de não mais imaginar o seu próprio mundo sem as TIC's contemporâneas. Essas, sem dúvida, têm provocado grandes transformações em seus modos de viver. Têm funcionado como aqueles dispositivos que acionam novos processos de subjetivação, que provocam alteração de estado e acabam por construir novas subjetividades, de acordo com Deleuze (1996).

CONCLUSÃO

Os alunos que ingressam na universidade, em cursos de graduação a distância, enfrentam dificuldades por conta da utilização das tecnologias e dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Esses mesmos alunos, nos primeiros semestres, passam a dominar essas TIC's, essenciais no desenvolvimento do curso, superam aquelas dificuldades e apresentam uma nova atitude, uma nova postura frente aos desafios propostos pela academia, diferentes daquelas com as quais ingressaram.

Essas foram as observações feitas pelo pesquisador, que é gestor do polo de apoio presencial da Unopar, em Rio Grande – RS, no qual estão matriculados esses alunos, que o moveram ao estudo ora apresentado.

As tecnologias se impõem, cada vez mais, em todos os setores da sociedade contemporânea. Assim, seu domínio torna-se condição fundamental para o exercício das atividades que incluirão os sujeitos socialmente e os farão protagonistas de suas próprias existências, exercendo plenamente suas cidadanias. Esses fatos, por si só, justificam este estudo que teve como objetivo investigar se o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias ao desempenho de atividades mediadas por TIC's, em níveis mais complexos, se constitui em processo de subjetivação, de modo a interferir na constituição de subjetividades.

Esses níveis de complexidade na utilização das tecnologias, constituem a aquisição do letramento digital que, a exemplo do letramento alfabético, quanto mais agregadas de dificuldades as atividades desenvolvidas com sucesso, maior o letramento e possibilidades de inclusão digital.

Dessa forma, o pesquisador pretende justificar as mudanças percebidas naqueles alunos, calouros e veteranos, que lhe despertaram o interesse por essa pesquisa.

A exemplo das tecnologias de outras épocas, as atuais se constituem em elementos condicionantes de cultura que, junto a paradigmas e à educação,

norteiam modos de vida e contribuem em processos de subjetivação. Ainda que amplamente difundidas, para muitas pessoas a escola é uma das poucas, se não a única possibilidade de acesso às TIC's, o que justifica as tentativas, por parte da educação, de incluí-las em seus currículos. Essa inclusão, ainda não apresenta resultados significativos na educação básica presencial, conforme se tem visto no desenvolvimento deste trabalho, entretanto, na modalidade a distância, por tal domínio ser inerente ao processo exige, de seus atores — discentes, docentes e gestores —, as habilidades e competências desenvolvidas para tanto. Este é o motivo que levou a eleger-se o contexto acadêmico, na modalidade a distância, para a realização da pesquisa.

Nas observações feitas, que faziam parte da metodologia desta pesquisa, constatou-se que muitos dos alunos que ingressam nos cursos de graduação a distância apresentam comportamentos compatíveis com o perfil de imigrante digital. Esse perfil descreve aqueles que nasceram antes do advento do computador e da internet e não têm domínio sobre eles. Necessitam de tempo, dedicação e perseverança para romperem as barreiras impostas por tantas inovações e rápidas transformações, diferentemente do nativo digital, que já nasceu após aquele evento e não concebe o mundo sem essas ferramentas. Esses perfis, primeiramente citados por Mark Prensky (2009), são considerados, para efeito deste estudo, como categorias passíveis de análise, entre outras, por poderem indicar e/ou justificar o grau de dificuldade na aquisição do letramento digital.

A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2010 e, a partir dela, concluiu-se que os alunos e alunas dos cursos de graduação a distância, ao mesmo tempo em que vão ficando mais letrados alfabeticamente, a partir dos conteúdos curriculares propostos vão, também, adquirindo e/ou aprimorando o letramento digital. Este último, além de influenciar diretamente na construção de novos saberes, promove alterações, ainda, nos conteúdos atitudinais.

Em uma primeira instância, o que diferencia os discentes da modalidade a distância dos da presencial é que aqueles, além de terem um perfil no qual a autonomia faz diferença, utilizam incondicionalmente as TIC's, que acabam por oportunizar novos modos de subjetivação e, conseqüentemente, novas subjetividades, que se fazem notar tanto no aspecto discente como no relacional/social e no pessoal.

A autonomia é uma característica que a educação, também na modalidade presencial, persegue para seus alunos e anuncia na LDB, Art. 35, itens I, II e III, referindo-se ao aluno no fim do ensino básico: “(...) c) o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo aqui a formação ética, a autonomia e o pensamento crítico”. Entretanto, as metodologias desenvolvidas na modalidade, ainda hoje, reproduzem aquelas utilizadas nas sociedades disciplinares, centradas no professor, empirista e que punia o *erro* com o castigo, não favorecendo naquele aluno, o desenvolvimento de atitudes autônomas.

Do mesmo modo, a inserção das TIC's na modalidade presencial não tem apresentado resultados significativos, normalmente por desconhecimento docente de sua utilização (ALMEIDA, 2009), diferentemente da modalidade a distância, que apresenta resultados superiores pelos motivos anteriormente citados.

Esses dois pontos, distintos entre uma e outra modalidade, sinalizaram para a possibilidade da aquisição do letramento digital influenciar a constituição de subjetividades e estimularam os estudos desenvolvidos.

Os entendimentos aqui expressos resultam, também, da pesquisa empírica acima citada, na qual os entrevistados apontam, com suas vivências e experiências, com suas atitudes e, principalmente com suas consciências a respeito do tema pesquisado, para a importância da aquisição do letramento digital. Acreditam, da mesma forma que o pesquisador, que esse letramento se torna condição indispensável para a inclusão social e a conseqüente aproximação da plenitude cidadã, crença essa, traduzida em depoimentos como o utilizado na epígrafe desta dissertação:

(...) depois que tu conheces a internet tu não para mais... tu começa a pesquisar, pesquisar, pesquisar... e eu gosto muito de... sobre flores... sobre tudo, assim... tu clicas e ta ali... é um mundo mágico, não é? Prá mim foi! (AaPVI, 2010)²⁹

e no depoimento da aluna de 18 anos, com perfil compatível com os nativos digitais:

Ah... eu acho que vai avançar e a gente tem que ir buscando, né?... cada vez mais... porque hoje em dia, quem não sabe usar o computador, fica complicado, né? Bem complicado... acho que elas têm que evoluir e a gente evoluir junto...

²⁹ Aluna formanda, do curso de Pedagogia, matriculada no pólo de apoio presencial da Unopar Virtual, em Rio Grande – RS, integrante do grupo de sujeitos pesquisados do presente trabalho.

e, no da tutora de sala, com altos níveis de letramento, tanto alfabético, quanto digital:

Não me imagino. Toda a vez que eu vou... eu falo muito isso toda a vez que eu vou dar aula de redação. Eu sou professora de redação, também. E eu digo aos alunos... como seria... como viveríamos sem o celular? A gente já viveu sem... hoje, como viver sem a internet? Como fazer uma pesquisa? Eu ia à biblioteca e copiava páginas e páginas. Hoje o computador, o telefone celular, essas tecnologias proporcionam uma vida

e, ainda, no da ex-aluna, já graduada, uma senhora de 68 anos, que venceu os desafios encontrados em sua trajetória acadêmica e, em sua fala dá, no mínimo, pistas para respostas ao questionamento deixado no item 1.2.1, (p. 35): *como as diferentes linguagens oportunizadas pelas TIC's, num contexto que aproxima sociedades, têm influenciado a humanidade?*

É... o computador... o computador... tem muita coisa assim no computador... só sente solidão, quem não se comunica. Essa ferramenta é uma ferramenta grandiosa. Isso me faz me lembrar (...) houve uma separação pela Torre de Babel... misturou as línguas... e agora o contrário... eu não sei falar outro idioma e eu me comunico, porque tem o tradutor... tem um rapaz que é alemão, o outro que é grego... e eu converso com eles... Só que a gente demora mais um pouquinho... e eu coloco no tradutor, né? E aí eu envio prá ele, pelo MSN... que as empresas também usam o MSN prá se comunicarem... quer dizer, ali tá a união de todas as raças... onde tiver um computador com a internet, a gente pode...

Resultam, ainda, da pesquisa documental que fundamentou teoricamente o trabalho, amparada em estudiosos reconhecidos no mundo científico que, com seus estudos e dizeres, oportunizaram a construção de novos conhecimentos, que também levaram aos entendimentos ora apresentados.

Reforça-se, ainda, que o letramento alfabético, ainda que pleno, já não mais é suficiente para a inclusão social e, tampouco pressupõe a automática aquisição do letramento digital. É, portanto, comum encontrar-se pessoas bastante letradas alfabeticamente e analfabetas digitais, que encontram dificuldades no exercício de muitas atividades e, por isso, correm o risco de se verem à margem e não incluídas em determinados contextos sociais. Por outro lado, quanto mais letradas alfabeticamente, maiores as garantias de facilidades na aquisição do letramento digital.

Percebe-se, dessa forma, que conforme os dados colhidos e analisados a partir das entrevistas das alunas, tutora e ex-aluna, em todos os casos, a aquisição do letramento digital, efetivamente, se constituiu em processo de subjetivação que influenciou diretamente as subjetividades das pesquisadas.

Percebeu-se, também, que os perfis de nativo e de imigrante digital, observados nas entrevistadas, são critérios de fundamental importância na aquisição desse tipo de letramento. Entretanto, o fato de uma pessoa possuir um perfil de imigrante digital não inviabiliza essa aquisição, conforme concluído a partir dos dados levantados com AaPVI e ExAa, principalmente. O perfil do nativo, facilita e, o do imigrante, ainda que não facilite, não inviabiliza. É possível, ao imigrante, superar as barreiras que naturalmente lhe são impostas e obter sucesso com as TIC's.

É clara, em todas as entrevistas, a mudança nos modos de ser e agir das pesquisadas a partir do domínio e do entendimento que passaram a ter das tecnologias. Essas mudanças levam a concluir que suas subjetividades foram influenciadas a partir desse processo de apropriação.

Dessa forma, defende-se, a exemplo de Lèvy (1999), que o uso do ciberespaço deve passar a ser, além de uma prática social que privilegia interações em comunidades sociais virtuais, comunicação através de emails, salas de bate papo, chats de encontros por afinidades, teleconferências de trabalho, entre outras, uma prática educacional em todas as instâncias e plenitude, não somente na EaD, valorizando, assim como ao letramento alfabético, o letramento digital. Espera-se, dessa maneira, formar um verdadeiro ciclo que promova a todos indistintamente, a partir de oportunidades iguais de construção de subjetividades, compatíveis e comprometidas com a contemporaneidade.

Essa ferramenta é uma ferramenta grandiosa. Isso me faz me lembrar (...) houve uma separação pela Torre de Babel... misturou as línguas... e agora o contrário... eu não sei falar outro idioma e eu me comunico, porque tem o tradutor... (ExAa, 2010)

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALMEIDA, L.H.T.. *Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC's – na escola: ferramentas para o sucesso*. Manaus: Anais Congresso Edutec, 2009.
- ALMEIDA, Miguel Eugênio. UEMS. *Relação da Linguagem com a filosofia e a antropologia filosófica*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/soletras/11/10.htm> - acesso em 20/01/2010.
- ALVES, João Roberto Moreira. *A Educação à Distância no Brasil – Rio de Janeiro: Ipaee, 2006*
- _____. *A Educação à Distância no Brasil – Rio de Janeiro: Vozes, 2003*
- ALVES, L. R. G. . *Nativos Digitais: Games, Comunidades e Aprendizagens*. In: MORAES, Ubirajara Carnevale de. (Org). *Tecnologia Educacional e Aprendizagem: o uso dos recursos digitais*. São Paulo: Livro Ponto, 2007, v., p. 233-251.
- ANDRÉ, Marli (Org). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 3.ed. São Paulo: Papyrus, 2002.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *História da Educação* . São Paulo: Moderna, 1996.
- ARENDT, H. *Sobre a revolução*. Lisboa: Moraes Editores, 1971. In: BODSTEIN, R., C. de A. *Cidadania e modernidade: emergência da questão social na agenda pública*. Caderno de Saúde, vol. 13, nº 2, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1997000200002 – acesso em 20/02/2010.
- BACH, E. *A lingüística estrutural e a filosofia da ciência*. In: *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- BAKHTIN, Mikhail. *Gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARGER, John. In: AMORIN, Ricardo; VIEIRA, Eduardo. *Blogs. Os novos campeões de audiência*. 2006. Revista Época, Ed. 428, p. 99. Editora Abril: 2006.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local Literacies: Reading and writing in one community*. London, Routledge, 1998. In: XAVIER, Antonio C. S. *Letramento digital e ensino*. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20%20digital%20%20ensino.pdf> – acesso em 03/12/2009.
- BELLONI, M. L.. *Educação a distância*. São Paulo: Editora Autores Associados, 1999.
- BODSTEIN, R., C. de A. *Cidadania e modernidade: emergência da questão social na agenda pública*. Caderno de Saúde, vol. 13, nº 2, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1997000200002 – acesso em 20/02/2010.

BOLTER, J. D. *Ekphrasis, virtual reality, and the future of writing*. In: WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*; tradução Carlos Szlak. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB)*. Lei Federal nº 9394, de 26/12/1996.

CANCLINI, 1998. In: FIORENTINI, L. M. R & MORAES, R. A. (orgs). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CASSIER, 1977. In: ALMEIDA, Miguel Eugênio. UEMS. *Relação da Linguagem com a filosofia e a antropologia filosófica*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/soletras/11/10.htm> - acesso em 20/01/2010.

CASSTEL, S; LUKE, A. *Models of literacy in North American Schools*. In: WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*; tradução Carlos Szlak. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

CASSTELS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CORREIA, A. A.; ANTONY, G. *Educação hipertextual: diversidade e interação como materiais didáticos*. In: FIORENTINI & MORAES (orgs). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (pp. 51-54).

CRUZ, António. *Internet: Como nasceu, cresceu e evoluiu*. In: <http://www.antoniocruz.net/ensinar/internet/manuais/internet-01-internet.pdf> - acesso em 26/12/09.

DEBORD, G. A.. *A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. In: SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DELEUZE, G. (1990). *Pourparlers*. Paris: Minuit. in: SILVA, Rosane Azevedo Neves da. *As obras da subjetivação capitalista*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. *Conversações 1972-1990. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

_____. *O mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1996.

DELL, Michael. *Entrevista ao G1*. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL175349-6174,00.html> – acesso em 15/01/2010

ERIGLEIDSON, J. *Diferenças entre nativos e imigrantes digitais*. Disponível em <http://webparaeducadores.blogspot.com>. Acesso em 16/12/2009.

FIORENTINI, Dario. *Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente?* 2004. In: BATISTA, Lúcio José Carlos. *Aprendizagem colaborativa mediada por computador*. Disponível em www.ricesu.com.br/ciqead2005/trabalhos/06.pdf - acesso em 28/12/2009.

FIORENTINI, L. M. R & MORAES, R. A. (orgs). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FIORENTINI, L. M. R. *A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos*. In: FIORENTINI, L. M. R & MORAES, R. A. (orgs). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Dits et écrits*. Paris: Gallimond, 1994.

_____. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2004.

GEE, J.P. *Social linguistics and literacies*. In: WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*; tradução Carlos Szlak. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo. (Parte I)*. Trad.: Márcia Sá C. Schuback, 11.^a ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

_____, Martin. *Ser e Tempo. (Parte II)*. Trad.: Márcia Sá C. Schuback, 8.^a ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

<http://nead.ufjf.br> – acesso em 20/10/2009.

<http://www.wikipedia.org/wiki/Alteridade> - acesso em 15/11/2009.

KLEIMAN, Ângela. *Os Significados do Letramento*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995. In: XAVIER, Antonio C. S. *Letramento digital e ensino*. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20%20digital%20%20ensino.pdf> – acesso em 03/12/2009.

LAW, L.C. 1995. *Constructivist instructional theories and acquisition of expertise* (Research report No. 48). München: Ludwig-Maximilians-Universität. In: LACOMBE, Isabel Alencar, *Navegando e Aprendendo: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores*, São Paulo: PUC: 2000.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineo da Costa. São Paulo: 34, 1999.

_____. *O que é o virtual*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *A inteligência colectiva – Para uma antropologia do ciberespaço*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1994.

_____. *As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LLEDÓ, Emílio. *El silêncio de La escritura*. 1999. Apud: FIORENTINI, L. M. R. *A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos*. In: FIORENTINI, L. M. R & MORAES, R. A. (orgs). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MACIEL, Katherine Duham – Artigo: *A Lingüística e a relação entre linguagem e pensamento* - 2000 – UFRJ – Disponível em

<http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas/vol4/KATFD.pdf> - acesso em 10/02/2010.

MADRUGA, J.A.G. *Comprensión y adquisición de conocimientos a partir de textos*. 1994. Apud: FIORENTINI, L. M. R. *A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos*. In: FIORENTINI, L. M. R & MORAES, R. A. (orgs). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MAFFESOLI, M. *O imaginário é uma realidade – entrevista*. Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: Edipucrs, nº 15, p. 75. (2001). In: SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. Tradução de Gaetano Lo Mônaco; revisão da tradução Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2006

MARCONDES, Danilo. *A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade*. In: BRANDÃO, Zaia (org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, 1999. In: FIORENTINI, L. M. R & MORAES, R. A. (orgs). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATURANA Romensin, Humberto e VARELA Garcia, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 2ª Ed. Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2002. In: BATISTA, Lúcio José Carlos. *Aprendizagem colaborativa mediada por computador*. Disponível em www.ricesu.com.br/ciqead2005/trabalhos/06.pdf - acesso em 28/12/2009.

MEXIAS, Maria Lucia. *Linguagem como espelho de uma cultura*. Disponível em <http://www.filiologia.org.br/marialuciamexias/public/linguacomoespelhodeumacultura.doc> - acesso em 09/02/2010.

MONDIN, B. *Os teólogos da libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980.

MORAES, Eunice Léa de. *Relação gênero e raça na política pública de qualificação social e profissional*. Brasília: TEM, SPPE, DEQ, 2005. Disponível em http://www.mte.gov.br/pnq/relacao_genero_raca.pdf - acesso em 15/01/2010.

MONTEIRO, Elis. *Nativos digitais estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica*. O Globo – Revista Digital. Publicado em 18/05/2009. Disponível em <http://oglobo.globo.com/tecnologia> - acesso em 16/12/2009.

MOSTAFA, Solange Puntel. *Vygotsky e Deleuze: um diálogo possível?* Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

PARKER, A. 1999. *Interaction in distance education: the critical conversation*. In: *Education Technology Review*. Autumn/Winter. In: LACOMBE, Isabel Alencar, *Navegando e Aprendendo: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores*, São Paulo: PUC: 2000.

PRENSKY, Mark. In: MONTEIRO, Elis. *Nativos digitais estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica*. O Globo – Revista Digital.

Publicado em 18/05/2009. Disponível em <http://oglobo.globo.com/tecnologia> - acesso em 16/12/2009.

REALE, Miguel. *Cultura e Linguagem*. 2002. Artigo. Disponível em <http://www.miguelreale.com.br/artigos/cultling.htm> - acesso em 09/02/2010.

RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradativa, 1996. Colección Limites de La Ciência. Barcelona, 1997.

ROBSON, K. K; CRENSHAW, E. M. *Cyber Space and Postindustrial Transformations: a Cross – National Analysis of Internet Development*, 2000. In: WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*; tradução Carlos Szlak. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

RORTY, 1995. In: VOTRE, Sebastião. *Linguagem, identidade, representação e imaginário*. 2002. In: FERREIRA, L. M. A. e ORRICO, E. G. D. (Org). *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP e A, 2002, p. 89 – 105.

SANTOS, Boaventura Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Porto (PT): Afrontamento, 1999.

SAPIR, Edward. *A linguagem: uma introdução ao estudo da fala*. Trad. de J. Mattoso Câmara Júnior, São Paulo: Perspectiva, 1980.

SILVA, Juremir Machado, *As tecnologias do imaginário*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Quem escondeu o currículo oculto*. In: *Documento de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999: 77-152.

SLOUKA, Mark. *War of the Worlds: Cyberspace and the High-tech Assault on Reality*. Nova York: Basic Books, 1995. In: RIBAS, Cláudia; ZIVIANI, Paula. *Redes de Informação: novas relações sociais*. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. www.eptic.com.br, vol. X, n. 1, enero – abr. / 2008. – acesso em 15/01/2010.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 1998. In: XAVIER, Antonio C. S. *Letramento digital e ensino*. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20%digital%20%20ensino.pdf> – acesso em 03/12/2009.

SOUSA, M. F. G ; NUNES, I. B. Módulo integrado II. *Fundamentos da Educação a Distância*. São Paulo: SESI; Brasília: UNB; [s.l.]: Unesco, 2000.

STEWART, A. In: ASKONAS & STEWART [Orgs], 2000. In: WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*; tradução Carlos Szlak. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

TAPSCOTT, Don. *Geração Digital*. São Paulo, São Paulo: Macron Books, 1999. In: XAVIER, Antonio C. S. *Letramento digital e ensino*. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20%digital%20%20ensino.pdf> – acesso em 03/12/2009.

VALENTE, José Armando (org.). *O computador na sociedade do conhecimento*. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999.

VEEN, Win; VRAKKING, Bem. *Homo zappiens – educando na era digital*. Tradução: Vinícius Figueira. São Paulo: Artmed, 2008.

VOTRE, Sebastião. *Linguagem, identidade, representação e imaginário*. 2002. In: FERREIRA, L. M. A. e ORRICO, E. G. D. (Org). *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP e A, 2002, p. 89 – 105.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo; Martins Fontes, 1994.

_____. *Pensamento e Linguagem* (1991). Versão para eBook. Ed. Ridendo Castigat Moraes. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html> - acesso em 18/10/2009.

WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*; tradução Carlos Szlak. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

WILSON, B.G. (1997). *Reflections on constructivism and instructional design*. In: LACOMBE, Isabel Alencar, *Navegando e Aprendendo: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores*, São Paulo: PUC: 2000.

XAVIER, Antonio C. S. *Letramento digital e ensino*. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20%20digital%20%20ensino.pdf> – acesso em 03/12/2009.

ZELADA, Gian. *Qual a verdadeira vocação da internet?* 2002. In: <http://oglobo.globo.com/tecnologia> - acesso em 16/12/2009

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM DISCENTES

1. Qual teu curso e semestre?
2. És casado(a) ou solteiro(a)?
3. Profissão?
4. Qual tua idade?
5. No ensino médio, estudaste em escola particular ou pública? Presencial ou a distância? Modalidade EJA ou regular?
6. Utilizavas alguma tecnologia de informação e comunicação no ensino médio? Com qual finalidade?
7. Como te sentes em relação à modalidade a distância?
8. A necessidade de utilização de TIC's nas tuas atividades acadêmicas, no teu entendimento, auxilia ou dificulta o processo? Por quê?
9. Costumavas utilizar o computador e a internet, frequentemente, antes do ingresso na universidade? Em que situações?
10. Desempenhas bem atividades como edição de textos, envio e recebimento de e-mails, acesso e postagens em blogs, elaboração de apresentação em power-point, planilhas de cálculos e pesquisas on-line? Já as desempenhavas no mesmo nível antes do ingresso no curso?
11. O desenvolvimento do curso, de alguma forma, tem colaborado ou exigido que melhore seu atual nível de utilização das TIC's? Em função disso, as têm utilizado em outras atividades que antes não utilizavas?
12. Como te sentes em relação às atividades propostas no AVA Colaborar³⁰?
13. O que te motiva a acessar a internet?
14. Tua relação com as TIC's, a partir do curso, sofreu alguma mudança?
15. Conectas a internet diariamente? Qual o tempo aproximado?

³⁰ Ambiente Virtual de Aprendizagem da Unopar – Universidade Norte do Paraná

ANEXO II

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA COM O TUTOR DE SALA

1. Qual tua idade?
2. Dominas as tecnologias de informação e comunicação atuais?
3. Qual tua formação acadêmica?
4. Há quanto tempo exerces tutoria em EaD? Somente na Unopar?
5. Em quais cursos exerces ou exercesses essa função?
6. Já fosses tutora do início ao fim de uma mesma turma?
7. Como percebes os alunos calouros em relação à modalidade EaD? E às TIC's? Existe diferença desses entre um curso e outro? E uma instituição e outra?
8. Os tutores prestam atendimento aos alunos em plantões disponibilizados uma vez por semana. Quais alunos que mais se utilizam desse recurso? Quais suas principais dúvidas?
9. Observas mudanças nos discentes a partir do segundo semestre? Atribuis a quê tais mudanças?
10. A procura pelo plantonista resume-se a alunos e alunas dos primeiros semestres somente? Com que tipo de dúvidas?
11. Com base nessas consultas, tens como traçar um paralelo entre os calouros e os veteranos que te procuram nos plantões ou mesmo em sala de aula?
12. Define o que representam hoje, na tua vida, no teu modo de ser, as TIC's.

ANEXO III

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM EX-ALUNA GRADUADA

1. Qual sua formação? Qual o ano de conclusão?
2. Com que idade a sra. ingressou na universidade? Qual sua idade atual?
3. Qual a atividade profissional exercida antes do ingresso na universidade? E atualmente?
4. Há quanto tempo não estudava até prestar o vestibular para a Unopar?
5. Como foi o início no curso, em relação à modalidade e ao uso das tecnologias?
6. A sra. utilizava internet e computador antes do ingresso na universidade?
7. Como foi o processo de aquisição do domínio das TIC's para dar continuidade ao curso? Alguma vez pensou em desistir?
8. Como a sra. se sentiu quando passou a fazer seus próprios trabalhos acadêmicos durante seu curso? Quanto tempo demorou para isso?
9. Atualmente, domina bem o computador e a internet? Quais atividades que desempenha com essas ferramentas?
10. O que elas representam, hoje, na sua vida?

ANEXO IV



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Considerando os princípios éticos que orientam as pesquisas que envolvem seres humanos, este documento visa a esclarecer o envolvimento dos participantes no processo investigatório. Com isso, prima-se pela autonomia dos sujeitos na decisão sobre a colaboração na pesquisa *Letramento digital e perfil discente: existe uma relação?*

O objetivo geral da pesquisa é investigar o uso do computador e internet nas atividades discentes de alunos e alunas calouros e veteranos, dos cursos de graduação em pedagogia e administração, modalidade a distância, do pólo de apoio presencial da Universidade Norte do Paraná, em Rio Grande.

Dentre as etapas a serem desenvolvidas na investigação, destacam-se as gravações em áudio das entrevistas individuais. Esses materiais serão transcritos e, juntamente com outros materiais, serão analisados sob o ponto de vista teórico.

É garantido aos sujeitos: o esclarecimento sobre diferentes aspectos da pesquisa; a possibilidade de abandono da pesquisa a qualquer momento; o sigilo que garanta a privacidade dos envolvidos na pesquisa.

Sujeito de pesquisa

Luiz Henrique Touguinha de Almeida
Mestrando em Letras - UCPel
Fones: (53) 9971 6426 – 3232-4812 – 3235-1171
e-mail: hique.unopar@vetorial.net

ANEXO V

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Para identificação dos sujeitos pesquisados, serão adotadas as seguintes convenções: Aa – aluna; PI – pedagogia primeiro semestre, PVI – pedagogia sexto semestre; TSL – tutora de sala e ExAa – ex-aluna. Os demais dados de identificação são encontrados na própria entrevista.

1. AaPVI, 18 de maio de 2010.

Pesquisador: Qual teu curso e semestre?

AaPVI: Pedagogia, sexto semestre.

Pesquisador: És casada?

AaPVI: Sim

Pesquisador: Qual tua profissão?

AaPVI: Eu trabalho, agora, no PIM. Sou educadora popular.

Pesquisador: Qual a tua idade?

AaPVI: 44

Pesquisador: No ensino médio estudaste em escola pública ou particular?

AaPVI: Pública.

Pesquisador: Presencial ou a distância?

AaPVI: Presencial.

Pesquisador: Na modalidade EJA ou regular?

AaPVI: Regular. Fiz magistério.

Pesquisador: Utilizavas alguma TIC no ensino médio? Com qual finalidade?

AaPVI: Não. Nenhuma. Livros, né? Só! Assim... de computador, nada.

Pesquisador: Como te sentes em relação à modalidade a distância, uma vez que vens da presencial?

AaPVI: Foi uma coisa diferente prá mim. Eu não conhecia, aí eu fiquei sabendo da Unopar, vim aqui, me inscrevi... como eu não tenho muito tempo, eu disse: não, vou fazer uma coisa que dê... eu fiquei 4 anos no magistério... aí pensei... ai! 4 anos assistindo aulas todos os dias... eu vou fazer uma coisa que me poupe mais tempo, sempre me falaram muito bem, que é a educação do futuro, aí eu...tá, vou experimentar! No início eu tive muita dificuldade, porque eu não sabia nem mexer no mouse. Não tinha nem ideia... eu não tinha computador em casa... aí eu não sabia nada sobre internet, sobre programas, aí os meus filhos é que começaram a me ensinar... tanto que a minha filha até hoje ela me ensina a digitar os trabalhos direitinho... formatar, botar capa... tudo! Prá mim é um pouco difícil... não sei se pela minha idade, porque eu não tinha isso antigamente e há pouco tempo é que os meus filhos foram ter um computador em casa, com internet. Eles até iam prá lan house porque a juventude de hoje procura. Eu nunca procurei isso. E eu vim conhecer mesmo aqui, no ensino a distância.

Pesquisador: A necessidade de utilização de TIC's nas tuas atividades acadêmicas, no teu entendimento, auxilia ou dificulta o processo? Por que?

AaPVI: Ah! Eu acho que auxilia totalmente... assim... como o ensino é a distância, eu não sei como eu ia fazer sem o computador...e praticamente sem o computador em casa, porque tu ir pra uma lan house precisa tempo, mais dinheiro, porque tu gasta muito e ali tu ta no teu quarto, na tua sala...à tua disposição...né? e dentro de casa, o que sabe mais vai ensinando e assim... depois que tu conheces a internet tu não para mais... tu começa a pesquisar, pesquisar, pesquisar... e eu gosto muito de... sobre flores...sobre tudo, assim...tu clicas e ta ali... é um mundo mágico, não é? Prá mim foi.

Pesquisador: Bom... isso até já me respondesses, mas... costumavas utilizar o computador e a internet antes do ingresso na universidade? Em que situações?

AaPVI: Não. Nunca.

Pesquisador: Desempenhas bem atividades como edição de textos, envio e recebimento de emails, acesso e postagens em blogs, elaboração de apresentação em Power-point, planilhas de cálculos e pesquisas on-line?

AaPVI: Eu, agora, to usando mais o meu MSN, porque eu não sabia nem o que que era...pesquisa, eu pesquiso tudo e uma coisa que eu vi que me ajudou muito, porque eu tinha muitas ideias e não sabia como colocar no papel e com as atividades de portfólio é assim... uma coisa instantânea... tu começa a escrever, escrever, escrever e não... me abriu muito esse lado aí... da literatura, do escrever. Por que às vezes tu tens a ideia e não consegue passar para o papel. E fazendo a faculdade eu vi que isso aí... porque às vezes eu começo a escrever, escrever e a minha filha diz pára mãe... tanta coisa que eu vou ter que te ajudar a digitar... porque às vezes ela me ajuda. Tem tempo e me ajuda enquanto eu vou... não... para aí que eu vou te ditar... às vezes eu não tenho nem um rascunho e aquilo já vem

na cabeça assim... assim... assim... eu achei muito bom prá minha vida pessoal isso. Porque às vezes tu não consegues nem escrever uma carta, né? E, agora, as ideias fluem. Tu pegas um tema, vai na internet, tem tudo aquilo de pesquisa e com as tuas palavras tu podes montar o teu texto, elaborar o teu texto.

Pesquisador: E tu atribuis essa facilidade que percebes em ti agora a que? Ao acesso às pesquisas?

AaPVI: Ao acesso às pesquisas que eu não tinha antes. Eu sempre gostei muito de ler, mas assim... virtual já é mais fácil, né? Tá tudo ali e tu podes... às vezes eu quero ler um livro e leio através do computador.

Pesquisador: Não tens dificuldade de ler na tela?

AaPVI: Não. Não tenho dificuldade. Não tenho muito tempo prá acessar, mas...

Pesquisador: O desenvolvimento do curso, de alguma forma, tem colaborado ou exigido que meliores teu atual nível de utilização das TIC's? Em função disso, as têm utilizado em outras atividades que antes não utilizavas?

AaPVI: Melhorei bastante... agora que é o sexto semestre e o próximo é o último semestre e eu acho que eu já vou ingressar na especialização prá não parar... eu e outra colega já vamos emendar e já vamos fazer a especialização ead.

Pesquisador: E o que está te motivando a continuar já, teus estudos num nível acima?

AaPVI: Era um sonho antigo de.... aí eu casei, vieram os filhos... daí eu disse... não, agora vou ter que parar pra cuidar dos filhos... mas sempre com aquele desejo de fazer o magistério, fazer a pedagogia... fiz o concurso, passei, só estou esperando que me chamem da prefeitura... e gora eu vejo assim que, como educadora, como pedagoga, preciso cada vez crescer mais intelectualmente, socialmente, se der, pra ajudar até na família, os meus filhos...

Pesquisador: E essa especialização tu pretendes fazer a distância ou presencial?

AaPVI: Vou continuar na modalidade a distância.

Pesquisador: Tu achas que satisfaz bem essa modalidade?

AaPVI: Acho....acho...acho. Eu não conheço outra. O meu filho estava fazendo em outra instituição e não era... ele dizia: mãe! Tu tens portfólio, tu

tens isso... tu tens acesso a tudo isso e eu não consigo ter acesso a nada...porque ele não tinha e não era igual aqui à nossa.

Pesquisador: Tu gostas, então, da modalidade a distância?

AaPVI: A distância, eu não sei se é pela minha idade, porque... eu não sei se eu ficaria, agora, aquele tempo todo sentada numa classe, se eu ia ter a disposição que eu tenho agora... não sei... às vezes eu fico pensando... porque tem que trabalhar, cuidar de casa, cuidar de filho e, ainda, todos os dias... pesa um pouco... pesa no tempo... e a distância tu chegas ali, fazes as tuas coisas e pronto... daqui há pouco, se queres acessar de novo tu acessas e... principalmente, tu estás dentro da tua casa, que é o principal. Tu não precisas te deslocar. Às vezes tu não podes ficar todo o tempo da aula. Em casa, no outro dia, a aula já está ali... tem como estudar. E isso eu achei assim, uma vantagem muito boa... incrível mesmo. Na minha vida, pelo menos, foi.

Pesquisador: Que bom. Eu fico satisfeito com isso, porque também trabalho com educação a distância e sinto essas mesmas coisas. E como que te sentes em relação às atividades propostas no AVA Colaborar? É meio difícil de fazer?

AaPVI: Não. Até hoje eu não senti dificuldades. Agora tá meio apertado por causa do serviço, porque antes eu não estava trabalhando, agora eu tô trabalhando. Mas eu não tenho dificuldade nenhuma de fazer as atividades. Nenhuma mesmo. No início, é claro, até foi menos as minhas notas porque eu tava recém entrando naquele ambiente. Mas agora, meus textos e minhas atividades são excelentes. São conceito excelente.

Pesquisador: E as dificuldades que sentias no início, eu percebi que ainda tens alguma em relação ao manejo do computador. Mas se tiveres que fazer sozinha, tu fazes?

AaPVI: Faço. Faço sozinha. Só peço pra minha filha olhar se tá tudo direitinho, porque uma vez eu mandei mesmo e saiu tudo desconfigurado. Mas agora já mando.

Pesquisador: E no início tu não tinhas como fazer... quando falasses das dificuldades?

AaPVI: Não, não tinha, porque eu não tinha computador em casa. Uma colega minha é que digitava na casa dela. Eu fazia, preparava e ela digitava. Mas aí essa colega desistiu do curso e eu disse: não, agora eu vou ter que dar um jeito de eu fazer. E aí a gente adquiriu o computador.

Pesquisador: Mas as dificuldades que tu falasses do início seriam em relação a isso mesmo? Ao manejo?

AaPVI: Ao manejo. Ao manejo porque eu não tinha acesso mesmo ao computador.

Pesquisador: Tua relação com as TIC's, a partir do curso, sofreu alguma mudança?

AaPVI: Bastante mudança. Bastante mudança mesmo... coisas que eu nem sabia que existiam, agora eu sei.

Pesquisador: E isso aí te facilitou, inclusive, a aprendizagem, o acesso?

AaPVI: Facilitou, totalmente a aprendizagem, aqui, a instituição, ao curso, a tudo.

Pesquisador: Conectas a internet diariamente ou não? Qual tempo aproximado?

AaPVI: Diariamente. Pouquinho tempo. Às vezes fico mais pra estudar, mas diariamente eu vou ali e vejo alguma coisa, porque desde a escalação do meu marido [trabalho] é pela internet, agora. Então a gente vai ali, já vê quando vai dar o serviço, quando vai dar tudo.

Pesquisador: E fora isso, o que te motiva a acessar a internet?

AaPVI: Ah! Tem tanta coisa... fofocas [risos] que saem na internet, clips que eu adoro, tem umas músicas lindíssimas e tem uns vídeos de incentivo né, que são muito, muito bons, muito bacanas mesmo...e filmes né, que às vezes eu quero ver um filme que saiu e...

Pesquisador: Bastante lazer, então?

AaPVI: Bastante lazer, é, além das pesquisas da faculdade e quando eu quero saber alguma coisa. Até um chá que faça bem... um remédio, alguma coisa... eu vou lá e pesquiso.

Pesquisador: Perfeito... fico satisfeito de ver que tens utilizado bastante as tecnologias e observo que isto te proporcionou melhora na qualidade de vida...

AaPVI: Foi. Na minha qualidade de vida foi. Posso dizer que sim. E agora a gente ta quase se graduando... e é uma coisa assim... po... olha, que eu esperei muitos anos prá concretizar. E vou concretizar! Isso aí que eu acho muito bacana. Às vezes eu fico parada, pensando em casa... eu disse...pomba, eu pensei tanto... eu disse que um dia eu ia fazer o magistério, ia fazer pedagogia e to bem nova ainda prá curtir

Pesquisador: Então tá. Que beleza! Olha, a tua entrevista foi ótima, vai me ajudar muito, muito mesmo, e eu te agradeço.

2. AaPI, 16 de junho de 2010.**Pesquisador: Qual teu curso e semestre?**

AaPI: Pedagogia, 1º semestre.

Pesquisador: Casada ou solteira?

AaPI: Solteira.

Pesquisador: Profissão?

AaPI: Agora, só estudante.

Pesquisador: Qual tua idade?

AaPI: 18 anos.

Pesquisador: No ensino médio, estudaste em escola pública ou particular?

AaPI: Pública eu fiz o magistério.

Pesquisador: Utilizavas alguma TIC no magistério? Com qual finalidade?

É... eu utilizava em casa. Na escola não. Em casa, quando precisava para fazer algum trabalho.

Pesquisador: E que tipo de atividade era desenvolvida?

É... a gente assistia filmes, daí depois pesquisava sobre o filme, prá fazer uma sítense... esse tipo de coisa... trabalhos bem simples... era bem simples...

Pesquisador: Como te sentes em relação à modalidade a distância, já que vens do ensino presencial? Tu sentes alguma diferença na modalidade?

AaPI: No início eu senti. É bem complicado de a gente se adaptar porque... tu te controlas... tem que ter uma dedicação maior... a maioria das pessoas pensa que é mais fácil, mas não é... tu tens que te dedicar... se não se dedicar, não adianta. Mas agora me adaptei e to adorando

Pesquisador: E como é que funciona prá ti a necessidade de utilização das TIC's nas atividades acadêmicas? Auxilia ou dificulta o processo?

AaPI: Eu acho que ajuda, né? Porque hoje em dia se tu não usares... na verdade, tudo é pesquisa e os livros estão ficando cada vez mais atrasados e a internet é essencial.

Pesquisador: Tu utilizavas computador antes? Em que situações? Além do estudo, que já me dissesse que utilizavas, tu utilizavas o computador e internet para outras atividades?

AaPI: É... ORKUT só... por diversão só... só lazer...

Pesquisador: Hoje tu desempenhas bem as atividades de editar textos, envio e recebimento de e-mails, acesso e postagem em blogs, elaboração e apresentação de Power-point, planilhas de cálculos e pesquisas on-line?

AaPI: Alguns eu não conheço bem, mas quando eu tenho que fazer, daí eu fuço bastante e aprendo... aprendo rapidinho... porque eu sou rápida prá aprender, porque eu procuro bastante, eu fuço em tudo... aí eu acabo aprendendo.

Pesquisador: E no curso, tens utilizado coisas que antes não utilizavas?

AaPI: Ah sim! Sim... porque... antes eu utilizava muito o Word, mas não tinha aquelas regras prá trabalho... o espaçamento tudo certinho... então agora eu to me adaptando e to tendo que aprender prá enviar o trabalho certinho...

Pesquisador: Estás aperfeiçoando o que já utilizavas...

AaPI: Isso... eu já usava o Word, mas não corretamente.

Pesquisador: Bem, e essa questão que aqui tudo gira muito em torno de tecnologias: em sala de aula tu tens um canhão multimídia, o datashow, prá pesquisar tens que utilizar o computador... envias teus trabalhos pelo computador... fazes, rediges os trabalhos no computador... e comparando, como ficam as tecnologias da forma que usavas antes e após o início no curso? Aumentou a quantidade e a qualidade do que tu fazes?

AaPI: Há! Aumentou! Com certeza... porque é como eu te falei, né?... eu utilizava, mas não com aquela importância... de fazer tudo certinho... tem me ajudado bastante, porque eu to evoluindo assim... várias coisas... vários sites que eu não conhecia, eu passei a conhecer... na hora de pesquisar mesmo... sites que a própria faculdade sugere... porque eu entrava sempre naqueles mesmos sites, por lazer... ou então lá de vez em quando entrava em outro... agora não, já conheci vários sites interessantes... uso bem mais.

Pesquisador: E tirando as atividades acadêmicas, que falasses que utilizas bastante, já estás utilizando em outras que não usavas?

AaPI: Não... são as mesmas: estudo e lazer.

Pesquisador: Como te sentes em relação às atividades que tens que desenvolver no ambiente virtual de aprendizagem, o Colaborar? Ali tens várias atividades para fazer como envio de trabalhos, avaliações web, pesquisas... como te sentes em relação ao domínio desse ambiente?

AaPI: No início era terrível... não sabia... ficava com medo de enviar errado e não ter como arrumar... como corrigir... e agora não... agora eu já acostumei. Já sei como é o processo direitinho, como é direitinho... então agora ta fácil... faço, envio... tudo direitinho...

Pesquisador: O que te motiva a acessar a internet? Quando pensas na internet, além dos estudos, o que te leva a acessar?

AaPI: Além dos estudos é lazer... conversar com os amigos...

Pesquisador: E isso tu já fazias antes?

AaPI: Ah sim! Isso eu já fazia antes... o que mudou é que eu passei a procurar mais sites, que antes não acessava... que tragam conhecimento mesmo... que antes era só por lazer... e estudo era só de vez em quando... fazia um trabalhinho... era só por lazer mesmo... mas prá adquirir conhecimento mesmo... porque... o trabalho de portfólio mesmo exige muita pesquisa... é onde a gente mais aprende mesmo... mais até que a prova presencial... a gente pesquisa e eu comecei a procurar vários sites... a entrar em vários sites que eu não buscava antes...

Pesquisador: E em relação à técnica... ao uso do computador... melhorou comparando antes e agora?

AaPI: Vai melhorando... com certeza... até pela utilização... aumenta a utilização, melhora... até o digitar... já to bem mais rápida... [risos].

Pesquisador: Conectas diariamente a internet? Qual tempo aproximado?

AaPI: Sim... não tenho um tempo aproximado... eu entro, vejo se tem uma mensagem nova e... claro, eu demoro mais em dias que tem que enviar trabalho... daí eu entro, vou fazendo... mas geralmente eu entro assim... 10, 15 minutos... vejo se tem alguma coisa e saio...

Pesquisador: Em função da escola isso... em função do curso... e o tempo total? Tu trabalhas?

AaPI: Não. É que eu faço estágio do magistério, então prá lazer, eu quase não tenho usado... porque eu ando bem sem tempo, assim... eu preparo aula... então eu quase não tenho usado prá lazer... eu só entro no site da Unopar, olho se tem alguma coisa pra fazer... prá não deixar passar os trabalhos, daí eu saio... aí, fim de semana é que eu entro mais.

Pesquisador: Tu tens computador desde quando?

AaPI: Ah... faz bastante tempo... faz seis, sete anos...

Pesquisador: E o que te levou a utilizar o computador naquela ocasião? Trabalho, lazer?

AaPI: Não... lazer mesmo... foi uma época que o tempo tava mais acessível, tava todo mundo comprando, aí eu e a mãe resolvemos comprar, mas não foi nada de serviço assim...

Pesquisador: O que esperas daqui pra frente, em relação ao curso e às tecnologias em relação a tua vida? De que maneira poderá interferir?

AaPI: Ah... eu acho que vai avançar e a gente tem que ir buscando, né?... cada vez mais... porque hoje em dia, quem não sabe usar o computador, fica complicado, né? Bem complicado... acho que elas têm que evoluir e a gente evoluir junto...

Pesquisador: Perfeito... muito obrigado pela tua colaboração.

3. TSL – 21 de junho de 2010.

Pesquisador: Qual tua idade?

TSL: 37 anos

Pesquisador: Dominas as tecnologias da informação e comunicação?

TSL: Acredito que sim.

Pesquisador: Qual tua formação acadêmica?

TSL: graduada em letras, especializada em Sociedade Cultural e Política do Rio Grande do Sul e Mestre em Letras.

Há quanto tempo exerces tutoria em EaD?

TSL: Eu exerço desde o segundo semestre de 2006.

Pesquisador: Só na Unopar?

TSL: Na Unopar... sim e não. Em 2007 eu trabalhei como tutora a distância da UAB – Universidade Aberta do Brasil e to retornando este ano, num curso de extensão.

Pesquisador: Em quais cursos exerces ou exercesses essa função?

TSL: Já fui tutora de pedagogia, já formei uma turma, estou em mais outras duas, módulo VI e módulo III e já fui tutora de história.

Pesquisador: Já fosses tutora do início ao fim de uma mesma turma?

TSL: Sim, inclusive fui patrona e paraninfa de uma dessas turmas.

Pesquisador: Como percebes os alunos calouros em relação à modalidade EaD? E às TIC's?

TLS: O que eu pude perceber desses alunos é que eles têm grandes dificuldades, no início... o primeiro módulo deles é muito difícil por que: primeiro, alguns não dominam o computador, não dominam o Word, não dominam email, é bem complicado... e depois, se eles não dominam isso, prá dominar a plataforma Colaborar, da Unopar, se torna um pouco difícil. Qual é a saída desses alunos? Que eles venham aos plantões que são oferecidos pela universidade (...) nesse primeiro módulo existe, sim, uma grande dificuldade, tanto com o computador, quanto com a plataforma da Unopar.

Pesquisador: E em relação a essas dificuldades que tu citasses, existe uma diferença entre os alunos de um curso e de outro? E de uma instituição e outra, já que em outra ocasião tu fosses tutora de outra, também?

TSL: Bom, eu não sei te dizer entre uma instituição e outra, porque na Unopar eu sou uma tutora presencial, eu tenho contato com o aluno olho no olho. Na UAB, eu fui tutora a distância, então quer dizer: eu fui aquela tutora que só se comunicava com o aluno pelo computador. Então, se ele não conseguisse utilizar a tecnologia ele não chegava até mim. Então eu não sei te dizer qual foi a dificuldade deles nesse processo (...) entre os cursos, a dificuldade... não, não apresenta diferença... eles têm, aparentemente as mesmas dificuldades: muitos com o computador e muitos com a plataforma.

Pesquisador: Os tutores prestam atendimento aos alunos em plantões disponibilizados uma vez por semana. Quais alunos que mais se utilizam desse recurso? Quais suas principais dúvidas?

TSL: Os alunos do primeiro semestre. Prá começar, eles têm dúvidas em relação à regras da ABNT quando têm que postar um trabalho. Eles não sabem como fazer isso. Então o tutor auxilia esse aluno (...) muitos alunos, também, bem no início, eles não conseguem acessar a plataforma da unopar. Eles não conseguem nem criar a própria senha. Têm bastante dificuldade em acessar (...)

Pesquisador: Observas mudanças nos discentes a partir do segundo semestre? Atribuis a quê tais mudanças?

TSL: Sim, elas existem. Tanto que a partir do segundo, terceiro, eles já não te procuram mais. O tutor já passa a ser supérfluo na vida acadêmica deles. Por quê? Porque eles já começam a máquina e a plataforma. Então, a partir do momento em que eles já sabem fazer sozinhos, em que eles aprenderam, eles passam a não nos procurar mais. É muito raro quando um aluno veterano vem ao plantão procurar o tutor. Às vezes é um auxílio de conteúdo, mas não de manejo das tecnologias.

Pesquisador: Com base nessas consultas, tens como traçar um paralelo entre os calouros e os veteranos que te procuram nos plantões ou mesmo em sala de aula?

TSL: De tecnologias? Eles chegam crus e eles saem cozidos. Claro que eu não vou generalizar, que não são 100%. A gente tem turmas bem heterogêneas... então quer dizer... aqueles alunos mais novos, eles manejam bem as tecnologias. Aqueles mais velhos, que não são filhos dessa geração, já têm mais dificuldade. Então, quer dizer: eu acredito que 80% dos calouros têm dificuldades, mas mesmo esses mais velhos, com dificuldade, ou os que não têm esse domínio, com certeza, a partir do segundo, terceiro semestre, eles já saem, assim... dominando toda e qualquer tecnologia.

Pesquisador: Define pra mim, por favor, o que representa hoje, na tua vida, no teu modo de ser, as TIC's. Tu consegues te imaginar, nas tuas atividades normais, sem as tecnologias?

TSL: Não me imagino. Toda a vez que eu vou... eu falo muito isso toda a vez que eu vou dar aula de redação. Eu sou professora de redação, também. E eu digo aos alunos... como seria... como viveríamos sem o celular? A gente já viveu sem... hoje, como viver sem a internet? Como fazer uma pesquisa? Eu ia à biblioteca e copiava páginas e páginas. Hoje o computador, o telefone celular, essas tecnologias proporcionam uma vida que... olha, posso te dizer que maravilhosa. Não sei o que seria viver sem elas. Já vivi, mas não sei mais agora.

Pesquisador: Não se pode dizer que sejas da geração y, ou uma nativa digital. Como é que aconteceu esse processo de... aquisição... de incorporação das tecnologias?

TSL: Bom, vou falar em termos de computador e internet. Quando eu comecei a trabalhar, dar aulas em 2000, eu senti que a máquina de escrever já não dava conta. Eu precisava ir além do livro didático. Então eu consegui adquirir o meu primeiro computador. E, a partir daí não parei mais, tanto que criei o meu primeiro email... o primeiro email que eu mandei foi prá escritora Martha Medeiros, porque eu adorava as crônicas dela e não sabia como me comunicar com ela. Aí, com a tecnologia, aprendendo a usar o computador na escola de informática, mandei meu primeiro email... a

partir daí, desde 2000... eu acredito que use bem as tecnologias. Fazem parte do meu cotidiano. Não saberia viver sem o meu computador e sem internet. Principalmente para dar aula.

Pesquisador: Deleuze e Pierre Lèvy, dizem que as tecnologias passam a ser uma extensão dos nossos corpos, das nossas mentes e dos nossos sentidos. Concordas com isso?

TSL: Com certeza. Claro que sim. Sábios autores. Eu... prá fazer, por exemplo, a minha dissertação de mestrado, não sei o que faria sem o meu computador. Quando eu comecei a usar o computador, lá, em meados de 2000, eu ainda usava o rascunho... escrevia no rascunho... e as pessoas me diziam: mas porque tu não fazes direto no computador? Passaram-se, acho, que três, quatro anos, e eu ainda fazia rascunho. A partir do momento em que tu aprendes a usar a tecnologia, a manejar a tecnologia, tu vês que só tens a ganhar. Era ridículo fazer rascunho à mão, podendo fazer direto no computador: volta, apaga, deleta... E, às vezes eu vou ler um livro e escrever alguma coisa daí eu digo: ah!!! Porque que não tem o deleta, o volta, o refaz, que é bem mais fácil...

Pesquisador: Então tu consegues ter uma visão da tecnologia, como se fosse uma aquisição do alfabeto, da escrita tradicional, da palavra...

TSL: Com certeza. Porque eu vejo assim ó... eu vejo em sala de aula: se algum aluno... a gente pergunta: vocês têm email? Alguém diz não, não tenho, os outros todos olham, como se ele fosse um alienígena... “mas como, tu não tens email? O que é isso?”... então, quer dizer: eu acho que as crianças já nascem usando o computador. Isso é muito importante. E acho que não se tem um jovem, um adolescente... não vamos generalizar, claro que deve ter, mas nas nossas relações assim, nos meus conhecidos, que não faça um bom uso das tecnologias...

Pesquisador: E tu que usas tanto essas tecnologias, tu pensas separado a técnica, o manejo, da atividade que tu estás executando? Que é uma leitura, que é uma escrita, ou é como se tu pegasse uma caneta e saísse escrevendo no papel sem pensar...?

TSL: Não... é um pacote só. Não é compartimentado. Não. Eu vou e faço e não fico pensando no que vou fazer e como vou fazer...

Pesquisador: Então tá. Muito obrigado pela tua colaboração.

4. ExAa – 28 de junho de 2010

Pesquisador: Qual sua formação e em que ano concluiu?

ExAa: Eu sou graduada em Tecnologias em Administração de Pequenas e Médias Empresas, em 2007.

Pesquisador: Com que idade a sra ingressou na universidade? A sra. lembra?

ExAa: Hummm... deixa eu fazer as contas... (...) concluí em 2007... vai fazer 3 anos dia 17 de agosto... foi a primeira turma da Unopar graduada aqui. Então... 62 anos eu ia fazer...

Pesquisador: quando entrou?

ExAa: Quando entrei eu ia fazer 62 anos...

Pesquisador: Não... não será 62 que a sra saiu?

ExAa: Eu saí com 65 [risos]

Pesquisador: A sra. já tem 68? [supreso, pois não parece]

ExAa: disfarça bem né? [risos]

Pesquisador: Muito bem... Deus conserve... Qual a atividade profissional que a sra. exercia antes de entrar na faculdade?

ExAa: Olha, antes de entrar na faculdade eu tive comércio (...) depois, por questões... mudanças da vida, eu fiz um concurso a nível estadual e aí eu fui ser funcionária pública do estado, aonde estava exercendo a função de merendeira escolar e eu ficava responsável pela entrada das mercadorias (...)

Pesquisador: E hoje em dia, a sra. tem alguma atividade profissional?

ExAa: Não. Agora não. Porque estou até de licença prêmio. Até dia 20 de setembro eu to em licença prêmio e depois acho que já não volto mais.

Pesquisador: Há quanto tempo a sra. não estudava até prestar o vestibular para a Unopar?

ExAa: 23 anos

Pesquisador: E o início do curso, por ser uma modalidade a distância e o uso das tecnologias, foi muito complicado?

ExAa: (...) isso é uma coisa que eu também já tinha visto acontecer (referindo-se à modalidade), porque o meu pai, ele estudou curso de rádio-técnico, um curso da Espanha... vinha os fascículos prá ele... Então eu já tinha uma noção...

Pesquisador: Sim. Da modalidade a sra. já tinha uma noção...

ExAa: É... o meu pai ficava em casa estudando... aquilo vinha pelo correio... E no próprio curso da Unopar falava, assim, sobre isso... que após a guerra (...) Eu achei assim, uma maravilha, né?

Pesquisador: E a questão do computador e da internet?

ExAa: Quando eu cheguei aqui eu não conhecia... Eu vou dizer assim: eu vim com a cara e a coragem, porque eu não tinha nem computador... mas, aí eu fui vendo que a ferramenta principal era o computador... três meses depois que eu já tava no curso eu disse: não, tenho que me lançar... tenho que aprender... daí eu vi como eu já tava atrasada na computação... já estava aí há 20 anos, já...

Pesquisador: Sim... a sra. nunca tinha tido notícias do computador, da internet, nada? Nunca tinha utilizado?

ExAa: Nunca... nada... nada... nada... quando muito conhecia o teclado, por causa da datilografia. Mas aí me encantei né? com o computador me encantei [risos]... fui indo, fui indo e...

Pesquisador: E como é que foi o processo de aquisição... a sra. entrou em cursos, essas coisas assim?

ExAa: Eu fiz um curso básico e daí fui desenvolvendo.

Pesquisador: E como é que a sra. fazia suas atividades aqui na faculdade, no início?

ExAa: No início eu pagava prá alguém digitar pra mim. Eu redigia tudo, sempre gostei muito de escrever, não é? Tinha parte muito teórica também, não é? E eu pagava pra redigir... eu redigia, quer dizer, e pagava para digitar.

Pesquisador: E isso nunca foi um grande problema prá senhora? A sra. nunca pensou em desistir?

ExAa: Não, não... nunca pensei em desistir... eu sempre pensei que ia aprender... e quando foi no final, a TCC, eu já montei ela... tudo dentro das normas... explicavam bem, não é? Davam modelo prá gente... margem do lado direito (...)

Pesquisador: Então, no primeiro semestre a sra. trazia gente para digitar. A partir de quando a sra. mesma começou a enviar os seus trabalhos?

ExAa: Não, de fazer a gente tinha que fazer mesmo... Mas de fazer e enviar... aí sim... foi uma satisfação, não é? (...) uns três meses depois já

comecei a fazer... tinha um pouco de dificuldade de digitar, quando era um conteúdo maior, e aí que eu pagava pra menina digitar prá mim...

Pesquisador: E como a sra. se sentiu quando a sra. começou a fazer tudo: eu digito, eu envio... eu faço tudo, assim...?

ExAa: Ah! É uma satisfação pessoal muito grande, não é? Porque tudo o que a gente acrescenta a si mesmo, com o esforço da gente... E aí eu fui conhecendo a ferramenta, aprendendo a lidar com ela, conhecendo o que significava tal tecla..., enfim... fui descobrindo, então isso aí vai encantando a gente, porque o computador é infinito o que a gente pode aprender nele... a gente aprende hoje e tem mais coisa prá se aprender, aprender, aprender...

Pesquisador: E a sra. continua trabalhando com o computador?

ExAa: Continuo, continuo, direto... Eu tenho até um note book agora [risos]... eu tenho dois (...)

Pesquisador: E prá que a sra. usa mais? Acessa muito a internet?

ExAa: Eu acesso sempre. Todos os dias. Todos os dias. E, hoje eu digito. Eu faço digitação... eu tenho amigos que são compositores, e eu... transcrevo, né? Eles redigem a mão e eu digito prá eles... ainda coloco o título das músicas que às vezes eles me pedem prá colocar... sugiro títulos...

Pesquisador: Então a sra., de não saber fazer nada no computador, passou a ajudar os outros, também...

ExAa: Eu dou aulas, também, assim... com hora marcada, na casa de amigas, conhecidas... porque tem pessoas, assim, com a minha idade, e menos, até, que tem vergonha de ir pra uma escola, e de chegar lá no meio de jovens e dizer: ah, eu não sei nada, eu não sei nada... aí eu dou aula, cobro por hora... dou aula de computação...

Pesquisador: Então essa é a sua atividade profissional... a sra. disse que não tinha...

ExAa: É, realmente, agora eu to fazendo isso assim... mas por prazer, sabe...

Pesquisador: A sra. dá aula particular de tecnologias... de computação...?

ExAa: É... dou... de computação... cobro R\$ 25,00 a hora... Em 4 aulas a pessoa já sabe enviar email, já sabe abrir sites... vários, não é?... aí eu boto nuns sites interessantes, de música, ensino a colar músicas... nas salas de bate papo... porque prá pessoa desembaraçar, tem que ir prá sala de bate papo... até pra digitar melhor (...) e agora, estou estudando HTML, porque eu quero montar um site prá mim... eu quero um site... é um site e blog assim, ao mesmo tempo (...) eu tenho hoje muitos amigos na internet... hoje eu tenho assim, uma infinidade de amigos... eu tenho assim, lá pelo Ceará eu tenho um médico, nos Estados Unidos, um biólogo..., né?... que se comunica comigo... mas são várias as pessoas...

Pesquisador: Quer dizer que a sra. está o dia inteiro ocupada com isso aí? [risos]

ExAa: É... [risos]...

Pesquisador: E isso tudo foi o computador que fez com a sra?

ExAa: É... o computador... o computador... tem muita coisa assim no computador... só sente solidão, quem não se comunica. Essa ferramenta é uma ferramenta grandiosa. Isso me faz me lembrar (...) houve uma separação pela Torre de Babel... misturou as línguas... e agora o contrário... eu não sei falar outro idioma e eu me comunico, porque tem o tradutor... tem um rapaz que é alemão, o outro que é grego... e eu converso com eles... Só que a gente demora mais um pouquinho... e eu coloco no tradutor, né? E aí eu envio prá ele, pelo MSN... que as empresas também usam o MSN prá se comunicarem... quer dizer, ali ta a união de todas as raças... onde tiver um computador com a internet, a gente pode...

Pesquisador: Então, houve a separação pela Torre de Babel e agora a União...

ExAa: É. O Bill Gattes uniu [risos]... o Bill Gattes uniu... [risos]... E com menos esforço. A tecnologia, uniu as Nações. A tecnologia... uniu...

Pesquisador: A sra. consegue se imaginar, hoje, sem o computador e a internet?

ExAa: Não! Não... não... [com expressão de espanto]... Hoje prá se comunicar com os familiares... eu encontrei familiares no nordeste (...) então, um dos primos irmãos, meus, era dono da oficina mecânica que ele fazia a manutenção do carro (...) eu encontrei os familiares, através da internet, conversando com as pessoas...

Pesquisador: E a sra. pesquisa sobre qualquer assunto?

ExAa: Ah Sim!... sobre qualquer assunto... por exemplo... sobre transcomunicação... eu já tinha ouvido (...) o campo é muito vasto (...) e eu não gosto do computador assim, prá ver receitinha de bolo... essas coisinhas assim... marca de shampoo... não... prá mim isso aí não...[risos]... eu gosto de coisa mais de peso... e agora eu to com o meu lá... (referindo-se ao note book)... já comprei um bom, assim... e disse: não, agora quando eu for viajar, tu vais comigo... eu não posso imaginar outro aparelho que vá substituir a computação, assim... cada vez ele vai se aprimorando mais... dos grandes, olha o tamanhinho que já ta e ainda tem os bem pequenininhos, compactos... tem os pequenininhos que fazem tudo... das pessoas estarem a 10 metros e estarem enviando mensagem... Eu tenho um desses pequenininhos também... ainda não aprendi a usar todas as funções... MP13... ele tem 13 funções (...)

Pesquisador: A sra. está perfeitamente equipada com as tecnologias da atualidade...

ExAa: É, tem 13... tem 13 funções... Então isso me encanta, sabe?... isso me encanta...

Pesquisador: Fica sozinho quem quer, não é? [risos]

ExAa: Fica sozinho quem quer... porque tem a web cam, tem o microfone prá gente falar... não é dizer assim... ah!, a pessoa fica silenciosa... fica também quem quer...

Pesquisador: E quando a sra. se comunica com os seus amigos da internet, a sra. se comunica através da web cam?

ExAa: Também... do Japão... do Japão... direto... a imagem bem nítida do Japão... Portugal, também... bem nítida... como se tivesse conversando, assim... não dá nem prá sentir que ta distante da pessoa... não dá mesmo prá sentir que ta distante. É muito próximo mesmo.

Pesquisador: E com parentes, a sra. também se comunica?

ExAa: Me comunico direto. Eu tenho uma sobrinha no Mato Grosso... tem lá no interior do Ceará... (...) eu tenho em Santos, um sobrinho que é formado nessa área... de tecnologias... ele domina bem... Então é assim: eu entusiasmo as pessoas... agora mesmo, eu to ajudando uma senhora de 81 anos, num note book... e ela ta felicíssima porque já aprendeu a abrir a caixa de entrada, ver a correspondência e responder... então ela ta felicíssima, porque essa senhora viaja muito... ela já fez 16 viagens para a Europa. Ela vai nas excursões... então ela contata muito (...) e hoje aconselhei uma outra senhora, também, a adquirir (...) que ela estava se sentindo triste, que já faz dois anos que a mãe faleceu... carga disso... cada um vai no seu tempo, na sua hora... (...) se nós estamos aqui, nós temos que continuar... então, vou aprender...(...) a gente só tem a ganhar... consigo mesmo e ainda colabora com as outras pessoas... ganhando dinheiro ou não ganhando, mas preferencialmente ganhando. A gente colabora com os outros.

Pesquisador: A sra. me deu um depoimento muito bom, muito interessante. Vai me ajudar bastante e eu queria lhe agradecer. Muito obrigado.